



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

**'SUBIR À MONTANHA, DESCER À ALDEIA': A LITERATURA
DE TRAUMA NAS MEMÓRIAS DA REVOLUÇÃO CULTURAL
CHINESA**

**Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Estudos
Orientais, especialização em China**

Por

Maria João Machado da Silva Marques Pinheiro

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2015



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

**'SUBIR À MONTANHA, DESCER À ALDEIA': A LITERATURA DE
TRAUMA NAS MEMÓRIAS DA REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA**

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Estudos Orientais, especialização
em China**

Por

Maria João Machado da Silva Marques Pinheiro

Faculdade de Ciências Humanas

**Sob orientação de Prof. Doutor Jorge Santos Alves e Doutora
Elisabetta Colla**

Setembro de 2015

Esta dissertação analisa os livros *Spider Eaters*, *Red Azalea* e *Leaf in the Bitter Wind*, que são memórias sobre o período da Revolução Cultural Chinesa escritas em inglês por mulheres expatriadas na América do Norte, por autoras que viveram a Revolução Cultural como adolescentes e jovens adultas e que participaram na experiência de envio dos jovens cidadãos para as zonas rurais chinesas, conhecido como ‘Subir à Montanha, Descer à Aldeia’. A análise é feita da perspectiva do trauma presente nas obras e da literatura de trauma. Apresenta os livros de memórias como uma forma de processar o trauma da Revolução Cultural, concretamente como forma de escritoterapia, segundo o conceito proposto por Suzette Henke. Apresenta o contexto histórico da Revolução Cultural como um ambiente potenciador do trauma, concretamente nas vivências como Guardas Vermelhos, ou alvo dos Guardas Vermelhos, e, depois, como jovens enviadas para as zonas rurais. Inserem-se as memórias sobre a Revolução Cultural, escritas em inglês por mulheres expatriadas no mundo anglo-saxónico, dentro de algumas expressões do trauma da Revolução Cultural ocorridas desde os finais dos anos 1970. Analisam-se, por fim, os traumas relatados nas três obras escolhidas: as perseguições políticas, as autoras como agressoras, o totalitarismo na sua relação com o indivíduo, expresso na vigilância omnipresente ou na repressão da afetividade e da sexualidade das autoras, e a partida da China como sintoma do corte ocorrido com os eventos traumáticos da Revolução Cultural.

Para os meus filhos,
Francisco e João Maria.

Para que aprendam o valor da liberdade também com os testemunhos do passado.

Agradecimentos

Há várias pessoas a quem devo agradecer pelo seu contributo para esta dissertação de mestrado.

Em primeiro lugar, estou profundamente grata aos meus orientadores, Prof. Doutor Jorge Santos Alves e Doutora Elisabetta Colla. Agradeço-lhes os ensinamentos fornecidos durante a parte curricular do mestrado, que foram determinantes para a elaboração desta dissertação, os contributos e as sugestões para o conteúdo da dissertação, a disponibilidade para as minhas dúvidas metodológicas, a sugestão e o empréstimo de bibliografia, o incentivo durante um período longo de escrita, a liberdade com que sempre me permitiram perseguir um tema ainda hoje tão suscetível, o laborioso trabalho de revisão e, também, a paciência para os meus atrasos e teimosias. Foram ambos essenciais para a concretização e conclusão desta dissertação, que seria muito mais pobre sem o seu envolvimento.

Agradeço à Faculdade de Ciências Humanas e ao Instituto de Estudos Orientais a possibilidade de me permitirem estudar em contexto académico, e com uma grande qualidade científica da parte do corpo docente, a realidade da China, que eu apenas conhecia pelas viagens de trabalho, dos livros e das notícias de jornais.

Agradeço às várias pessoas que me forneceram materiais diversos para esta dissertação. Destaco algumas. Agradeço a Rae Yang, a autora de *Spider Eaters*, o envio de algumas informações biográficas que me permitiram completar o seu percurso de vida nos Estados Unidos. Fiquei muito honrada com a sua resposta simpática e pronta ao meu email. Agradeço a Jonathan Unger a sua mensagem cordial e o envio do seu ensaio, em coautoria com Anita Chan e Stanley Rosen, sobre os Guardas Vermelhos em Guangzhou durante a Revolução Cultural. Agradeço a Yiju Huang o envio da sua tese sobre as expressões do trauma da Revolução Cultural no cinema chinês contemporâneo. Agradeço a Beatriz

Hernandez o envio do seu ensaio sobre a memória na China e do seu livro. Ao Doutor João Pedro Oliveira agradeço pelo envio de materiais sobre trauma, pelas sugestões bibliográficas e pela revisão, do ponto de vista da Psicologia Clínica, do primeiro capítulo da dissertação.

Por fim, agradeço à minha família todo o apoio e afeto que generosamente me deram. À minha Mãe, pelo apoio logístico que deu à minha organização familiar, sobretudo durante a parte curricular do mestrado. Ao Vasco, pela ajuda e pela sobrecarga de atividades domésticas e familiares que os meus tempos dedicados a esta dissertação implicaram. Aos meus filhos, Francisco e João Maria, pela inspiração e alegria constantes que são.

“The past is forever with me and I remember it all.”
Nien Cheng

Índice

Lista de Acrónimos e nota sobre nomes chineses e citações 7

Introdução 8

1. Revisão da Literatura e Conceitos Fundamentais 15

1.1. Revisão da Literatura 15

1.2. Trauma: definição, história e debates 23

1.2.1. O Trauma e a sua génese 23

1.2.2. Trauma e memória – conceitos e debates 25

1.3. Literaturas de trauma 31

1.3.1. Escritoterapia 35

2. A História, essa vilã: o ambiente que alimentou o trauma. 38

2.1. Ascensão e queda dos Guardas Vermelhos 39

2.2. ‘Subir à montanha, descer à aldeia’ 46

2.3. O canto do cisne da Revolução Cultural 55

2.4. ‘As mulheres conseguem segurar metade do céu’: o peculiar feminismo da Revolução Cultural 56

2.5. O legado da Revolução Cultural 59

3. ‘Eat shit and survive’: ondas de choque da Revolução Cultural 62

3.1. Expressões do trauma da Revolução Cultural 62

3.1.1. *Scar Literature* 62

3.1.2. Nostalgia dos anos 1990 67

3.1.3. Memórias da Revolução Cultural 73

3.1.4. Pedidos de Perdão dos Guardas Vermelhos 77

3.2. Debates sobre as memórias 79

4. Ting-xing Ye, Rae Yang e Anchee Min: três jovens cidadinas em crise 87

4.1. Perseguições políticas 87

4.2. No papel dos agressores 93

4.3. O totalitarismo que esmaga o indivíduo 98

4.4. Partida da China 107

Conclusão 110

Fontes 114

Bibliografia 115

Anexo A – Cronologia da Revolução Cultural Chinesa 129

Anexo B – Breve biografia das autoras estudadas 132

Lista de Acrónimos e Nota sobre nomes chineses e citações

ELP – Exército de Libertação Popular

GCRC – Grupo Central da Revolução Cultural

GSF – Grande Salto em Frente

GV – Guardas Vermelhas

KMT - Guomindang

LBW – *A Leaf in the Bitter Wind*, de Ting-xing Ye

PCC – Partido Comunista Chinês

PMG – Primeira Guerra Mundial

PSPT – Perturbação de Stress Pós Traumático

RA – *Red Azalea*, de Anchee Min

RC – Revolução Cultural (Grande Revolução Cultural Proletária)

SE – *Spider Eaters*, de Rae Yang

SGM – Segunda Guerra Mundial

Os nomes chineses dos autores citados foram mantidos segundo a forma utilizada pelos mesmos nas publicações citadas. Quando os autores usam o nome segundo as convenções ocidentais, primeiro nome e depois apelido, foi mantida a forma de citação de nomes ocidentais.

As citações de *Spider Eaters*, de *Red Azalea* e de *Leaf in the Bitter Wind* foram mantidas no original inglês para preservar a pureza do significado e a qualidade literária dos excertos citados. As restantes citações, de índole científica, foram traduzidas para português por uma questão de uniformidade, uma vez que as obras citadas são em várias línguas. As traduções são minhas.

Introdução

Em setembro de 2013, durante a ofensiva do Partido Comunista Chinês (PCC) contra os conteúdos pouco obedientes da internet chinesa, foi endurecida a ação, pelas autoridades do PCC, do policiamento da internet chinesa contra os falsos rumores que circulavam sobre o PCC e os seus oficiais. A justificação fornecida foi a comparação dos falsos rumores da internet às denúncias (também elas muitas vezes pouco verdadeiras) feitas no tempo da Revolução Cultural (1966-1976) através dos omnipresentes posters de grandes caracteres que o “cidadão comum” chinês usava para expressar o fervor revolucionário, denunciar vizinhos ou professores ou oficiais partidários, executar pequenas vinganças ou, simplesmente, participar na revolução.

Em 2014 ressurgiu uma entrevista que Xi Jinping, presidente da República Popular da China (RPC), havia dado dez anos antes sobre a sua experiência de jovem letrado cidadão que foi enviado para a zona rural de Yan’an durante a RC. Vários textos jornalísticos se escreveram então sobre o facto de esta geração que “subiu à montanha e desceu à aldeia”, que viveu parte dos seus anos formativos da juventude durante a RC, ocupar agora grande parte dos lugares cimeiros da hierarquia do PCC. Além de vários líderes provinciais e ministros, além de Xi, mais cinco dos seis outros membros da Comissão Permanente do Politburo do PCC pertencem a esta geração. O movimento político “Nova Esquerda”, liderado pelo entretanto condenado Bo Xilai, até à ascensão de Xi Jinping, em 2012, teve uma crescente adesão na sociedade chinesa. Este movimento destacava-se por declaradamente pretender um regresso político ao maoísmo, e propiciava comícios e encontros com a população onde os rituais da RC eram reencenados.

Em 2015, sites de notícias dedicadas à China com frequência analisam as reminiscências da liderança de Mao Zedong na liderança de Xi Jinping. Em Fevereiro deste ano, o site *China File* questionava “Is Mao Still Dead?” e fornecia as respostas de académicos

reputados da Sinologia, como, entre outros, Andrew J. Nathan, Roderick Macfarquhar, Michael Schoenhals ou Rebecca E. Karl.

Facilmente concluímos, portanto, que os temas relacionados com o maoísmo – e, desde logo, com a última campanha de Mao, a Grande Revolução Cultural Proletária – mantêm toda a relevância para o estudo e a compreensão da China da atualidade. Foi desta constatação que germinou a ideia de estudarmos nesta dissertação de Estudos Orientais esse período do zénite do maoísmo que foi a RC.

A RC, que se iniciou em 1966 e perdurou até pouco depois da morte de Mao em 1976, foi um período de grandes alterações na vida de grande parte dos então cerca de seiscentos milhões de habitantes da RPC. Várias estimativas apontam para que mais de um sexto da população tenha sofrido qualquer tipo de perseguição ou violência. E parte dos restantes foi agente na violência sobre outras pessoas. A grande maioria foi participante, empenhada ou relutante, na ritualização maoista que se impôs durante a RC, desde logo nos cada vez mais elaborados e rocambolescos atos requeridos pelo culto de Mao. Onde quem não participava com aparência sincera corria o risco de ser alvo de perseguição política, ser violentado, preso, exilado, torturado ou morto. Ninguém ficou à margem da RC na década entre 1966 e 1976.

Uma camada da população particularmente relevante para os eventos que compuseram a RC, e que sofreu um tremendo impacto nas suas vidas com as ideias de Mao nos seus últimos anos de vida, foi o grupo de adolescentes e jovens adultos que terminavam a escola secundária durante o período da RC. A paixão revolucionária dos jovens chineses foi uma força que Mao deliberadamente usou para destruir a hierarquia do PCC. Esta, à medida que se institucionalizava, afastava-se cada vez mais dos ideais de Mao de uma burocracia vocacionada sobretudo para a luta de classes, em vez de para a eficácia da governação. A adesão dos jovens ao chamamento de Mao do início da RC, para que se rebelassem contra a autoridade do PCC, para que perseguissem os alegados revisionistas da burocracia

partidária que queriam regressar ao capitalismo, para que atacassem os reais ou imaginários inimigos da revolução maoísta, foi uma força poderosa cujo controlo acabou por escapar a Mao. Finalmente com permissão para contestarem as autoridades escolares e familiares, com as aulas suspensas para se poderem dedicar a tempo inteiro à RC, os jovens organizaram-se em grupos de Guardas Vermelhos (GV) e espalharam o terror pelas escolas, universidades e cidades chinesas.

No verão de 1966, tornou-se comum o espancamento de professores, de secretários partidários e de colegas (os das famílias ditas contrarrevolucionárias) das escolas e universidades, a humilhação pública dos alvos dos GV em sessões de luta perante os jovens estudantes em fúria, a prisão dentro das escolas, o assassinato. Com frequência os assim denunciados, torturados e publicamente humilhados cometiam suicídio. As casas das famílias capitalistas eram invadidas, revistadas, saqueadas e os seus habitantes espancados, expulsos das suas habitações ou assassinados.

A atividade dos estudantes cedo se transformou em lutas de fações entre os vários grupos de GV, com grande violência entre si, inserindo-se depois no ambiente de guerra civil que opôs operários e militares, fações rebeldes e fações mais institucionais. No fim de 1968, Mao impõe a ordem na China através do Exército, e decide enviar os jovens com a escola secundária terminada para as zonas rurais chinesas para se tornarem camponeses para o resto das suas vidas. Generaliza-se assim o já existente programa governamental de “Subir à Montanha, Descer à Aldeia”.

Tal como o período inicial da RC, este exílio forçado nas zonas rurais vai ter um impacto profundo na vida dos jovens chineses. Privados de uma educação formal, sob o controlo arbitrário dos oficiais do PCC, longe da sua família, sem capacidade para se auto-sustentarem através do trabalho agrícola, em condições de vida com uma pobreza atroz desconhecida nas cidades, em contacto com camponeses que afinal são saudosistas do

caído em desgraça Liu Shaoqi – os jovens educados vão ver desfeitas todas as suas ilusões sobre o maoísmo.

Esta geração vai, após a RC, ter dificuldades acrescidas face às reformas capitalistas adotadas por Deng Xiaoping, desde logo pela ausência de qualificações académicas que lhe permitisse competir no mercado laboral. Mas é também uma geração que se vai notabilizar na literatura do período pós maoista, seja na *scar literature* seja com os livros de memórias sobre o período da RC.

Dentro das memórias sobre as experiências da RC, destacaram-se as obras escritas em inglês, publicadas nos países anglo-saxónicos, maioritariamente por mulheres chinesas que haviam partido da China e construído a sua vida naqueles países após o fim da RC. A literatura sino-americana é um nicho de mercado florescente e os livros de memórias têm sido dos géneros mais publicados, atestando não só a qualidade das obras mas também o interesse crescente que a China tem suscitado no Ocidente. Assim, decidimos estudar três exemplares destes livros de memórias sobre a RC: *Spider Eaters*, de Rae Yang, publicado nos Estados Unidos em 1997; *Red Azalea*, de Anchee Min, publicado também nos Estados Unidos em 1994; e *A Leaf in the Bitter Wind*, publicado no Canadá em 2000. As três autoras têm em comum o facto de terem vivido a RC como adolescentes e jovens adultas, de terem sido enviadas para as zonas rurais depois de terminada a escola secundária, de terem partido definitivamente da China nos anos 1980 e de terem escrito os seus livros já em contexto dos países de destino.

Estudamos os três livros de memórias a partir do trauma da RC e da literatura de trauma. Consideramos esta análise relevante uma vez que a literatura sino-americana, incluindo os livros de memórias, tem merecido inúmeros estudos partindo da análise literária destas obras, fazendo análises comparativas sobre os diferentes tipos de memórias sobre a RC publicados em diferentes partes do mundo, mas não tanto estudando-as como objetos reveladores de trauma e como literatura de trauma. Por outro lado, várias expressões

culturais posteriores à RC têm sido estudadas como manifestações do trauma causado pela RC, e muitos livros e ensaios têm sido produzidos sobre a expressão artística deste trauma específico. Mas centram-se sobretudo na *scar literature*, na obra literária de autores como Wang Shuo, no cinema da quinta geração de realizadores chineses, nas séries televisivas produzidas na China depois da viragem do milénio, etc., mas, novamente, não especificamente estudando estas memórias de chinesas expatriadas como, também, locais de trauma.

O que não significa que este tipo de memórias não tenha causado impacto nos meios académicos. Pelo contrário. O seu sucesso editorial assegurou que o mundo académico lhes prestasse atenção. Os historiadores e sinólogos, regra geral, congratularam-se com o surgimento destes testemunhos sobre um período tão relevante da história da RPC. Foram feitas recensões por académicos conceituados tanto em publicações académicas como nos jornais tradicionais. Mas houve também quem questionasse a autenticidade e relevância destas obras, sobretudo os académicos mais críticos da China da era das reformas capitalistas.

Consideramos, assim, que estudar o trauma da RC constante nestes livros, e de que forma estas memórias são literatura de trauma, supria um vazio ainda não totalmente coberto na Academia. Para esta análise, metodologicamente começámos por descrever os mais relevantes desenvolvimentos na produção científica para os vários temas que abordamos: a teoria do trauma, a literatura do trauma, a história da RC e as expressões culturais cujo objeto é a História Chinesa recente. De seguida, definimos aquilo que procuraríamos em *SE*, *RA* e *LBW*, concretamente o que consideramos como trauma nesta dissertação e o que são as literaturas de trauma e qual a sua função. Usámos abundantemente as obras sobre trauma de Cathy Caruth e de Judith Herman, a primeira proveniente das Humanidades e a segunda da Psiquiatria, mas ambas de uma linha psicanalítica. Neste contexto, apresentámos também o conceito de escritoterapia, proposto por Susette A. Henke, em *Shattered Subjects, Trauma and Testimony in Women's Life-Writing*, como uma forma de cura para o trauma resultante do processo de contar o trauma através da escrita.

No segundo capítulo, apresentamos o contexto histórico da RC, que foi não só o ambiente onde ocorreram os eventos traumáticos relatados nas três obras analisadas, como foi um contexto histórico que propiciou a ocorrência do trauma. O título do capítulo foi adaptado de Wang Ban, em *Illuminations from the Past, Trauma, Memory and History in Modern China*. Nesta obra, na sua análise do filme *Blue Kite*, de Tian Zhuangzhuang, Wang Ban refere que a História da China é o vilão do filme. É a História Chinesa que vitimiza, um atrás do outro, os maridos da protagonista do filme, numa perseguição incansável e funesta que não termina. O primeiro marido é vítima da campanha anti-direitista depois do falhanço da campanha das Cem Flores. O segundo marido morre devido ao Grande Salto em Frente. E o terceiro marido é vítima do ataque à burocracia do PCC durante a RC. Vemos da mesma forma a história da RC. As sucessivas campanhas desta revolução foram sucessivamente criando novas vítimas, potenciando traições, desentendimentos e desconfianças entre os que anteriormente partilhavam laços afetivos. Novos indivíduos foram sendo perseguidos e novas vidas foram sendo prejudicadas ou destruídas, numa voracidade de caos e destruição aparentemente incompreensível. Sem retirar as responsabilidades políticas e morais aos que lançaram e implementaram as várias campanhas de destruição da RC, foi de certa forma a própria História que vitimizou os chineses durante a RC e, concretamente, Rae Yang, Anchee Min e Ting-xing Ye.

No terceiro capítulo abordamos algumas expressões do trauma da RC, ocorridas desde o final da década de 1970 até à atualidade: a *scar literature*, a nostalgia dos anos 1990, as memórias sobre a RC e os pedidos públicos de perdão dos antigos GV. Estas evocações traumáticas são tanto expressões do trauma como afirmações de sobrevivência ao evento traumático. Como Margo Gewurtz, em «The Afterlife of Memory in China: Yang Jiang's Cultural Revolution Memoir», escreve sobre o livro de memórias da intelectual Yang Jiang, a vivência da RC pode ser resumida na expressão “eat shit and survive” (Gewurtz, 2008: 39). Por fim, participamos no debate sobre estas obras de memórias, quanto à assunção de responsabilidades pelas autoras e, mormente, ao nível dos objetivos que as autoras declaram face aos que lhes são atribuídos.

No quarto capítulo analisamos os principais traumas constantes nas memórias de Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min. Agrupamos esses traumas em três grandes grupos: as perseguições sofridas pelas autoras; as autoras enquanto agressoras, explorando o trama dos agressores também constante nestas obras; e a relação de um estado totalitário com as três autoras, sobretudo ao nível da falta de autodeterminação do próprio destino, da vigilância opressora e da repressão sexual pela puritana moral sexual maoista. Terminamos com a partida da China, ferozmente perseguida por cada uma das três autoras, e que foi o último ato dos eventos traumáticos vividos durante a RC. Esta partida é tanto sintoma do corte com a comunidade que o trauma da RC implicou para as três autoras, quanto uma escolha da liberdade. Desde logo a liberdade de contarem a sua história, de fazerem a sua escritoterapia, sem constrangimentos impostos pelas políticas da memória do PCC.

1. Revisão da Literatura e Conceitos Fundamentais

1.1.Revisão da Literatura

Trauma e literatura de trauma têm sido objeto de um número considerável de estudos nos últimos trinta anos. Recuando até às origens do conceito de trauma, foi Freud quem primeiro o sistematizou, no período entre guerras da primeira metade do século XX, nas obras *Beyond the Pleasure Principle* (1920) e *Moses and Monotheism* (1939), fazendo uso do conhecimento que se tinha dos traumas dos soldados após a Primeira Guerra Mundial (PGM) e desenvolvendo os estudos sobre histeria do próprio Freud¹, constantes em *Studies on Hysteria* (1895), com Joseph Breuer, e *The Aetiology of Hysteria* (1896). O fulcro do conceito de trauma foi já então enunciado por Freud e mantêm toda a atualidade. Freud propôs também uma cura para o trauma – a psicanálise – a que chamava de *talking cure*. Jacques Lacan, nos seus *Écrits* (1966) e, sobretudo, nas suas aulas sobre psicanálise, publicadas como *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis* (1973), desenvolveu também, partindo de Freud, o conceito de trauma, aprofundando aquela que é a dimensão mais misteriosa do trauma: o facto de o evento traumático não ser de facto vivenciado no momento.

Foi após a consagração da doença Perturbação de Stress Pós Traumático (PSPT) em 1980 pela American Psychological Association que se multiplicou a literatura deste tema, levando a que o trauma, até aí propriedade da Medicina e da Psicanálise, se tornasse objeto de estudo também nas Humanidades.

A primeira leva de críticas ao novo PSPT surgiu de autoras feministas e revelaram-se instrumentais para a alteração dos critérios da doença. Permanecendo na linha psicanalítica de Freud, uma obra fundamental para o estudo do trauma é *Trauma and Recovery, The Aftermath of Violence – from domestic abuse to political terror*, de 1992, da psiquiatra e

¹ E de médicos como Jean-Martin Charcot, Pierre Janet e Josef Breuer.

feminista Judith Herman. A primeira parte da obra apresenta um resumo da evolução do estudo do trauma e centra-se na descrição de vários tipos de trauma: trauma político e neuroses de guerra, violência doméstica e violência sexual sobre mulheres e, por fim, abuso sexual de crianças. Na segunda parte refere tratamentos, dos quais fazem parte contar a história do trauma e encontrar uma missão como sobrevivente de trauma. Herman demonstra ser a mesma doença o trauma de guerra (o paradigma do trauma masculino) e o trauma por violência sexual (o trauma feminino mais frequente) e identifica este último como a histeria estudada inicialmente por Freud. Também o ensaio de Laura S. Brown, «Not Outside the Range: One Feminist Perspective of Psychic Trauma», publicado em *Trauma, Explorations in Memory*, editado por Cathy Caruth em 1995, foi essencial para a crítica ao PSPT e, assim, para o desenvolvimento do conceito de trauma. Outra obra relevante, nesta perspectiva feminista, é a da crítica literária Shoshana Felman e Dori Laub (psiquiatra), *Testimony, Crisis of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*, de 1992. Laub, partindo dos relatos de trauma do Holocausto, faz aqui uma relevante análise do que é prestar testemunho de um evento traumático, da relação e da validade da verdade subjetiva do sobrevivente do trauma face à verdade histórica, e da simultânea necessidade e impossibilidade do sobrevivente contar o trauma. Todas estas obras feministas são relevantes também no debate sobre a memória traumática, a sua validade e fiabilidade, defendendo a verdade da memória traumática.

Ainda nos anos 90, mas incontornáveis, são as obras de Cathy Caruth, que se junta à linha de Freud, de Lacan e de Herman para constituir um corpo teórico sobre trauma na linha psicanalítica – ainda que Caruth o estude sob o prisma das Humanidades. A obra de 1995, referida acima e editada por Caruth, engloba não só duas introduções temáticas de Caruth sobre o trauma, que irá desenvolver, a solo, depois, bem como o ensaio de Dori Laub, sobre a crise de testemunho de um trauma, e o ensaio fulcral (para o debate sobre memória) de van der Kolk e van der Hart sobre a natureza e a conservação da memória traumática. Em 1996 Caruth publicou *Unclaimed Experience, Trauma, Narrative and History*, onde revisita os estudos e as conclusões sobre trauma de Freud e Lacan, aprofunda o conceito de trauma e analisa as formas de contar o trauma e a relação deste com a História. Caruth explora de forma magistral a natureza fugidia do momento do trauma e,

por isso mesmo, defende que a literatura é a forma preferencial de representação do trauma.

Mais recentemente, vários autores das Ciências Humanas publicaram sobre o trauma e o seu impacto nas expressões artísticas. Em 2000, Ruth Leys em *Trauma, A Geneology*, esboça a evolução do estudo do trauma nos seus momentos mais marcantes e elabora uma feroz crítica a Caruth e van der Kolk, terminando com um ponto da situação no debate, à época, sobre o trauma. De E. Ann Kaplan temos, em 2005, *Trauma Culture, The Politics of Terror and Loss in Media and Literature*, onde se faz uma história do conceito de trauma e se analisam várias obras, literárias e audiovisuais, que contêm relatos de trauma, incluindo já neste lote o ato terrorista de 11 de Setembro de 2001.

Na bibliografia sobre literaturas de trauma, usamos sobretudo três obras. A primeira é *The Trauma Question*, de Roger Luckhurst, de 2008, que faz novamente o estudo genealógico do conceito de trauma e analisa a representação do trauma em várias formas de arte e nos media. Dentro destas, temos um capítulo dedicado ao trauma contado na primeira pessoa. Crítica ainda aquilo que chama de “cultura de trauma”, com uma permanência das histórias de trauma nos meios de comunicação social e cultural, de alguma maneira banalizando o trauma, tornando-o o centro de todas as expressões culturais e estendendo o fenómeno a toda a sociedade através do contágio do trauma. Questiona também o enfoque dado ao trauma e ao evento traumático, o uso (que ficamos com ideia que Luckhurst considera abuso) do trauma para construção de identidade de grupo ou como forma de reclamar uma superioridade moral que o autor considera ser atribuída às vítimas de trauma pela sociedade, em detrimento de processos de *working-through* (i.e., de cura e assimilação do trauma). Sobre o que chama de “*memoir boom*”, existente desde os anos 1990, argumenta que há tanta apetência pelos relatos de sofrimento alheio que não existem apenas as memórias de trauma como género literário, existem também as “memórias de infelicidade” e as “memórias de depressão”, contando eventos e períodos de vida infelizes mas não traumáticos.

Na segunda, *Worlds of Hurt, Reading the Literatures of Trauma*, Kali Tal (1996) apresenta pela primeira vez uma definição de literatura de trauma e aborda obras literárias sobre alguns traumas específicos: Holocausto e extinção dos índios nativos americanos, guerra do Vietname e abuso sexual de crianças.

A terceira, *Shattered Subjects, Trauma and Testimony in Women's Life-Writing* (2000), de Suzette Henke, destaca-se dentro das numerosas obras que na última década e meia foram escritas aplicando o estudo do trauma e da literatura de trauma a obras literárias. Henke analisa alguns géneros de literatura autobiográfica no feminino e propõe um conceito inovador para estudar a literatura de trauma: o de escritoterapia, que consiste na escrita de vida (ou *life-writing*) como forma de terapia para o trauma. À cura ou melhoria dos sintomas de trauma devido à escrita desse trauma, a autora chama de “*narrative recovery*” e ilustra-a com os exemplos de Anais Nin e Sylvia Fraser. O conceito proposto por Henke tem sido aplicado e desenvolvido por outros autores, como Patricia Moran em *Virginia Woolf, Jean Rhys, and the Aesthetics of Trauma* (2007), que analisa o trauma por abuso sexual na literatura de Woolf e Rhys.

Já Reina van der Wiel, em *Literary Aesthetics of Trauma* (2013) estuda novamente as obras literárias de Woolf, bem como de Jeanette Winterson, do ponto de vista da ficção de trauma. Propõe algo paralelo à escritoterapia, mas baseando-se sobretudo na linha do *working-through*² do trauma de Luckhurst e Frank LaCapra. Van der Wiel considera que a literatura funciona como um contentor do trauma, ajudando a organizá-lo e a integrá-lo na vida do sobrevivente, e que este contentor é tanto mais eficaz quanto maior o grau de simbolização da literatura.

² Na linha de LaCapra (2001), *working-through* é o processo pelo que a vítima vai poder integrar o trauma, a fase em que já distingue o passado traumático do presente e, apesar de recordar o que lhe sucedeu, sabe que está a viver numa circunstância já diferente e com perspetivas para o futuro.

Para o conhecimento histórico dos anos da RC, uma das obras fulcrais é *Mao's Last Revolution* (2006), de Roderick Macfarquhar e Michael Schoenhals. Os autores centram-se sobretudo na história política, desde os antecedentes imediatos da RC até à prisão do Gangue dos 4 (G4) por Hua Guofeng e consequente julgamento. Esta obra mostra as motivações políticas da RC, bem como as sucessivas e circulares lutas de poder na cúpula do PCC, do Comité Central e do Politburo; a luta de facções entre os altos quadros revolucionários do PCC, o Grupo Central da Revolução Cultural (GCRC), o Exército de Libertação Popular (ELP) e o G4; as várias rondas de purgas da cúpula do PCC; as sucessivas campanhas lançadas durante os 10 anos da RC e seus objetivos políticos; e as inúmeras infleções políticas de Mao e do GCRC. Centra-se sobretudo na política nacional decidida em Beijing e, de forma menor, na municipalidade de Shanghai. Percorre também a violência da RC, mas analisando-a de forma agregada e particularizando apenas nos casos de violência exercida contra os altos quadros que são politicamente perseguidos, purgados, torturados, exilados, mortos.

Outra obra incontornável é a muito recente *China Under Mao, a Revolution Derailed*, publicada em 2015, de autoria de Andrew Walder. A obra abarca todo o período maoista, reservando contudo uma porção considerável para os eventos da RC e complementa *Mao's Last Revolution* com pormenores que não se centram apenas nas manobras políticas deste período. Ao conter um arco temporal maior do que o da RC, elucida-nos sobre os motivos que levaram Mao a lançar a RC de uma forma mais abrangente que Macfarquhar e Schoenhals. Assim, a campanha das Cem Flores, o Grande Salto em Frente e o sisma sino-soviético, bem como a desconfiança mútua que provocaram entre Mao e os altos escalões do PCC, são detalhados por Walder. Também perspectiva – devido ao mesmo arco temporal alargado – uma melhor interligação da herança maoista com a era da reforma de Deng Xiaoping que se seguiu.

Há também obras temáticas que se debruçam sobre os aspetos particulares da RC que mais influenciaram a vida (e as memórias) de Anchee Min, Rae Yang e Ting-xing Ye, as nossas autoras. Desta forma, sobre os Guardas Vermelhos, temos outra obra de Andrew Walder: *Fractured Rebellion, The Beijing Red Guard Movement*, de 2009. O autor relata a história dos GV desde a sua formação na Escola Secundária Anexa à Universidade Qinghua, no

verão de 1966, até à supressão do movimento em Dezembro de 1968 e ao envio dos GV para as zonas rurais. Centra-se sobretudo nos GV universitários e nas lutas de facções que colocaram a China em clima de guerra civil. Descreve também a importância dos GV das escolas secundárias – grupo onde as três autoras estudadas se incluem – no início da RC, bem como as tensões, debates e polémicas existentes entre estes adolescentes e entre estes e o GCRC. Também Anita Chan, Stanley Rosen e Jonathan Unger, em 1980, produziram um ensaio intitulado *Students and Class Warfare: The Social Roots of the Red Guard Conflict in Guangzhou (Canton)*. Estes académicos propõem uma explicação sociológica para a divisão que ocorreu nos anos iniciais da RC entre Velhos Guardas Vermelhos e Guardas Vermelhos Rebeldes, e apresentam várias estatísticas sobre o movimento dos Guardas Vermelhos em Guangzhou, obtidas através de expatriados em Hong Kong. Apesar de datado, este estudo continua inteiramente relevante.

Sobre o exílio dos jovens educados nas zonas rurais, a obra mais completa é talvez *The Lost Generation, The Rustification of China's Educated Youth (1968-1980)* (2004), de Michel Bonnin. Oferece-nos uma panorâmica do programa de “rustificação” desde o seu início em meados da década de 1950 até ao seu término em 1980. Descrevendo as várias fases, os objetivos políticos, económicos e ideológicos deste programa nas suas várias fases, a descrição das vivências dos jovens nas zonas rurais, bem como uma avaliação do impacto socioeconómico e político-ideológico que este programa teve na evolução recente chinesa. Jonathan Unger, fazendo uso mais uma vez de entrevistas a expatriados em Hong Kong, descreveu em 1979, em *China's Troubled Down to the Countryside Campaign*, as vivências dos jovens de Guangzhou que foram enviados para as aldeias e quintas chinesas. Tendo sido produzido pouco tempo depois do fim da RC, dá-nos uma vívida imagem das dificuldades que jovens e famílias (e aldeãos) tinham com este movimento político.

Para as vivências particulares femininas e para as questões da sexualidade, destacamos *Women In China's Long Twentieth Century*, de Gail Hershatter (2007). Para o nosso estudo são particularmente relevantes os capítulos sobre as questões de género, domésticas e da sexualidade feminina num ambiente repressivo e puritano como o da China maoista, e

sobre a relação ambivalente do PCC com as mulheres. Concretizando-se esta ambivalência no contraste entre a libertação feminina, que foi uma bandeira da revolução comunista, e a permanência de papéis estabelecidos para as mulheres na esfera doméstica e relacional. Apesar de libertas, a visão estabelecida sobre a passividade sexual feminina mantinha-se e considerava-se que a manutenção da ordem doméstica continuava tarefa no feminino.

Xueping Zhong e Tina Mai Chen, com os seus capítulos da obra editada por Wang Ban, *Words and Their Stories, Essays on the Language of the Chinese Revolution*, de 2011, intitulados com as conhecidas expressões maoistas sobre as mulheres revolucionárias – «*Women Can Hold Half the Sky*» e «*They Love Battle Array, Not Silks and Satins*», respetivamente – também se debruçam sobre o que é o ideal feminino revolucionário. Referem as alterações promovidas pelo PCC na vida das mulheres chinesas, insinuando na sua participação no mundo laboral e na construção da sociedade socialista, bem como da beleza feminina que a China liberta propunha e que contrastava com a beleza capitalista e da China feudal.

Em contraciclo com a maioria das obras historiográficas sobre a RC – que iluminam os malefícios das sucessivas manobras de Mao e as consequências dramáticas e muitas vezes violentas para as populações –, Paul Clark e Mobo Gao pretenderam ilustrar o que de bom surgiu da década de 1966 a 1976. Por esta razão, ambos criticam os objetivos dos numerosos autores de memórias sobre a RC e que a representam como um tempo de sofrimento pessoal e nacional.

Paul Clark, em 2008, com *The Chinese Cultural Revolution, A History* pretende colmatar uma falha que deteta em Macfarquhar e Schoenhals (2006): as mudanças na política cultural que deram o nome à revolução de 1966-76. Assim, faz uma resenha das obras culturais mais emblemáticas da década, com grande ênfase nos espetáculos-modelo: a sua conceção, os objetivos políticos de cada obra, o resultado. Clark entra na polémica sobre a RC e a forma como esta é retratada e lembrada por aqueles que a viveram, afirmando

pretender dar a perspetiva completa para que a RC possa ser melhor analisada. Ainda assim, e tendo em conta a função eminentemente política e pedagógica da arte autorizada da RC, Clark oferece-nos um documento interessante sobre o novo homem chinês que a RC almejava criar.

Ainda mais feroz na polémica sobre a atual representação da RC, Mobo Gao, com *The Battle for China's Past* (2008), apresenta uma resposta ao livro de Jung Chang e Jon Halliday *Mao, The Unknown Story*, ao livro de memórias do médico privado de Mao, Li Zhisui, *The Private Life of Chairman Mao*, e ao grande número de memórias autobiográficas publicadas, em chinês e em inglês, sobre o período da RC. É um livro claramente parcial nos factos que apresenta (que seleciona com tanta perícia como acusa Chang e Halliday de fazerem), numa clara apologia do maoísmo e repulsa pelas reformas de Deng Xiaoping a partir de 1978. Situando-se perto de um declarado revisionismo da História, chega a apresentar como credíveis estatísticas que apontam as mortes devidas ao Grande Salto em Frente (GSF) como “tão baixas como 200.000” (Gao, 2008: 60) e a apresentar como fontes credíveis os participantes não nomeados dos debates da internet.

A análise sobre as várias formas artísticas em que se tem representado a RC tem sido um tema profícuo nos livros dos sinólogos ocidentais, bem como tema para numerosas teses em Hong Kong, Singapura ou um pouco por todo o lado no mundo académico anglo-saxónico.

Um autor incontornável neste estudo da representação histórica da China é Wang Ban, sobretudo com *Illuminations From the Past, Trauma, Memory and History in Modern China* (2004), onde se analisa a representação cultural da História chinesa do século XX. Wang descreve neste livro uma história traumática e plena de eventos marcantes em termos de sofrimento humano, a memória e as cicatrizes que ainda perduram desses momentos da História, bem como a forma como têm sido culturalmente representados, centrando-se sobretudo na literatura chinesa e na cinematografia. Tal como Caruth, Wang

considera que trauma é mais que um conceito clínico, sendo algo intrínseco à História. O autor analisa o trauma (e as suas representações enquanto forma de cura e integração do trauma) não na perspectiva individual e clínica, mas do ponto de vista de uma “patologia coletiva” (Wang, 2004: 147) com impactos sociais e culturais, situando-se, assim, mais próximo do conceito de trauma cultural. Reflete também sobre as circunstância em que, seja por questões políticas seja para fortalecer a identidade cultural da China ou de um grupo etário ou social, a representação da História e do trauma não têm como objetivo integrar o trauma na vivência da memória coletiva, mas sim alimentá-lo, trazê-lo para o presente, fazê-lo perdurar.

Outro autor que estudou o trauma na História chinesa recente e as suas expressões culturais foi Michael Berry em *A History of Pain, Trauma in Modern Chinese Literature and Film* (2008). Um capítulo é dedicado ao estudo das obras cujo objeto é a geração “rustificada” durante a RC, concretamente do género literário *scar literature* e dos filmes da 5ª geração de realizadores chineses, para quem a RC foi (e é) um manancial interminável de inspiração.

1.2. Trauma: definição, história e debates

1.2.1. O Trauma e a sua génese

Os primeiros sintomas registados da doença que se veio a designar por trauma ocorreram no século XIX em três frentes: as guerras³, os acidentes de comboio⁴ e a repressão e abuso sexual de mulheres em contexto familiar. Foi no âmbito da resposta aos sintomas deste último caso que Freud começou a desenvolver um tratamento, “cura pela conversa” (assim denominado por uma doente de Josef Breuer) que, mais tarde, se tornaria na psicanálise.

³ Na guerra da Crimeia (1853-56), na guerra civil americana (1861-65), onde adquiriu o nome de ‘*soldier’s heart*’ (Hunt, 2011: 17) e, no início do século XX, na guerra russo-japonesa (1904-5).

⁴ Os acidentes rodoviários causavam uma doença que se apelidou de ‘*railway spine*’, por se supor provir de feridas na medula espinal (Luckhurst, 2008: 21).

Era um tratamento aparentemente simples: havia melhoria do trauma quando as memórias traumáticas eram contadas.

Foi a PGM que levou a um radical avanço no conhecimento do trauma, com o *shell shock*⁵. A alteração significativa causada pelo *shell shock* não se deveu apenas aos números de soldados que afetou, mas ao facto de se entender a partir de então que era uma doença da mente e não uma doença provocada por danos noutros órgãos. Em 1920, Freud teorizou a “neurose traumática” em *Beyond the Pleasure Principle* e, em 1939, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial (SGM), regressa ao assunto em *Moses and Monotheism*.

Novo conflito, a guerra do Vietname (1963-69), as suas consequências nos soldados levaram finalmente à institucionalização do trauma com a Perturbação de Stresse Pós Traumática (PSPT). Através, sobretudo, da ação dos psiquiatras Robert Jay Lifton e Chaim Shatam e da organização de ex-soldados Vietnam Veterans Against the War, os sintomas da exposição ao combate no Vietname foram reconhecidos e estudados. Finalmente, em 1980, a American Psychiatric Association (APA), descreveu na terceira edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM3) a doença PSPT. Em resumo, PSPT ocorreria quando se vivesse “um evento fora do arco da experiência humana” com sintomas como “reviver sintomas, pesadelos e flashbacks; sintomas de retirada e marcas de adormecimento psicológico, e sintomas de alta excitação psicológica; hipervigilância, sono perturbado, uma mente distraída” (cit. em Brown, 1995: 100).

Curiosamente, o que é justamente considerado o maior trauma contemporâneo – o sofrido pelos judeus com o Holocausto –, e apesar de ter inspirado abundante literatura e cinema (que com toda a propriedade se podem chamar “de trauma”), e de ter gerado então uma perturbação apelidada de “síndrome do campo de concentração” (Luckhurst, 2008: 67), foi

⁵ Foi assim chamado por Charles Myers, por frequentemente se verificar em quem vivia de perto o rebentamento de uma bomba. De facto, Hermann Oppenheim, o médico que em 1889 teorizou pela primeira vez o conceito de neurose traumática, também a atribuía a alterações moleculares no sistema nervoso central e no sistema vascular cerebral. O tratamento que aconselhava consistia em ignorar o trauma.

ignorado à época e os seus sintomas apenas reconhecidos décadas mais tarde, quando o estudo do trauma extravasou da Psiquiatria para as Humanidades.

O estabelecimento do PSPT colocou finalmente o ónus do trauma no evento traumático em vez de na personalidade da vítima, como até aí havia ainda quem fizesse, considerando que os traumatizados de guerra eram apenas cobardes ou que as mulheres que reportavam abusos sexuais davam indícios de temperamento fantasioso. Esta definição de PSPT foi criticada pelas autoras feministas, como Herman ou Brown, que consideravam abrangente sobretudo os traumas masculinos, deixando de lado eventos traumáticos que ocorriam quotidianamente, como o abuso sexual de menores ou a violência doméstica sobre mulheres. A APA reviu por três vezes o conceito de PSPT⁶, alargando o arco de situações abrangido. Este arco, no entanto, é ainda disputado, com autores defendendo que situações como perda de emprego em alturas de crise, morte de um ente querido ou acidente de carro devem também estar contidos no PSPT.

1.2.2. Trauma e memória – conceitos e debates

Tanto em Freud, como em Lacan e em Caruth, algumas características enformam o trauma: a sua surpresa e caráter inesperado, que levam ao susto; o facto de a vítima não viver efetivamente o trauma, nem o compreender, no momento em que este ocorre, o que leva o traumatizado a repetir e a reviver o trauma posteriormente; e a latência dos sintomas.

Lacan descreve esta falta de vivência do trauma no momento em que ocorre com as questões “Porque, afinal, é a cena primitiva tão traumática? Porque é sempre demasiado cedo ou demasiado tarde? Porque tem o sujeito demasiado prazer nela [...] ou demasiado desprazer, como no caso dos histéricos?” (Lacan, 1998: 69-70). O trauma caracteriza-se também pelo excesso de estímulos emocionais que não se conseguem processar de uma

⁶ Em 1994, 2000 e 2013.

vez – daí esta incapacidade de vivência em tempo real -, que Freud mostra como uma reação defensiva:

“Descrevemos como ‘traumática’ alguma excitação do exterior suficientemente poderosa para penetrar no escudo protetor [...] o princípio do prazer está de momento anulado. Já não há forma de prevenir a mente de ser inundada por largo volume de estímulos” (Freud, 1961: 23-24).

São precisamente a incapacidade de viver o trauma no momento em que ocorre, um “encontro perdido” com o real, nas palavras de Lacan, e a não assimilação do trauma – quer pela incompreensão do que ocorre quer pelo excesso de estímulo e pela intensidade afetiva do evento – que criam a compulsão para repetir identificada por Freud, que não é mais do que uma forma do traumatizado tentar perceber o evento traumático, tentar assimilá-lo na sua vida, dominá-lo. Para Freud (1988: 26), os sonhos traumáticos – uma forma de repetição – são tentativas de “dominar o estímulo retrospectivamente”. Esta compulsão para a repetição não é, no entanto, pacífica, uma vez que se permite integrar o trauma, implica também reviver o trauma e todas as emoções negativas trazidas pelo evento traumático, é um “regresso literal do evento contra a vontade daquele que habita” (Caruth, 1996: 59). O traumatizado está de certa forma possuído pelo trauma: a repetição “emerge como uma reencenação involuntária de um evento que uma pessoa simplesmente não consegue deixar para trás” (*idem*: 2).

Por fim, a latência caracteriza-se por não haver sintomatologia logo no momento do evento traumático. Segundo Freud (1939: 109), sai-se do evento “aparentemente sem danos”; os sintomas surgem tempo depois de um “período de incubação”, quando os traumatizados estão já em segurança.

Uma possível definição de trauma é a proposta para a PSPT. Esta condição, no entanto, colhe várias críticas. Haaken (1996) dá conta da adequação do diagnóstico de PSPT às situações de trauma agudo e das suas limitações quanto ao trauma repetido e crónico; questiona também o que dá unidade a uma doença com causas (i.e., eventos traumáticos) tão díspares. Neste sentido, há quem, desde logo Herman, proponha a definição de PSPT

Complexo para colmatar estas deficiências. Hunt (2011), elenca algumas críticas comuns à PSPT: o evento traumático não tem definição clara, por vezes não é suficiente para determinar a doença. O autor propõe o conceito de trauma de guerra, apesar de não o definir com clareza para além da vivência de uma guerra.

Outro debate existente foi iniciado por Leys (2000), que fez uma crítica virulenta a Caruth e van der Kolk. Desde Freud que se considera a memória traumática diferente da memória não traumática, sujeita, inclusive, a um armazenamento diferente no cérebro. Talvez devido ao processo de dissociação ocorrido no momento do trauma – no fundo, a tal falta de vivência do trauma – a vítima não se vai recordar do momento traumático, essas memórias ficarão reprimidas e só poderão ser acedidas conscientemente através de tratamento (psicanálise, hipnose ou barbitúricos). Como explica Haaken (1996: 1075): “De forma a sobreviver a uma experiência avasaladoramente emocional, o indivíduo separa a memória traumática da consciência. A memória dissociada é preservada num estado de alter ego [...] através de uma barreira amnésica”.

As memórias do trauma estão armazenadas no cérebro, onde permanecem intactas até serem finalmente acedidas (e processadas e tratadas), como Freud constata: “as recordações esquecidas não se tinham perdido. Estavam em posse do doente e prontas a emergir em associação com o que ele ainda tinha presente na consciência” (Freud, 2009: 26). Esta incorruptibilidade das memórias foi também aceite pelas autoras feministas que estudaram o trauma, e participaram no debate particularmente aceso que decorreu nos anos 1980 sobre a validade e fiabilidade das memórias de infância recuperadas por doentes que, adultas, diziam finalmente terem recordado os abusos sexuais de quando crianças. Por um lado discutia-se se as memórias esquecidas se deviam a processos dissociativos ou ao esquecimento normal, especialmente dos eventos da infância, e, por outro, se as memórias recuperadas eram fiáveis e verdadeiras ou fruto da sugestão do psicanalista.

Van der Kolk e van der Hart estudaram a neurobiologia do trauma e concluíram pela veracidade das memórias recuperadas e pelo acerto da teoria freudiana. Caruth tomou como boas tanto as conclusões de Freud como de van der Kolk, bem como Herman – ainda que esta, presumindo o diferente processamento e armazenamento das memórias de trauma, afirme não tanto a inexistência de memórias conscientes mas, sim, a forma diferente de serem expressas. Leys, no entanto, nota que a teoria de van der Kolk é apenas hipotética e não está devidamente testada. Quanto a Caruth, alega que altera a análise de Freud, rejeitando parte da teoria Freudiana que lhe dá nuances, que supõe uma literalidade da memória traumática que Freud não garante e que generaliza o trauma tanto para vítimas como para não vítimas; em suma, “as interpretações [de Caruth] são arbitrárias, voluntaristas e tendenciosas” (Leys, 2000: p. 305). Por outro lado, para Leys, Caruth vê o trauma como uma doença infecciosa “em que um “período de incubação” ou período de espera intervém entre a infecção inicial e a subsequente aparição de sintomas” (*idem*: 271).

Parece-nos, no entanto, que Leys lê também ela Caruth de uma forma demasiado literal. Caruth assume, e Leys também o refere, uma certa impossibilidade de representação do trauma pela vítima, o que desde logo contraria a total literalidade da memória de trauma que Leys atribui a Caruth. Por outro lado, quanto ao período de incubação do trauma, a própria Leys descreve:

“começando nos anos 1960, estudos de follow-up de longo termo de veteranos da Segunda Guerra Mundial e da guerra da Coreia, e outras vítimas de desastres, começaram a mostrar que muitos indivíduos mantinham inalteradas as suas reações iniciais de susto, pesadelos recorrentes, irritabilidade, dores de cabeça e sintomas relacionados 15 a 20 anos depois do trauma. [...] Estudos por William Niederland, Leo Eitinger, Paul Chodoff e outros de ‘síndrome de campo de concentração’, que surgiram no final dos anos 1950 e nos anos 1960, demonstraram uma tendência similar para cronicidade severa e o desfasado início dos sintomas” (*ibidem*: 224).

Estas palavras de Leys, além de demonstrarem a persistência dos sintomas de trauma, terminam assumindo que, pelo menos em certos casos, os sintomas de trauma demoram tempo, por vezes décadas, a manifestarem-se, qual doença infecciosa. Em todo o caso, apesar da crítica de Leys ser válida para a evolução da teoria de trauma, na verdade os autores seguintes não cessaram de usar os contributos de Caruth. Kaplan, referindo Leys,

usa Caruth para a sua própria análise sobre representação do trauma, e Luckhurst, depois de apresentar os argumentos de Leys, reconhece: “depois deste destrate, seria tentador descartar Caruth, não fosse o comprimento da crítica de Leys acabar como um estranho monumento à sua importância” (Luckhurst, 2008: 13). Desta forma também nós, considerando evidentemente que as obras de Caruth são apenas um passo no estudo do trauma e da sua representação e não a palavra final, usaremos os contributos de Caruth.

Mas regressemos às críticas de Leys que nos parecem mais relevantes. A memória traumática não é toda reprimida, nem é reprimida em todas as vítimas de trauma, e ainda pouco se sabe do armazenamento e processamento da memória traumática. Em 1997, Shobe e Kihlstrom analisaram comparativamente as várias teorias sobre a memória de trauma para responder à questão: “Porque razão algumas vítimas de trauma lembram as suas experiências pobremente e outras lembram-nas demasiado bem? Não é claro quando a memória de trauma melhora a memória [...] e quando a enfraquece” (Shobe, 1997: 72-73). Concluem que a evidência laboratorial não comprova a especificidade da memória traumática face à não traumática e que altos níveis de stresse geralmente provocam memórias mais vívidas e duradouras, pelo que as memórias traumáticas serão facilmente acedidas.

McIsaac e Eich (2004) argumentam que as memórias traumáticas dos traumatizados por observação (ou seja, de trauma secundário) são relatadas sem emoção e ansiedade, num estilo jornalístico, reportando pormenores como a aparência física dos atores da cena traumática ou a sua distribuição espacial. As memórias traumáticas dos diretamente traumatizados são relatadas com uma maior emotividade, provocavam mais ansiedade nos relatores e centravam-se sobretudo nas reações afetivas, sensações físicas e estado psicológicos que haviam experimentado aquando do trauma. Com o passar do tempo, o segundo grupo de vítimas gradualmente começava a adotar uma memória mais semelhante à do grupo dos observadores.

Em 2007, Porter e Peace testaram a fiabilidade das memórias traumáticas por comparação com memórias de eventos altamente positivos. Concluíram que: as memórias traumáticas são fiáveis e consistentes ao longo do tempo e em maior grau do que as memórias positivas; as memórias de trauma perduram mais tempo no cérebro do que as memórias significativamente positivas; as memórias de trauma são mais vivas e mais ricas qualitativamente do que as memórias positivas, ainda que com o tempo percam intensidade afetiva. Apesar de rejeitarem a teoria da dissociação e da repressão (e de reconhecerem que trauma na infância pode ter um processamento diferente), os autores concluíram que a memória traumática é, de facto, especial e deixa uma cicatriz no cérebro.

O que podemos, então, considerar trauma constante numa obra literária? Não será a PSPT, uma vez que é uma forma particularmente severa de trauma e que os vários autores consideram que há quem sofra apenas de PSPT parcial. É, assim, mais pertinente usar o conceito mais abrangente de “trauma psíquico”. No entanto, também aqui não existe unanimidade⁷. Herman propõe a seguinte definição de trauma psíquico e de evento traumático:

“o evento traumático geralmente envolve ameaças para a vida ou integridade corporal, ou um encontro próximo com violência e morte. Estes confrontam os seres humanos com os extremos de falta de controlo e terror, e evocam as respostas da catástrofe [...] o denominador comum do trauma psicológico é um sentimento de ‘intenso medo, desproteção, falta de controlo e a ameaça do aniquilamento’” (Herman, 1997: 33).

Caruth propõe outra: “a resposta a um evento ou eventos inesperados ou avassaladoramente violentos que não são totalmente assimilados quando ocorrem, mas regressam mais tarde em flashbacks repetidos, pesadelos e outros fenómenos repetitivos” (Caruth, 1996: 91).

Propomo-nos a usar estas duas definições complementares de trauma psíquico, à qual juntaria um outro critério: o de ameaça de aniquilamento do indivíduo, não entendido como o aniquilamento, proposto por Herman, da pessoa física da vítima de trauma, mas

⁷ Como Weathers e Keane (2008: 658) notam, ‘[c]orrentemente não há um consenso claro sobre o que trauma denota, e esta inconsistência no seu uso cria ambiguidade considerável. Até tal consenso ser alcançado, é essencial reconhecer que não há uma definição de trauma única, que o termo é usado de modos diferentes’.

sim o aniquilamento da sua consciência, da sua individualidade e da sua liberdade intelectual. Seria, assim, a ameaça de aniquilamento do indivíduo enquanto ser intelectual, ser criativo e ser moral.

1.3. Literaturas de Trauma

A ligação entre trauma e literatura é estreita. Desde logo porque o trauma é, e sempre foi, um objeto preferencial da criação literária. Desde as grandes epopeias gregas *Ilíada*, *Odisseia* e *Oresteia*, que têm como ponto de partida de todos os eventos a guerra entre Esparta, Micenas e Troia, até às obras literárias emblemáticas do século XX passadas no contexto das duas guerras mundiais ou de outros conflitos regionais. Recorde-se, como exemplo, Erich Maria Remarque com *A Oeste Nada de Novo* (de 1929), onde conta de forma ficcionada as suas experiências durante a PGM, ou as suas obras sobre o exílio forçado dos judeus alemães (*Uma Noite em Lisboa*, de 1962) e os campos de concentração (*Centelha da Vida*, de 1952) no contexto da SGM.

Em sentido inverso, a literatura é uma ferramenta poderosa para as vítimas de trauma. Como constata Herman (1997), a segunda fase da recuperação dos traumatizados, depois de recuperarem a segurança, é contar a história do trauma. Este relato, para ter efeitos terapêuticos, não pode ser apenas um relato factual e cronológico do evento traumático. Segundo Herman (1997: 177-178),

“Uma narrativa que não inclua a imagética traumática e as sensações corporais é estéril e incompleta [...] A recitação dos factos sem as emoções que os acompanharam é um exercício estéril, sem efeito terapêutico [...] A cada ponto da narrativa, portanto, o paciente deve reconstruir não só o que se passou, mas também o que sentiu [...] Reconstruir a história do trauma também inclui uma revisão sistemática do significado do evento [...] Sobreviventes de atrocidades de cada era e de cada cultura chegam a um ponto no seu testemunho onde todas as questões se reduzem a uma, colocada mais com confusão do que ultraje: Porquê? A razão está além da compreensão humana [...]

[O] sobrevivente confronta outra igualmente incompreensível questão: Porquê eu? [...] [D]eve examinar as questões morais de culpa e responsabilidade e reconstruir um sistema de crenças que faça sentido do seu sofrimento não merecido.”

Este ato de contar o trauma envolve: as emoções sentidas, as convulsões interiores da vítima durante e após o trauma; a procura de sentido e significado profundo do trauma ocorrido, não só para a vida da vítima mas também, por vezes, até para o seu grupo racial ou social ou para o seu país; a necessariamente diferente visão sobre si própria que a vítima adquire pela vivência do trauma e pela forma como reagiu perante o trauma; o impacto destrutivo do trauma na vítima e na vida da vítima, o potencial regenerador de eventos que ocorram depois do trauma, a recuperação do controlo da sua vida pela vítima. Ora tudo isto é claramente material profícuo para uma obra literária e não surpreende que as vítimas de trauma talentosas para a escrita dele façam uso.

As próprias características do trauma adequam-se à linguagem literária. A fugacidade do momento do trauma que tão bem descreve Lacan, a falta de vivência do trauma no momento em que ocorre, a ambiguidade resultante de o trauma não estar totalmente compreendido, assimilado e, até, vivido, a subjetividade do ponto de vista único que tem a vítima daquele concreto trauma naquele preciso momento, o facto de o trauma ser a ferida que não se cura ou de, como considera Laub (1992) para os sobreviventes do Holocausto, o evento do trauma ser percebido pela vítima como algo que não termina e, desde logo, a escrita do trauma ser ela mesma mais um processo de integração do trauma e não um ponto final numa história passada, todas estas variáveis dificultam o relato do trauma de uma forma simplesmente factual, jornalística. A linguagem artística, e concretamente a literária, com as suas interpretações abertas, com a possibilidade de sugerir mais que afirmar, permitindo relevar e, eventualmente, até distorcer a importância histórica ou factual de alguns eventos para iluminar aquilo que foi mais relevante na experiência traumática da vítima, é mais adequada ao relato do que Laub (1992: 62) chama de “verdade subjetiva” da vítima ou “verdade da memória traumática” do que o discurso jornalístico ou a historiografia.

É neste sentido que Caruth (1996: 5) argumenta que a literatura é o local preferencial para contar o trauma, que a fidelidade à história pode ser melhor transmitida pela forma indireta

como é comunicada, e até que o trauma “deve, de facto, ser também proferido numa linguagem que é sempre algo literária: uma linguagem que desafia, mesmo quando reclama, o nosso entendimento”. Para a autora, não são só as perplexidades do trauma que se adequam à linguagem literária, mas também a “peculiar incompreensibilidade da sobrevivência” (*idem*: 58) que as vítimas de trauma terão de encarar. Caruth não separa o trauma da sobrevivência ao trauma e argumenta que o que “Freud encontra nas neuroses traumáticas não a reação a algum horrível evento mas, sim, a peculiar experiência de sobrevivência” (*ibidem*: 60) e, na linha de Lacan (1996: 104), descreve o trauma também como um “acordar para a vida”. Também neste ponto a linguagem literária tem a capacidade de transmitir melhor um evento que é um fim e que acarreta por vezes grandes perdas, quer materiais e físicas, quer do sistema de valores que enformava a vida da vítima antes do trauma, mas é, simultaneamente, um início e uma partida.

Uma outra ambiguidade experienciada pelas vítimas de trauma centra-se no que Laub (1992: 78-79) descreve como “o imperativo para contar” versus “a impossibilidade de contar”. O sobrevivente vai ter de contar a história para a integrar na sua nova vida, para a assimilar, para alinhar algum sentido que esta poderá ter; no entanto, a experiência de trauma é tão terrível, tão única e específica que nenhum esforço conseguirá devidamente transmitir todo o horror, a desesperança, o sentimento de perda que esta provocou. Como Roth (2012: 91) descreve:

“O conceito moderno de trauma aponta para uma ocorrência que tanto exige representação como se recusa a ser representada. A intensidade da ocorrência torna impossível recordar e esquecer [...] O evento traumático é demasiado terrível para palavras, demasiado horrível para ser integrado nos nossos esquemas do sentido do mundo [...] [U]ma representação bem-sucedida (uma representação que os outros entendam) do trauma vai necessariamente parecer trivialização ou, pior, traição. A intensidade do trauma é o que desafia o entendimento, pelo que uma representação que outra pessoa entenda parece indicar que um evento não foi tão intenso como pareceu.”

Novamente, esta ambiguidade – se não mesmo esta impossibilidade -, será melhor inserida num discurso literário que iluda os registos jornalísticos ou historiográficos.

A definição de literatura de trauma não está ainda muito consolidada, desde logo porque, tal como os estudos e a teoria de trauma, é um género assim identificado recentemente e cuja proliferação se deu nas últimas duas décadas. Por outro lado, e dada a ambiguidade do objeto (o trauma), este tipo de literatura presta-se preferencialmente a estilos híbridos e que escapam aos limites estilísticos habituais. Kali Tal (1996: 17) apresenta uma definição simples, ainda que restritiva. Para esta autora, literatura de trauma é definida por quem a escreve e pelo seu objeto, e é exclusiva dos sobreviventes de trauma:

“Os escritos de sobreviventes de trauma compõem uma distinta “literatura de trauma”. A literatura de trauma é definida pela identidade do seu autor. A literatura de trauma carrega no seu centro a reconstrução e a recuperação da experiência traumática.”

Luckhurst (2008) considera a memória de trauma o subgénero da literatura de trauma por excelência e faz até corresponder o florescimento da literatura de trauma ao que denomina de “*memory boom*” dos anos 1990. Sendo a escrita de memórias autobiográficas uma atividade que atribuiu maioritariamente às mulheres, argumenta que o desenvolvimento e sucesso deste género é sinal da crescente influência feminina quer na sociedade quer na literatura. Apresenta-nos vários tipos de literatura de trauma escritos na primeira pessoa: as memórias de trauma; a autoficção, que mistura elementos estritamente autobiográficos com elementos ficcionados; a patografia, que relata a vivência de uma doença grave, geralmente cancro ou SIDA; a biomitografia; o *testimonio*.

Nem todos os autores aceitam que a literatura de trauma seja exclusivamente escrita pelos sobreviventes de trauma. Nance (2006), por exemplo, descreve o subgénero *testimonio* como as narrativas de perseguição política, prisão ou vivência de pobreza e de supressão de direitos dos nativos índios na América Latina, simultaneamente literárias e políticas, com objetivo expresso de provocar mudanças sociais e políticas.

Vários autores preferem denominar a literatura de trauma na primeira pessoa como *life-writing* e não como autobiografia. Rippl et al. (2013) aventam que a preferência se deva à forma fragmentada e não-linear de relatos de violência e opressão provenientes de grupos

marginalizados, autores pós-coloniais, membros de raças socialmente desfavorecidas ou de autoras femininas que dêem ênfase às questões de gênero, por oposição à narrativa (i.e., autobiografia) mais regular e geralmente masculina proveniente do mundo ocidental. Henke (2000: xvi) associa-o também à afirmação feminina e do feminino:

“No meu pensamento sobre *life-writing* de mulheres, defini o gênero vagamente, e até metaforicamente, para incluir formas confessionais, autoficções, diários, e o *bildungsroman*, bem como a autobiografia e a biografia. O que todos estes gêneros têm em comum é um autor tentando enformar um discurso capacitante de testemunho e autorrevelação, para estabelecer um sentido de controle, e para desenterrar uma panóplia de *mythemes* que valorizam o modelo de subjetividade feminina. Mulheres ousando nomear-se a si próprias, articulando as suas histórias pessoais em diário, memória e forma ficcional, reinscrever a demanda do desejo feminino nos textos de uma cultura patriarcal.”

1.3.1. Escritoterapia

Os benefícios terapêuticos de contar o trauma para uma audiência que não apenas o psicoterapeuta são referidos por vários autores. Kaplan (2005: 37) chama-lhe uma “partilha empática” que, mesmo com as limitações do veículo do relato face ao próprio trauma, permite de alguma forma o *working-through* da vítima de trauma. Quando Caruth (1995: 11) considera que “a história do trauma, na sua dilação, apenas pode suceder através da audição de outro”, deixa a sugestão que esse outro não se limita ao psicanalista. E o imperativo de contar de Laub carrega também a vontade de dar a conhecer a história ao maior público possível, para que o escândalo do trauma não se confine ao conhecimento da vítima e do terapeuta.

Neste âmbito, Henke propõe o conceito de escritoterapia, questionando se o ato curativo de contar a história do trauma sucede devido à recordação do trauma, ao esforço por assimilar todos os eventos que lhe estão associados, à estruturação desta história de uma forma coerente e, logo, mais facilmente compreendida e integrada, ou se apenas sucede por se contar ao terapeuta. Define escritoterapia como: “o processo de *writing out* e de *writing*

through a experiência traumática em forma de reencenação” (Henke, 2000: xii-xiii). A autora argumenta ainda que

“A autobiografia pode tão efetivamente emular a cena da psicanálise que o *life-writing* pode fornecer uma alternativa terapêutica para vítimas de ansiedade severa e, mais seriamente, de perturbação de stress pós traumático.” (*idem*)

Henke conclui que o psicoterapeuta pode, neste processo curativo do trauma, não ser necessário e, até, que em alguns casos a cura pela escrita pode ser mais eficaz do que a cura pela conversa.

“O que não pode ser proferido pode ao menos ser escrito – encoberto na máscara da ficção ou sancionado pelo espaço protetor da iteração que separa autor/narrador do protagonista/personagem que cria e do leitor/ouvinte anónimo que imagina. *Life-writing* testemunhal permite o autor partilhar uma indizível história de dor e sofrimento, de transgressão ou vitimização.” (*ibidem*: xix)

É através desta escrita, liberta dos constrangimentos de contar o trauma perante outra pessoa, que, para Henke, a vítima traumatizada recupera a capacidade de controlar a sua vida e torna novamente completo o seu ser anterior que fora fragmentado pelo trauma.

Os benefícios terapêuticos do relato literário do trauma não são, no entanto, universalmente aceites. Joseph e Gray (2008) reportam alguns estudos que revelam uma maior agitação no momento de escrita do trauma seguido de melhoria de disposição nos tempos seguintes. Contudo estes estudos realizaram-se com vítimas de traumas menores e, sobretudo, relacionais, não considerando os autores seguro assumir a mesma melhoria de disposição nos mais severamente traumatizados. Straub (2013) faz uma crítica ainda mais concreta a esta forma de terapia, defendendo que pode esta lembrança do trauma até trazer efeitos retraumatizantes, devido a ser feita num contexto já de segurança e permitir portanto uma maior compreensão da violência e do intento maligno dos perpetradores do trauma e, logo, da dimensão da maldade do trauma. Acrescentamos a este ponto de vista o conhecimento que os autores então têm já da extensão do sofrimento que o trauma lhes provocou, algo que não preveem no momento do trauma. Straub exemplifica com Primo Levi e a afirmação de Philip Roth de que este autor não se suicidou por ter vivido o Holocausto mas por ter escrito sobre o Holocausto - o que o teria obrigado a permanecer dentro do trauma. A autora considera ainda que o relato do trauma é feito pelos sobreviventes sobretudo pela

responsabilidade que sentem de contar a história e evitar a repetição do trauma, mas que o fazem não com objetivos terapêuticos, antes com grande sofrimento pessoal.

De facto, Virginia Woolf, sobrevivente de abuso sexual e que é apontada como exemplo de terapia através da escrita, sendo que a própria reconhecia que escrever tirava aos eventos o poder de lhe causar dor (cfr. Moran, 2007), também se suicidou. Nesse caso a escrita sobre o trauma teria tido os mesmos efeitos devastadores dos flashbacks de memórias do trauma. Caruth (1996) nota como o trauma aparentemente deteriora a estrutura química do cérebro e como os flashbacks podem ser retraumatizantes e questiona se esta não será a explicação para a grande percentagem de traumatizados que se suicidam uma vez já em situação de segurança.

Outra nuance pode ser encontrada nas palavras de Laub (1992: 67), no que o autor intitula “o pavor do regresso”. Também Laub reconhece o perigo de retraumatização do ato de contar pelo facto de obrigar a vítima a reviver o trauma. E concretiza que uma reexperiência do trauma pode suceder se ao contar o trauma a vítima não for verdadeiramente entendida e ouvida. Podemos assumir das palavras de Laub: se a vítima não se sentir empaticamente acolhida. Ora, dada a dificuldade de representação e expressão do trauma em palavras, o sobrevivente pode facilmente perceber que a sua audiência afinal não compreende o que lhe está a ser transmitido. Seria, então, uma nova traição e, além de um reviver do trauma inicial, constituiria um eventual novo trauma que faria, finalmente, a vítima sucumbir.

Apesar de a escritoterapia poder não ser uma terapia adequada a todos os traumas ou a todos as vítimas de trauma, em muitos casos parece de facto trazer benefícios aos traumatizados. A literatura de trauma pode assim – e à semelhança da psicanálise que é a *talking cure* – ser considerada, como lhe chamou Robert Folkenflik, uma “*writing cure*” (cit. em Moran, 2007: 4).

2. A História, essa vilã: o ambiente que alimentou o trauma.

O lançamento da Grande Revolução Cultural Proletária (*wuchan jieji wenhua dageming*), ou Revolução Cultural (*wenhua dageming*), foi um movimento calculado e orquestrado por Mao que, apesar de todos os zigzagues políticos a que foi obrigado e de desilusões avulsas, este nunca renegou. No ano da sua morte afirmou até que os grandes orgulhos da sua vida eram a conquista da China ao Guomindang e o lançamento da RC (Macfarquhar, 2006: 413). No entanto, os objetivos de Mao não são claros e parece ter sido obrigado a vários contorcionismos e improvisos para controlar as consequências caóticas das sucessivas fases da RC que ia lançando e, de caminho provocando grandes e gravosas consequências na vida dos chineses⁸. As estimativas de mortes causadas pela RC variam muito de autor para autor; Walder e Su (2003: 95) calculam que as mortes podem ter ascendido a 1,97 milhões de pessoas e terem sido perseguidos 109 milhões de chineses – que se referem a este período como “os dez anos de grande calamidade” (Pye, 1986: 597).

Macfarquhar e Schoenhals (2006: 7) referem a “obsessão de Mao com o revisionismo” como causa para o lançamento da RC. Mao temia que, como Krushchev fizera com o legado de Estaline em 1956, depois da sua morte o PCC repudiasse o maoísmo. E após o golpe que em 1964 depôs o presidente da URSS, Mao desconfiava da possibilidade de o PCC lhe oferecer o mesmo destino. De facto, as relações e a confiança mútua entre Mao e os altos quadros do Partido não eram saudáveis depois das desastrosas campanhas promovidas por Mao das Cem Flores (1957) e do Grande Salto em Frente (1958-62). A primeira levava a uma onda de críticas dos intelectuais ao PCC e às lideranças políticas, só reprimida com uma violenta campanha antidireitista com meio milhão de pessoas deportadas (Dikotter, 2011: 9). O segundo, resultou na morte de, segundo Dikotter, pelo menos quarenta e cinco milhões de chineses. Acresceu ainda o cisma com a União Soviética em 1960 e o corte final nas relações sino-soviéticas em 1963.

Para travar a fome provocada pelo GSF, havia sido necessário reverter grande parte das políticas agrícolas de Mao e o PCC insistiu em considerar oficialmente o GSF uma

⁸ Entre elas, também as vidas de Anchee Min, Rae Yang e Ting-xing Ye.

campanha desastrosa. Em Janeiro de 1962, numa conferência de quadros do PCC, Liu Shaoqi criticou violentamente o GSF e não deixou de contrariar e culpar implicitamente Mao ao assumir que o desastre tivera 70% de causas humanas (Walder, 2015:183). Enquanto o partido se ocupava em recuperar a produção e a economia, a Mao desagradava-lhe que a política não se ocupasse sobretudo da luta de classes e do aprofundamento da coletivização. A resposta de Mao ao PCC foi o lançamento da RC, pretendendo destituir Liu⁹ e o seu vice, Deng Xiaoping, destruir a existente burocracia partidária e substituí-la por uma administração assente em comités simultaneamente civis e militares¹⁰. Isto implicava um boicote a todas as estruturas administrativas e políticas formais, pelo que para orquestrar o ataque à liderança do PCC Mao usou dois vetores: a colocação e a promoção de elementos leais em posições determinantes, sobretudo Lin Biao, de controlo ao Exército de Libertação Popular, e os indefetíveis maoistas constituindo o Grupo Central da Revolução Cultural, a estrutura informal que dirigiu os ataques iniciais ao partido; e o incentivo à insurreição das massas, sobretudo dos jovens.

2.1. Ascensão e queda dos Guardas Vermelhos

E é por esta via que os jovens estudantes das escolas secundárias, incluindo Rae Yang, Anchee Min e Ting-xing Ye, e das universidades adquirem um papel determinante nos eventos da RC – e, simultaneamente, a RC se torna um marco na vida de cada um deles e uma questão identitária para a geração que a viveu. Como Cheek (2002) resume, desiludido primeiro com a incapacidade dos intelectuais (com a campanha das Cem Flores) e depois com a dos camponeses (com o GSF) para criarem o tipo de sociedade socialista que idealizava, Mao decide-se a uma última tentativa com os jovens.

Foi em contexto universitário que ocorreu um dos eventos iniciais da RC. Após a *zhongfa*¹¹ [1966] 267, de 16 de maio, que formalmente iniciava a Grande Revolução Cultural

⁹ Liu Shaoqi foi presidente da RPC entre 1959 e 1968.

¹⁰ Semelhante à que o PCC usou nos tempos da guerra contra os japoneses e, depois, contra os nacionalistas.

¹¹ Notificação central oficial ao PCC.

Proletária, a 25 de maio de 1966 Nie Yanzi colocou um *dazibao*¹² na Universidade de Beijing, onde era professora, atacando a liderança partidária da universidade. A origem deste cartaz teve o envolvimento direto de Kang Sheng, um dos membros do GCRC, e, depois de colocado, Mao deu-lhe o seu apoio e ordenou que fosse amplamente difundido pela rádio e jornais. Foi a sinalização de que Mao sancionava os ataques às lideranças das escolas e universidades. Em consequência, as aulas foram suspensas em meados de junho, para que os estudantes se dedicassem inteiramente à atividade revolucionária, e começaram as denúncias de professores, diretores escolares e secretários partidários.

A geração de estudantes das escolas secundárias era a primeira nascida depois da fundação da RPC. Em 1966, pela primeira vez, davam-lhe oportunidade de provar que tinha calibre revolucionário semelhante ao dos seus pais. Juntando a isto o sistema de ensino chinês estar assente na disciplina, e as relações entre professores e alunos serem sobretudo de autoridade, tudo contribuiu para que a maré de contestação dos jovens aos professores e autoridades escolares fosse arrasadora e cedo se tornasse violenta.

O movimento dos Guardas Vermelhos iniciou-se em Beijing, a 29 de maio de 1966, na Escola Secundária Anexa à Universidade Qinghua – uma escola de elite (frequentada pelos filhos e netos dos altos quadros do PCC). Um grupo de estudantes vinha afixando desde maio vários *dazibao*, denunciando a autoridade académica burguesa da escola e, a 8 de junho, acompanhados de estudantes de outras secundárias de elite, promoveram um embate violento com a direção da escola. O grupo chamou-se a si próprio *hongweibing* (“guardas vermelhos”) e foi copiado noutras escolas de elite, sendo depois reproduzido nas escolas menos conceituadas e viajando da capital para a periferia.¹³ Rae Yang, ela própria filha de quadros revolucionários do PCC¹⁴ e proveniente de uma família manchu aristocrata, que

¹² Poster de grandes caracteres, uma das formas de comunicação e denúncia que se tornaria corrente durante a RC.

¹³ Segundo Kwong (1988: xv), ‘o movimento [de GV] afetou 534.000 estudantes em 434 universidades, 6.4 milhões de estudantes em 56.000 escolas secundárias e 100 milhões de estudantes no milhão de escolas primárias, totalizando 107 milhões de jovens’.

¹⁴ Os membros do PCC que haviam aderido ao partido antes de 1949.

então frequentava a Beijing 101 Zhongxue, uma dessas escolas prestigiadas e bem frequentadas de Beijing, fez parte desta leva inicial, famosa e infame, de GV.

Para lidar com o caos nas escolas e universidades, Liu e Deng usaram o método normal de enviar grupos de trabalho que respondessem diretamente aos líderes do PCC. Esta medida, no entanto, não controlou a violência crescente, desde logo porque havia ambivalência e incerteza sobre a permissibilidade da violência (os quadros do PCC ainda não tinham entendido quais os verdadeiros alvos da RC e supunham que era mais uma campanha para denunciar alguns direitistas e, assim, algum nível de violência era esperado). Mas, acima de tudo, porque os grupos iniciais de GV provinham de uma classe social superior (eram filhos e netos da elite partidária) aos dos quadros pertencentes aos grupos de trabalho, que não tinham grande incentivo para criticar e controlar os filhos e netos dos seus superiores. Por último, temiam também ser tomados como contra a revolução se desencorajassem o uso da violência. Assim, os professores e autoridades escolares foram denunciados nos *dazibao*, espancados, torturados, publicamente humilhados em frente aos estudantes com tinta na cara, usando chapéus altos, cabelos cortados e roupas rasgadas. A primeira pessoa assassinada foi a professora Bian Zhongyun, da Escola Secundária Normal de Raparigas de Beijing, a 5 de agosto de 1966.

A reação de Mao e do GCRC perante a violência dos jovens foi de apreço e elogio. Jiang Qing, a mulher de Mao, num discurso aos GV de 28 de Julho disse-lhes “Não tememos o caos. [...] Não advogamos espancar pessoas, mas espancar pessoas não é grande problema [...] ocorrerem espancamentos durante um processo revolucionário não é mau. O Presidente Mao disse «Se boas pessoas baterem em más pessoas, faz-lhes bem»“ (cit. em Walder, 2015: 217). No início de agosto, Mao enviou o seu apoio aos GV de Qinghua, destacando-se a frase “Dizem que está certo rebelar-se contra reacionários, e eu entusiasticamente suporto-vos” (cit. em Macfarquhar, 2006: 87) – de onde surgiu o mote de todos os rebeldes da RC “rebelar-se é justificado” – e a 23 desse mês afirmava ao Comité Permanente do Politburo: “Não penso que Beijing esteja caótica. [...] os hooligans são uma minoria, agora não é o tempo para interferir.” (cit. em Walder, 2015: 217).

Como maior reforço do seu apoio, a 18 de agosto Mao participou no comício de Guardas Vermelhas na praça Tian'anmen¹⁵, onde se tornou membro honorário dos GV ao aceitar que Song Binbin (filha de um membro do Politburo e líder dos estudantes na escola onde havia ocorrido o assassinio de uma professora a 5 de agosto) lhe colocasse no braço uma braçadeira dos GV, e onde os exortou para que destruíssem os “quatro velhos”: velhas ideias, velha cultura, velhos hábitos e velha classe exploradora. Rae Yang descreve a atmosfera apoteótica:

“[B]efore sunrise, like a miracle he walked out of Tian'anmen onto the square and shook hands with people around him. The square turned into a jubilant ocean. Everybody was shouting “Long live Chairman Mao!” Around me girls were crying; boys were crying too. With hot tears down my face, I could not see Chairman Mao clearly.” (Yang, 1997: 123)

Os participantes nos comícios eram GV de todo o país, por esta altura incentivados ao turismo revolucionário. Com alojamento e alimentação fornecidos pelo exército em Beijing e viagens de comboio gratuitas, os jovens deviam viajar até aos locais emblemáticos da revolução chinesa e contactar com os GV das outras cidades (ver Mapa 1). Sem surpresa, esta “grande troca de experiências revolucionárias” (“*da chuanlian*”) foi um momento de liberdade e de conhecimento de outras realidades que agradou aos adolescentes. É fácil entender porque os estudantes chineses se entregaram tão apaixonadamente à RC:

“Numa sociedade onde os caminhos pessoais e profissionais pareciam claramente estabelecidos [...], a primavera e verão de 1966 ofereceu um excitante sentimento de libertação para muitos jovens. Os adolescentes chineses neste sentido não eram diferentes dos seus semelhantes nas outras zonas do mundo. A adolescência exige a proclamação de rebeldia contra pais e outros adultos. A chamada de Mao para a ‘grande revolução cultural proletária’ ofereceu uma maravilhosa desculpa [...]. [A] oportunidade de expressar diretamente os seus ressentimentos a professores, pais e outras figuras de autoridade apresentava um inesperado espaço de afirmação do seu sentimento de ser.” (Clark, 2012: 13).

¹⁵ Entre 18 de agosto e 26 de Novembro de 1966, organizaram-se oito grandes comícios de GV em Beijing, com a presença de Mao, Jiang Qing (naquela que foi a sua apresentação oficial ao país, que anteriormente a desconhecia), Lin Biao e membros do GCRC (Macfarquhar, 2006: pp. 106-110).

Mapa 1¹⁶: Destinos da *da chuanlian*



1. Soviete de Jinggangshan
2. Shaoshan, local de nascimento de Mao
3. Percurso da Longa Marcha (1934-1935)
4. Soviete de Yan'an
5. Beijing

Rae Yang dá voz a este sentimento apaixonado e contraditório sobre os primeiros meses da RC: “[T]hose seven months were the most terrible of my life. Yet they were also the most wonderful! I had never felt so good about myself before, nor have I ever since.” (Yang, 1997: 115). Algo que contribuía para essa felicidade de Rae era a liberdade de, pela primeira vez, os jovens poderem contestar as autoridades. Até Ting-xing Ye, que como filha de uma família capitalista foi excluída da maioria das boas vivências disponíveis para os jovens durante a RC, experimentou a mesma alegria pela liberdade durante a sua viagem a Beijing:

“I was overpowered by the feeling that, at fourteen, I was in control of my life for the first time. Food and lodgings were free; I could go anywhere I wanted in our nation’s capital, a place my parents had talked about but never seen. I decided to enjoy this freedom as long as it lasted.” (Ye, 2000: 143).

Entretanto, numa manobra para desacreditar Liu e Deng, Mao decidiu que os grupos de trabalho nas escolas e universidades estavam apenas a conter a revolução e a ajudar os reacionários, pelo que ordenou a sua saída. Livres de qualquer restrição e com o apoio

¹⁶<http://www.dicksdoings.com/dicksadventures/CHONQING.HTML>

inequívoco de Mao, os estudantes das escolas secundárias começaram a considerar-se os “donos do novo mundo” e a juventude como a qualidade primordial revolucionária; um dito de Guangzhou desta época rezava que “os jovens são os sucessores do comunismo, os de meia-idade são contrarrevolucionários e os velhos não prestam para nada” (cit. em Chan, 1997: 173). Os estudantes parecem ter percebido a redoma de impunidade que lhes haviam oferecido e tinham adquirido hábitos autoritários (além de violentos). Devido à proximidade com os políticos pertencentes ao GCRC e aos incentivos destes e de Mao ao ataque às lideranças do PCC, viam os quadros do PCC como iguais ou, até, como sujeitos que se deviam subjugar à vontade das massas expressa nas ordens dos GV. Exerciam autoridade sobre os demais chineses, e não só sobre os provenientes das classes negras. De trabalhadores como pequenos comerciantes, cabeleireiros, funcionários públicos, etc., esperavam que aceitassem e cumprissem as ordens dos GV – que era, no fundo, diziam, as ordens do Presidente Mao. Rae Yang conta como, na sua viagem a Guangzhou, o seu grupo, investido da autoridade de GV de Beijing, se encontrou com o 1º secretário do PPC da cidade e lhe ordenou que fechasse todas as lojas e restaurantes privados no dia seguinte. Relata também a satisfação por serem respeitados pelas autoridades oficiais e a confusão que as suas ordens geravam, mas não deixa de confessar que os GV ficavam surpreendidos quando os levavam a sério.

Depois do primeiro comício em Tian’anmen, estendeu-se a violência aos alunos provenientes das classes exploradoras, aos que passeavam nas ruas usando maquilhagem ou vestindo roupas ocidentais, aos que se faziam transportar de riquexó, aos comerciantes que prestavam serviço às classes exploradoras ainda endinheiradas. Foram atingidas sobretudo as famílias das cinco classes negras – capitalistas, proprietários de terras, camponeses ricos, direitistas e contrarrevolucionários (Chan, 1980: 402) –, no âmbito da campanha “Destruir os Quatro Velhos”. Os GV visitavam as suas casas, espancavam os habitantes, por vezes assassinavam-nos, expulsavam-nos das suas habitações e confiscavam-lhes os bens. Como conta Yu Hua (2011: 89), “era uma ocorrência regular passar numa rua forrada com postes de grandes caracteres e cruzar-me com pessoas com sangue a escorrer da cara”. O medo era tal que as famílias tomavam a iniciativa de destruir os seus bens valiosos antes das rusgas dos GV, esperando assim escapar à maior fúria.

O fim do verão de 1966 ficou conhecido pelo nome que os GV orgulhosamente lhe atribuíram: Terror Vermelho. Perante a violência extrema e generalizada, Mao tratou de assegurar que continuava: a 22 de agosto, através da *zhongfa* [1966] 410, ordenava à polícia que não interferisse ou suprimisse os atos dos GV e que não prendesse ninguém que não fosse comprovadamente contrarrevolucionário (*idem*: 125). Só a 2 de setembro, com a *zhongfa* [1966] 445, se começou a tentar controlar a violência dos GV, proibindo-os de invadirem as esquadras e espancarem os polícias (*ibidem*: 130).

Inevitavelmente a violência dos GV alastrou para o interior do movimento. A posição que os estudantes tiveram perante os grupos de trabalho, o ataque que o GCRC orquestrava contra as lideranças do PCC (familiares dos estudantes que haviam iniciado o movimento dos GV) e, sobretudo, os seus próprios interesses de classe – ligados à forma de admissão à universidade, onde os GV provindos de famílias de elite advogavam a predominância dos critérios políticos¹⁷, enquanto que os filhos das classes intelectuais defendiam que apenas o mérito académico, aferido em exames, devia contar para entrar na universidade – resultaram numa sangrenta luta de facções de GV. Simultaneamente, Mao apelou, no início de 1967, a que as massas tomassem o poder das estruturas administrativas e políticas (até aí a cargo da burocracia do PCC) e à implementação de comités revolucionários. Os GV universitários participaram nesta campanha, bem como os trabalhadores rebeldes e os militares. Para que os militares não impusessem a sua vontade pela força das armas, o GCRC promoveu a distribuição de armas pelos civis rebeldes. Seguiu-se uma efetiva guerra civil, que só terminou quando Mao ordenou ao EPL que impusesse a ordem. Os GV foram extintos e tornou-se urgente responder à necessidade de como ocupar os jovens estudantes que não tinham empregos nas cidades nem lugares nas escolas. Nem tinham, como Ting-xing Ye conta sobre a sua notificação para regressar às aulas em maio de 1966, livros escolares ou professores:

“The teachers who had survived the cruel attacks from their own students and colleagues did not care to work. The students, after two years of challenging

¹⁷ Onde se incluía a classe de origem do estudante e o seu ativismo político.

authorities and humiliating teachers, found it hard to sit down again. Most of the books had been labeled “poisonous weeds”, but there were no new ones to replace them.” (Ye, 2000: 155)

2.2. “Subir à montanha, descer à aldeia”

As aulas das escolas e as admissões às universidades estavam suspensas, os estudantes haviam dedicado os dois anos anteriores a provocar caos e violência com as suas perseguições aos inimigos de classe e, sobretudo, com os embates violentos entre fações, e não havia ocupações para atribuir a tanto jovem desocupado. Como refere Unger (1979: 79), após a reabertura das escolas não havia vagas suficientes para acomodar aqueles que ainda tinham idade para as frequentar; e o problema do desemprego urbano, existente antes da RC, intensificara-se com a abrupta paragem da produção que esta originou. A solução encontrada foi o envio dos jovens estudantes para as zonas rurais chinesas para que lá trabalhassem na agricultura e aprendessem a ser revolucionários com os camponeses. Para tal, fizeram uso do programa “*Shang shan, xia xiang*” – “Subir à montanha, descer à aldeia”, tendo ficado conhecido por *xia xiang* – iniciado em 1955. Pretendia, por um lado, dar a conhecer a realidade dos campos chineses aos jovens estudantes, para que aprendessem com esse pilar da revolução chinesa que foram os camponeses, e, por outro, beneficiar os camponeses e os trabalhos agrícolas com os conhecimentos académicos dos jovens.

Até à RC, o *xia xiang* tinha carácter voluntário e durava dois ou três anos para cada estudante, que geralmente se oferecia para a experiência para melhorar a sua avaliação política (era revolucionariamente bem visto ir trabalhar para os campos), de forma a obter de seguida um melhor emprego na cidade ou maior facilidade na entrada da universidade. Apesar de as autoridades incentivarem este interlúdio no campo aos jovens citadinos, sobretudo depois de 1963, os números de voluntários permaneceram sempre modestos, uma vez que os jovens entendiam a ida para os campos como uma regressão. Com o lançamento da RC, o programa foi interrompido. No entanto, em 1968, Mao decidiu

reintroduzir o programa. Assim, durante este ano o PCC começou a aconselhar os jovens que estavam desocupados desde meados de 1966 a voluntariarem-se para ir para o campo, apresentando este caminho como o dos verdadeiros revolucionários e como forma de demonstrar a lealdade a Mao Zedong. Os números de voluntários continuaram baixos e, a 21 de Dezembro de 1968, Mao assinou a diretiva que tornou o *xia xiang* um movimento universal para todos os estudantes que tinham terminado o secundário e abolia o caráter temporário das idas para o campo: os estudantes iriam tornar-se camponeses para o resto da vida. Cunhou-se assim o termo *zhiqing*, a expressão curta de *zhishi qingnian* (ou “jovens educados”), nome dado aos estudantes que foram “rustificados”, e que se viria a tornar o nome identitário das gerações que foram transferidas para as zonas rurais durante a RC. Durante a década da RC, mais de dezassete milhões de jovens foram abrangidos por este programa.

Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min foram três jovens afetadas pelo *xia xiang*, que tiveram, como tantos *zhiqing*, a sua vida alterada por esta interrupção nas suas vidas ordenada pelo PCC. Viveram experiências diferentes. Rae foi um dos jovens cujo fervor revolucionário levou a voluntariar-se para este programa no início de 1968, ainda antes da sua fase obrigatória, e foi colocada numa quinta estatal no Heilongjiang. A Ting-xing Ye, com o seu *background* capitalista, foi-lhe dado a escolher dois destinos dos mais desagradáveis, a ilha de Hainan ou uma quinta militar no Jiangsu. Escolheu a última. Anchee Min, que pela sua idade viveu já as fases mais tardias e menos virulentas do *xia xiang*, foi colocada numa quinta relativamente perto da sua cidade, Shanghai.

Bonnin (2013) estabelece também três fases diferentes para este programa durante a RC:

1) De 1968 até 1970, a fase mais abrangente do programa, quando maior número de jovens foi transferido para o campo num curto espaço de tempo. Com o novo ímpeto do *xia xiang*, até ao fim de 1969 tinham sido transferidos para o campo 4.670.600 *zhiqing* (Bonnin, 2013: 78).

2) De 1970 a 1972, fase em que o programa perdeu fulgor e a menor quantidade de jovens foi “rustificada”. Tal em parte deveu-se à recuperação económica que sucedeu quando os trabalhadores voltaram para as fábricas e a produção recomeçou, o que levou à necessidade de contratação de mais trabalhadores e, logo, a uma diminuição da necessidade de enviar pessoas das cidades para as zonas rurais. E em parte foi o resultado do caso Lin Biao (uma aparente tentativa de golpe de estado pelo seu filho Lin Ligu), que em setembro de 1971 originou a fuga e morte do sucessor nomeado de Mao e conseqüente diminuição do poder dos militares. A administração do país foi entregue ao primeiro-ministro Zhou Enlai, que via o programa como um desperdício: por um lado, a educação dos jovens era desperdiçada nas aldeias e quintas; por outro, Zhou não considerava que os camponeses necessitassem de ensino pelos *zhiqing*. Por último, em 1970 também reabriram as universidades, sendo a admissão feita através de critérios exclusivamente políticos (i.e., avaliando a classe e a prestação política do candidato).

3) De 1973 a 1976, fase em que houve novo entusiasmo maoista com o *xia xiang*, que ocorreu (em simétrico com a fase anterior) devido ao abrandamento de economia e à decisão estatal de 1973 de não contratar trabalhadores nesse ano, e renovada ascendência política dos radicais. Neste período, no entanto, houve uma reforma do programa que visava responder a algumas queixas dos *zhiqing* e das suas famílias, concretamente quanto à segurança das raparigas citadinas que eram transferidas para as zonas rurais, ao alojamento dos *zhiqing* e sua remuneração, à punição dos oficiais do PCC que abusavam do seu poder a lidar com os jovens urbanos e às condições de trabalho. Foi inclusivamente criado um departamento governamental para tratar dos assuntos dos jovens educados e alteradas as formas de recrutamento para o *xia xiang*; cada casal podia manter consigo na cidade um filho e, mais tarde, em algumas províncias apenas se requeria que um filho por casal participasse no *xia xiang*¹⁸. Algo que, sem surpresas, era matéria propícia para zangas entre irmãos, desentendimentos e, por vezes, ressentimentos e fissuras nas famílias que ficaram para lá do fim da RC.

¹⁸ Segundo Unger (1979: p. 88), no seu estudo do programa de rustificação no Guangdong, naquela província, a partir de 1975, todos os jovens que terminavam o secundário tinham de participar no *xia xiang*, mas o programa voltava a ter um caráter temporário e a duração das estadias nas zonas rurais eram de dois ou três anos – o que diminuiu significativamente a resistência ao programa da parte dos jovens e famílias.

As famílias de Ting-xing Ye e Anchee Min não ficaram imunes a estas zangas fraternais. Quando Anchee saiu da sua quinta para ingressar no estúdio de cinema onde seria filmado *Red Azalea*, a sua irmã Coral, que até então permanecera em Shanghai, teve de substituir Anchee na quinta, o que lhe causou grande azedume. Em casa de Ting-xing, houve que escolher se iria a autora ou a sua irmã mais velha para o campo, porque não podiam ficar ambas na cidade. E descreve:

“If government had wanted to cause conflict in families, it couldn’t have picked a better method. [...] [E]ither my older sister or I would have to leave the city and live the life of a peasant until she died. [...] The battles in families intensified as siblings fought like enemies. [...] The tension in our home grew to be unbearable. No one would discuss our dilemma.” (Ye, 2000: 156-157).

Os jovens citadinos foram enviados para três tipos de destinos, que produziram vivências muito diferentes: as aldeias (onde se inseriam nas comunas agrícolas já existentes), as quintas estatais e as quintas militares. Estas últimas, depois da queda de Lin Biao em 1971, foram transformadas em quintas civis. A localização dos destinos dos *zhiqing* foi bastante variada e também contribuiu de forma marcante o tipo de experiência que tiveram os deslocados. Desde as quintas suburbanas relativamente perto das cidades de origem, até às zonas de fronteira nas montanhas do Yunnan ou nas pastagens a norte na Mongólia Interior e no Heilongjiang, passando pelas zonas interiores do Shaanxi ou do Sichuan e pela ilha de Hainan, as possibilidades eram inúmeras. Na fase inicial os destinos mais longínquos de fronteira foram bastante usados, enquanto depois de 1973 se deu preferência às zonas rurais suburbanas – tanto para satisfazer as famílias, mantendo os jovens mais perto, como para controlar os custos do programa de “rustificação”.

Rene (2013) dá-nos uma comparação entre os tipos de estrutura e a localização em que os *zhiqing* eram colocados. Nas quintas, mesmo nas civis, a organização era muito hierarquizada e militarizada, usavam uniformes de estilo militar, seguiam uma rígida rotina de trabalho, refeições, estudos políticos e viviam sob uma severa disciplina. Não era permitido aos *zhiqing* namorarem nos primeiros três anos da estada na quinta, lerem novelas clássicas ou estrangeiras ou, até, cantarem canções folclóricas ou estrangeiras. O trabalho era árduo e com poucos períodos de descanso; incluía construir barragens e outros

projetos de irrigação, limpar florestas, recuperar terra para cultivar, escavar canais e plantar sementeiras ou árvores. No entanto, as quintas forneciam maior segurança no acesso a cuidados médicos, alimentação e garantiam um salário mensal superior ao rendimento que os *zhiqing* obtiam nas comunas agrícolas das aldeias. Curiosamente, e dado que a intenção declarada do *xia xiang* era colocar os jovens citadinos a aprender com (e transformá-los também em) camponeses, nas quintas o contacto dos *zhiqing* com os camponeses era limitado, visto que as quintas funcionavam como unidades autónomas das povoações onde se localizavam.

Nas aldeias o trabalho era igualmente intenso mas com maiores períodos de descanso. O ambiente mais relaxado, com menos restrições e menos vigilância. No entanto, os rendimentos dos *zhiqing* eram mais baixos, não tinham acesso a cuidados médicos, estavam inseridos em zonas muito pobres e isoladas, sem cuidados sanitários, sem alimentação assegurada, mal alojados, enfrentando a hostilidade dos locais. Das entrevistas realizadas por Rene, as experiências mais positivas durante o *xia xiang* vinham dos jovens colocados na fronteira do norte, sobretudo na Mongólia Interior. Apesar da pobreza e do isolamento, os camponeses eram geralmente acolhedores para os *zhiqing*, o trabalho consistia em guardar as pastagens (menos duro que noutras zonas, portanto) e a alimentação era abundante.

Inevitavelmente, o *xia xiang* foi um programa governamental que desagradou a todos os envolvidos e que foi gerando de forma crescente resistência e até contestação aberta na sociedade. Situações de limite levam a reações arrojadas: em 1970, apesar da repressão autoritária do regime, os *zhiqing* ousaram entrar em greve e fazer greves de fome em protesto contra a vida que lhes tinham imposto. As queixas eram numerosas e vinham de todos os intervenientes.

Os *zhiqing* viam a mudança coerciva para as zonas rurais, mais pobres e retrógradas da China como uma regressão e como uma punição, um “exílio dentro do país” (Clark, 2012:

27). Consideravam aviltantes a pobreza e as condições de vida no campo, bem como a mentalidade dos camponeses – muito mais conservadores do que a população citadina – e não percebiam como o PCC poderia esperar que aquela massa de camponeses iletrados, saudosistas da divisão de terras anterior ao GSF e apoiantes das políticas de Liu Shaoqi poderiam acrescentar à educação revolucionária dos jovens educados. O trabalho agrícola era árduo e os *zhiqing* não tinham nele qualquer formação, pelo que eram pouco produtivos. Este facto era especialmente gravoso para os jovens deslocados para as aldeias, porque nestas o seu rendimento era proporcional à produção, tendo grande dificuldade em se sustentarem e sofrendo, em consequência, constantes privações materiais. Afligia também os cidadãos a total ausência de controlo sobre as suas vidas. Além de terem sido deslocados, encontravam-se totalmente à mercê dos membros do PCC locais, que tinham a palavra final sobre tipos de trabalho feitos por cada *zhiqing* ou as autorizações para as férias junto das famílias nas cidades; e que, não raras vezes, abusavam da sua autoridade perante os indefesos *zhiqing*. Como escreveu Gu Xiong (2007: 107), ele próprio um jovem rustificado: “Era um tempo turbulento, acompanhado por um sentimento de perda e vazio. Confusão e obediência acrítica formaram o destino de toda uma geração. Mas por fim conseguimos reganhar o controlo sobre os nossos destinos”. Ting-xing Ye verbaliza o mesmo sentimento ao contar a sua transferência para Beijing: “I had entered my twenty-second year. Up till now my existence had been controlled by fate, political storm and loss. Maybe now I could lay my hand on the rudder of my own life and steer out of the bitter wind” (Ye, 2000: 271).

Outra fonte de problemas para os *zhiqing* era a hostilidade dos camponeses, sobretudo para os que foram enviados para as aldeias. Inseridos nas comunas agrícolas, os jovens das cidades eram vistos como trabalhadores pouco eficientes com quem havia necessidade de partilhar as colheitas e os recursos escassos das aldeias. Os trabalhos agrícolas mais moneais eram entregues aos *zhiqing*. Com a esperança que os *zhiqing* estivessem apenas temporariamente nos campos, os alojamentos que lhes construíram eram currais ou celeiros que funcionavam temporariamente como dormitórios (sem condições) dos jovens. Os secretários partidários das comunas com frequência desviavam fundos destinados ao *xia xiang* para outras necessidades das aldeias (ou para o seu próprio bolso). O único valor que

os cidadãos tinham nas aldeias era o potencial fornecimento de esposas de origem urbana para os homens camponeses, que valorizavam este *pedigree* mais educado e sofisticado para a sua mulher. Contudo, esta vontade de casar com uma cidadina era tão forte que por vezes primeiro violavam a sua escolhida como forma de a obrigar ao casamento.

Os pais dos jovens que eram transferidos para os campos eram também ferozes opositores do programa. Primeiramente pela razão de o *xia xiang* separar as famílias e obrigar os jovens a grandes períodos sem visitarem os pais – que, nas zonas de fronteira, podiam chegar a vários anos. Mas também porque o *xia xiang* era um fator de empobrecimento dos casais. Como os filhos viviam com dificuldades materiais, os pais tinham de gastar uma porção do seu rendimento com remessas para os filhos. Jonathan Unger (1979) descreve como surgiu o hábito em Guangzhou de um dos pais simular um problema sério de saúde, para assim ter permissão para se reformar, o que permitia que pelo menos a um filho fosse atribuído um emprego na cidade. Por último, os casais afligiam-se com a falta de segurança e de proteção nas zonas rurais, e sobretudo, depois de começarem a ser conhecidos os casos de violações de jovens cidadinas, com a insegurança das filhas.

Com tanta insatisfação com a vida nas zonas rurais, o maior desejo de qualquer *zhiqing* era regressar para a sua cidade; desejo ao qual tudo era sacrificado, incluindo a vontade de casar e constituir família. As estratégias para regressar às cidades eram várias, desde as legais – ser contratado para um emprego na cidade ou entrar na universidade, que se tornou possível depois da abertura de todas as universidades em 1972 e da reintrodução dos exames como critério de admissão ao ensino superior em abril de 1973 – até às obtidas pelas “portas traseiras”, ou seja, conseguidas através de cunhas e de corrupção. A simulação ou o exagero de doenças era uma forma de tentar escapar para as cidades; para obterem certificados médicos das doenças, os jovens chegavam a automutilar-se nas mãos ou nos pés ou a engolirem parafusos para que algo se revelasse nas radiografias. Relacionada com as desesperadas tentativas de regresso às cidades estava uma questão que causava grande ressentimento nos *zhiqing* e famílias: a corrupção dos quadros do PCC. Visto que os oficiais locais do PCC tinham a decisão final de quem regressava à cidade e

de quem ficava nas zonas rurais, institucionalizou-se o costume de exigir subornos ou favores sexuais para a obtenção das permissões de regresso.

O caso de Rae Yang é emblemático das vias não legais. Os seus pais, percebendo que Rae se sentia em apuros na quinta, enviaram telegramas informando que a sua mãe estava criticamente doente e pedindo o regresso da filha. Como os oficiais da quinta não se comoveram, enviaram novo telegrama informando da falsa morte da mãe e que, finalmente, resultou na autorização da dispensa da filha da quinta por algum tempo. Regressada à quinta depois da viagem em que supostamente foi prestar as devidas homenagens à sua falecida mãe, Rae pediu licença para abandonar a quinta definitivamente e convenceu o oficial do PCC encarregue da decisão com a oferta de dois pacotes de maços de cigarros. Já Ting-xing Ye, que não tinha acesso a cunhas e a subornos, conseguiu escapar da quinta através da admissão à universidade depois da reintrodução dos exames por Deng Xiaoping.

Outra questão que gerava grande ressentimento social era o tratamento preferencial que vinha com a classe social, concretamente com o facto de se pertencer a uma família de altos quadros do PCC. Os filhos da elite do PCC conseguiam escapar ao *xia xiang* com muito maior facilidade do que os restantes jovens – quer através da admissão nas universidades (que entre 1970 e 1973 apenas admitiam estudantes com base em critérios políticos, sendo a pertença a uma classe revolucionária uma grande mais valia para esta avaliação política), quer pela entrada na carreira militar no ELP, algo que só estava disponível aos filhos de quadros do PCC. Além disso, tiveram muito mais facilidades no regresso às cidades. Quando em 1973 os regressos se aceleraram, os primeiros a voltar às cidades foram os filhos da elite política (porque eram quem melhor podia aceder aos mecanismos das cunhas e quem tinha maior poder económico para subornar os oficiais locais do PCC). Em sentido inverso, os mais afetados pelo *xia xiang*, tanto na impossibilidade de escapar ao programa como por serem preteridos no regresso às cidades, foram os filhos das classes negras e os filhos das famílias de intelectuais.

Sendo um programa governamental muito contestado e que levou os jovens e as suas famílias a procurarem formas de fugir ou de encurtar as estadias nas zonas rurais, o *xia xiang* teve também aspetos positivos e que foram importantes para a vida daqueles que nele participaram. Apesar da vigilância constante, os jovens usufruíam de maior liberdade nas quintas e nas aldeias do que nas cidades – onde além da vigilância política eram também vigiados pela sua família. Havia mais oportunidades de contacto entre os sexos, o que proporcionava os namoros. De facto, muitos *zhiqing* tiveram as suas primeiras experiências amorosas e sexuais durante o *xia xiang*. Por esta razão, os afetos, o desejo e o sexo são temas importantes da grande maioria dos relatos literários ou cinematográficos sobre os jovens educados. O livro e o filme de Dai Sijie, ambos intitulados *Balzac and the Little Chinese Seamstress*, contam a história de dois *zhiqing* que pela primeira vez experimentam o amor e o sexo (bem como leituras ilícitas de clássicos literários ocidentais) com uma rapariga da aldeia para onde foram deslocados durante o *xia xiang*.

Um curioso fruto do *xia xiang* foi o surgimento de uma literatura *underground* (*dixia wenxue*) da autoria dos próprios *zhiqing*. A leitura de livros clássicos chineses e de livros estrangeiros era proibida, contudo sempre que se obtinha algum desses livros eles eram partilhados e passados de mão em mão e até copiados manualmente. Em *RA*, Yan, a amante de Anchee, é transformada pela leitura de *The Second-time Handshake*, o livro manualmente copiado pertencente a Little Green. A avidez por leituras diferentes era grande e alguns jovens citadinos começaram a escrever poesia, pequenos contos e romances. Apesar de todos estes escritos não oficiais serem proibidos, e de os seus autores e leitores correrem sérios riscos de perseguição política se encontrados com algum exemplar, todos os *zhiqing* sabiam da existência destes escritos e muitos leram-nos. Os contos e novelas acarretavam maiores perigos do que a poesia, uma vez que eram menos ambíguos e veiculavam opiniões política heterodoxas sobre a violência da RC e o *xia xiang*. Também a carga erótica destas obras criava uma rutura como puritanismo sexual reinante. Esta *dixia wenxue* foi um tipo de literatura particularmente inovador, pelos temas e pela autenticidade do estilo, e a precursora imediata da *scar literature*.

Outra consequência inesperada – e que contrariava os objetivos subjacentes ao *xia xiang* – foi a desilusão ideológica com o PCC e o maoísmo partilhada por muitos *zhijing*. A pobreza extrema das zonas rurais impedia que se continuasse a considerar o comunismo chinês como bem-sucedido. Anchee Min constatava:

“We discussed the reasons why we were losing the sight of the “brilliant future” the Party had drawn. [...] The irony was bitter: the Red Fire Farm was a model Communist collective, the wave of the future. It was one of ten farms in the East China Sea region. All of these farms [...] with a total of over 200.000 city youth sent to work and live in the área, didn’t even grow enough food to feed themselves.” (Min, 1994: 122-123)

O ressentimento com o tratamento preferencial dado às elites e a corrupção dos oficiais partidários levantava dúvidas sobre os benefícios do poder do PCC. O terror dos anos iniciais da RC e a injustiça sofrida na primeira pessoa da deslocação coerciva para as aldeias e quintas traziam questões sobre a repressão da liberdade pelo regime maoista. E a queda de Lin Biao, o sucessor designado de Mao, foi a última estocada na aura de infalibilidade de Mao: se Mao escolhia um sucessor que se revoltava contra ele, que confiança merecia a sua liderança? Rae Yang confessa: “This incident shocked me and made me question the nature of the Cultural Revolution. [...] If the Cultural Revolution was just a power struggle, it meant that we were deceived and used by a bunch of dishonest politicians” (Yang, 1997: 217-218).

2.3. O canto do cisne da Revolução Cultural

A deserção e misteriosa morte de Lin Biao num avião a caminho da União Soviética na noite de 12 para 13 de setembro de 1971 foi um golpe severo para Mao, e que o desacreditou pessoalmente junto dos chineses, bem como à sua RC, campanha de que Lin havia sido um dos grandes entusiastas. Os documentos dos alegados golpistas do grupo do filho de Lin, Lin Liguó, divulgado aos chineses depois do incidente, fazem um ataque feroz a Mao:

“Hoje ele usa esta força para atacar aquela força; amanhã usa aquela força para atacar esta força. Hoje ele usa palavras doces e conversa melosa para quem ele enfeitiça, e amanhã condena-os à morte por um crime fabricado. [...] Ele é um paranóico e um

sádico. [...] [E] ele põe a culpa de tudo o que acontece de mal nos outros.”
(Macfarquhar, 2006: 334)

Os jovens cuja vida foi atingida pela RC foram também referidos: “Nas fases iniciais da Revolução Cultural os Guardas Vermelhos foram usados e enganados e depois serviram de carne para canhão; nas últimas fases, foram suprimidos e tornados os bodes espiatórios.”
(Walder, 2015: 291)

Estes documentos são de facto um bom retrato do ambiente político e social gerado com a RC e não podemos deixar de questionar se estas opiniões não eram partilhadas pela generalidade da população, que sentia os efeitos económicos do caos e da desordem e assistia aos ziguezagues políticos de Mao, inicialmente apoiando uma facção para de seguida lhe preparar a queda. Desta forma, moderado e radicais alternaram-se no favor de Mao, até à sua morte, a 9 de setembro de 1976. A 6 de Outubro, Hua Guofeng prendeu o Bando dos Quatro, acusando-os os seus membros de prepararem um golpe de estado.

Em junho de 1981, já sob Deng Xiaoping, o PCC fixou a sua versão oficial sobre a RC. Repudiou-a e atribuiu a culpa à arrogância de Mao, à distância que este criou das massas, à sua confusão, nos anos finais, entre o certo e o errado e ao seu abandono da liderança coletiva. Destacando todos os benefícios que Mao trouxera à China com a libertação da invasão japonesa e do Guomindang e a instauração da RPC, a resolução do PCC atribuiu culpas a Mao e aponta-lhe “erros” (Cheek, 2002: 217). Contudo apresenta como maiores culpados o Bando dos Quatro e Lin Biao. Esses e só esses foram culpados de “crimes” (Fallaci, 2011: 355).

2.4. “As mulheres conseguem segurar metade do céu”: o peculiar feminismo da Revolução Cultural

A revolução comunista chinesa (e, dentro dela, a RC) teve como bandeira a libertação feminina, que se concretizou no incentivo à entrada das mulheres no mundo laboral fora da

esfera doméstica. Nesse sentido foi, até, precursora dos movimentos feministas ocidentais da segunda metade do século XX. A visão maoista sobre o feminismo pode ser resumida na frase atribuída a Mao “as mulheres conseguem segurar metade do céu” (“*funu nengding banbiantian*”), que, segundo Zhong (2011), pretendia afirmar a igualdade entre homens e mulheres e colocava o enfoque da libertação feminina na entrada das chinesas no mercado de trabalho e na contribuição efetiva para a construção do socialismo chinês. O regime comunista tinha, assim, uma visão inteiramente nova do papel das mulheres que levou a grandes alterações no estatuto das chinesas.

O período da RC, em concreto, aprofundou em alguns pontos a mensagem feminista. Como referem Macfarquhar e Schoenhals (2006), os direitos das mulheres foram centrais na campanha *pi Lin pi Kong* de 1974, e em 1975 refundou-se a Federação das Mulheres, organismo dedicado à condição feminina que fora denunciado e encerrado no início da RC. As autoridades de algumas províncias intensificaram os esforços para parar os raptos e vendas de mulheres, bem como para terminarem os casamentos forçados, os abusos sexuais e a violência contra as mulheres. E, dentro da expansão de liberdade que a RC trouxe aos jovens chineses, também as raparigas sentiram este período como uma oportunidade inigualável para participarem na revolução – e na vida – como nunca havia sido possível às chinesas anteriormente. As raparigas participaram ativamente nos grupos de GV (e também na violência: vimos acima que o primeiro assassinato ocorreu numa escola feminina), puderam viajar sós ou com amigos e foram para as zonas rurais onde tiveram de cuidar de si próprias e experimentaram uma enorme proximidade ao sexo masculino. E alguma alteração estes fatores provocaram na vida das jovens desta década, já que “quando as escolas reabriram, a percentagem de mulheres em todos os níveis de ensino subiu significativamente” (Davin, 2010: 211).

A política cultural da RC, sob a tutela de Jiang Qing, reforçou também a mensagem libertadora desta década. Dos oito espetáculos modelo que foram produzidos como paradigma da política de Mao para as artes, dois deles – os ballets *A Rapariga de Cabelo Branco* e *O Destacamento Vermelho das Mulheres* – ostentavam protagonistas femininas e

continham uma mensagem fortemente feminista, desde logo ao oferecer imagens heróicas de mulheres e ao apresentá-las como exemplos a seguir¹⁹.

No entanto, o feminismo maoista era de uma espécie peculiar, já que ao considerar as mulheres iguais aos homens, as considerava não só iguais nos direitos, nas capacidades e nas potencialidades, mas considerava-as como se fossem, de facto, homens. Neste sentido, o feminismo maoista é tanto uma libertação como uma masculinização das mulheres. Nos dois ballets modelo a libertação das protagonistas ocorre “quando são eliminados os atributos da feminilidade” (Bai, 2010: 199) e deixa de se relacionar com os outros como filha, mulher, mãe, esposa ou objeto de desejo. No fundo, a libertação feminina neste contexto é libertar-se de ser mulher para assumir a androginia – só neste estado se está emancipada e se pode tornar um agente da revolução socialista. É certo que em todos os espetáculos modelo os protagonistas (simultaneamente heróis) se destacam pela ausência de laços familiares relevantes, dos afetos comuns à generalidade dos humanos e vivem e respiram a luta de classe e a revolução e apenas dedicam amor interminável ao comunismo e ao PCC. Contudo, nos modelos revolucionários masculinos não existe a imposição do abandono do género. Como o Supervisor (leal seguidor da visão de Jiang Qing), em *RA*, explica quando Anchee lhe pergunta pela ausência das vidas privadas e de romance nas óperas-modelo, “Romantic love does not exist among proletarians [...] It is a bourgeois fantasy.” (Min, 1994: 238).

Esta androginia patrocinada pelo PCC pode ilustrar-se com a expressão de um poema de Mao, de 1961 e publicado em 1963, rezando: as chinesas “adoram vestes de batalha, não sedas e cetins” (“*bu ai hongzhuang ai wuzhuang*”). Como nota Chen (2011: 272), esta expressão foi parte do processo de “desfeminizar as mulheres, não pelo apagamento mas ligando a feminilidade ao feudalismo e ao capitalismo”. As roupas usadas pelos jovens durante a RC seguiam o estilo militar e a uniformização da roupa era imperativa; no caso das raparigas, além deste uniforme universalmente adotado impedir a expressão da

¹⁹ Os restantes espetáculos modelo foram as óperas de Beijing *Shajiabang*, *A Lanterna Vermelha*, *Tomar a Montanha Tigre pela Estratégia*, *Nas Docas* e *Ataque ao Regimento Tigre Branco*, e a sinfonia *Shajiabang* (Bai, 2010: 188).

individualidade de cada um, retirava-lhes também a possibilidade de expressarem a sua feminilidade – uma vez que o uniforme militar era uma roupa masculina. Novamente, a emancipação das mulheres era vista como a adoção por estas do padrão masculino. No caso das roupas, as raparigas podiam, no máximo, colocar uns cintos largos sobre o casaco militar de forma a marcar a cintura. Rae Yang descreve as roupas comuns: “faded uniforms that had been worn by our parents, red armbands, wide canvas army belts, army caps, the peaks pulled down low by girls in the style of the boys” (Yang, 1997: 122).

O cabelo das raparigas GV estava cortado curto e o paradigma de beleza feminino apregoadado pelas autoridades (nos posters de propaganda, por exemplo) era o de uma mulher possante, capaz de trabalho pesado, sem qualquer adorno. Yang recorda os seus músculos e a sua falta de higiene pessoal nesses tempos, mas é a descrição de Yan por Anchee Min que melhor evoca o modelo de beleza revolucionária:

“She was tall, well built, and walked with authority. She wore an old People’s Liberation Army uniform, washed almost white, and gathered at the waist with a three-inch-wide belt. She had two short thick braids. [...] She had weather-beaten skin, thick eyebrows, a bony nose, high cheekbones, a full mouth, in the shape of a water chestnut. She had the shoulders of an ancient warlord, extravagantly broad. She was barefoot.” (Min, 1994: 48).

2.5. O legado da Revolução Cultural

É um cliché sobre a China pós reforma económica de Deng Xiaoping afirmar que sem a RC não teria havido tal abertura. De facto, a RC foi tão disruptiva na vida de tantos milhões de chineses que todas estas alterações e ruturas abriram caminho às políticas de Deng. A RC terminou tendo, portanto, o preciso efeito que Mao queria evitar. A herança maoista não foi repudiada pelo PCC, não houve revisionismo à maneira soviética, Mao continuou um marco e uma referência importantes da RPC, mas houve críticas à sua atuação e repúdio da sua campanha predileta – a Revolução Cultural. E abandonou-se em definitivo a luta de classes para se aderir ao capitalismo. De “O Pensamento de Mao

Zedong será uma verdade geral para sempre” de Lin Biao durante a RC (cit. em Leese, 2011: 126), passou-se a “a prática é o único critério de verdade” de Deng (cit. em Venkatesan, 2005: 2). E da sociedade igualitária maoista (exceto para as classe negras e para a elite do PCC, que eram discriminados negativamente no primeiro caso e positivamente no segundo) passou-se à sociedade capitalista. Nada disto teria sido possível se a RC não fizesse desabar toda a estrutura de valores existente até então na sociedade chinesa. Nas palavras de Anne F. Thurston, a RC foi “uma situação extrema, caracterizada por um profundo sentimento de perda – perda de cultura e de valores espirituais; perda de esperança e de ideais; perda de tempo, verdade e vida; resumindo, perda de quase tudo o que dá significado à vida” (cit. em Pye, 1986: 605).

Para além da corrupção gerada com o *xia xiang*, o ressentimento do tratamento preferencial dado às famílias dos altos quadros partidários, e a desilusão ideológica com o maoísmo, todos já aludidos, a RC originou um ambiente propício à mentira, à traição e à simulação. Esperava-se de um bom revolucionário que denunciasse os inimigos da revolução, mesmo (ou sobretudo) quando esses inimigos eram familiares ou amigos próximos. Parecendo fazer sobressair o lado mais negro da natureza humana, havia até manifestações de alegria com a desgraça alheia. Como conta Yu Hua sobre uma conversa com uma professora:

“Ela contou-me com inegável excitação e prazer que a sua colega era filha de um proprietário de terras [...] e agora estava presa e enfrentava uma investigação. Quando percebi que esta professora estava a saborear a queda da outra, fiquei aterrorizado, porque tinha sempre pensado que eram as melhores amigas.” (Yu, 2011: 138).

Por sua vez, Lu (1994) refere as ruturas familiares que ocorriam nas famílias de classe negra. Esposos divorciavam-se se se tornava público que um deles provinha de uma má família; e os filhos das classes exploradoras, na tentativa de não sofrerem perseguições, cortavam relações com os pais. No caso dos jovens das classes negras, a melhor forma de provarem ser revolucionários sinceros era precisamente atacarem os seus familiares – e faziam-no, quer participando nas sessões de luta em que estes eram publicamente humilhados, quer escrevendo *dazibao* repudiando a família, quer denunciando-os por

qualquer pecadilho menor às autoridades. As relações humanas, os laços afetivos, as estruturas familiares e a confiança entre os indivíduos contam-se entre as vítimas da RC.

A mentira e a simulação eram simultaneamente provenientes das (e propiciadas pelas) autoridades políticas. O *xia xiang*, que pretendia estreitar os contactos entre os jovens citadinos e os camponeses mas colocava grande parte dos *zhiqing* em quintas onde tinham contacto limitado com os habitantes locais. A necessidade de agir com violência para com os alegados contrarrevolucionários, não por convicção mas por medo de que a falta de vigor fosse confundida com desafeto a Mao e à RC. O maior faz-de-conta da RC foi, porventura, a profunda hipocrisia do culto de Mao.

O culto de Mao foi deliberadamente iniciado, segundo Spence (1999), em 1943 para colocar Mao no centro de toda a história revolucionária. Durante a RC, o culto de Mao teve o lado pitoresco de colocar largos milhões de pessoas a estudar o Pensamento de Mao Zedong (ao qual se atribuía o poder de operar milagres nas capacidades de quem o estudasse), a pedir instruções a cada manhã a um retrato de Mao, a cobrir-se de pins com a imagem de Mao, a construir estátuas de Mao por toda a China e, até, a adorar umas mangas oferecidas pelo embaixador do Paquistão e em que Mao havia tocado. Mas como argumenta Leese, a aderência aos rituais do culto não provinham de um súbito acréscimo de amor a Mao, mas sim como uma necessidade para assegurar que não se era perseguido.

Um exemplo da esquizofrenia política da RC é a produção do Livrinho Vermelho, que continha as citações de Mao. Entre 1966 e 1969, mais de mil milhões de exemplares foram publicados (*idem*: 108). Para fazer face a esta produção massiva, os escassos recursos de papel foram alocados sobretudo ao Livrinho Vermelho e retirados dos outros livros e dos jornais: “em meados de 1966, quase todo o setor de publicações estava concentrado na impressão dos escritos de Mao, às custas de todas os outros produtos impressos, incluindo os livros escolares” (*ibidem*: 122). Na China da RC, o crime mais hediondo era contrariar o

Pensamento de Mao Zedong e o único conhecimento relevante para aprender – e exibir – eram as suas citações.

Havendo, como mostrámos, tantos eventos com impacto duradouro e traumático na vida dos envolvidos na RC, inevitavelmente a década entre 1966 e 1976 tornou-se o objeto de inúmeras obras literárias, cinematográficas ou das artes plásticas. Além das expressões artísticas que referiremos no capítulo seguinte, a RC tornou-se um assunto de eterno regresso para os realizadores chineses da quinta geração, com grande número de filmes revivendo a RC. Chen Kaige com *Rei das Crianças* e *Adeus, Minha Concubina*, Zhang Yimou com *Viver* e o recente *Guilai* ou Tian Zhuangzhuang com *O Papagaio Azul* são apenas dos exemplos mais internacionalmente aclamados. Mas não só. Ao fim de quase quarenta anos do fim desta campanha de Mao, as suas consequências ainda se fazem sentir na vida pública e na vida quotidiana dos chineses. A RC é uma ferida que nunca sarou.

3. “Eat shit and survive”: ondas de choque da Revolução Cultural

3.1. Expressões do trauma da Revolução Cultural

3.1.1. *Scar Literature*

Pouco tempo passou depois do fim oficial da RC²⁰ até que surgisse a primeira expressão cultural do trauma provocado pelos eventos da década anterior. Em novembro de 1977, o jornal *Literatura do Povo* (*Renmin Wenxue*) publicou algumas pequenas histórias sobre “o sofrimento durante a Revolução Cultural e o estado espiritual dos chineses que o haviam sobrevivido” (Knight, 2003: 527). Uma dessas histórias foi “O Professor Titular” (“*Ban Zhuren*”), de Liu Xinwu, cujo impacto levou ao surgimento de uma avalanche de contos

²⁰ Geralmente aceite ter ocorrido com a prisão do Bando dos 4 em 6 de outubro de 1976.

testemunhais dos traumas da RC. Depois da publicação do conto “A Cicatriz” (“*Shanghen*”, também traduzido por “Os Feridos”) de Lu Xinhua, no *Diário Wenhui* de Shanghai a 11 de agosto de 1978 (Yang, 2012: 7), este movimento literário ficou conhecido como *shanghen wenxue* – a *scar literature* ou literatura dos feridos. Os autores deste género literário provinham da geração de *zhiqing*, pelo que é também o primeiro exemplo da *zhiqing wenxue*, corpo literário de que uma década mais tarde farão também parte as memórias de trauma de Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min.

“*Ban Zhuren*” e “*Shanghen*” podem ser apontados como os dois contos fundadores da *shanghen wenxue*. A década da RC fora tão disruptiva e tão calamitosa na vida dos chineses que, como refere Berry (2008: 255), “a revolução Cultural subitamente tornou-se o foco de uma nova série de diários, memórias, histórias e trabalhos de ficção que cresceu até um género robusto durante os anos 1980, e um tema inevitável para todos os escritores contemporâneos do continente”. As melhores obras da *shanghen wenxue* tornaram-se grandes sucessos editoriais²¹. Que assim tenha sucedido permite-nos supor que estas pequenas obras representavam uma visão traumática da RC que era partilhada pelos leitores, que se identificavam com as histórias contadas.

Podemos caracterizar alguns vetores sobre a *shanghen wenxue*. Em primeiro lugar, sendo a primeira expressão pós-traumática da RC, previsivelmente foi um género literário que procurou sobretudo exorcizar o trauma, contando-o, expelindo-o, mais do que compreendê-lo. Como argumenta Yiju Huang (s.d.), procurou mais a cura do que a reflexão. Mas, como contrapõe Wang (2004: 107), era já um modo de “procurar uma linguagem, uma forma de articulação para que a história fizesse sentido”. É, portanto, uma literatura de denúncia dos crimes cometidos durante a RC que os chineses indefesos e inocentes haviam sofrido, de vitimização. É também, ainda, uma repetição traumática dos eventos geradores de trauma. No fundo, foi o início do processo pós-traumático da sociedade chinesa.

²¹ O *Diário Wenhui*, por exemplo, esgotou a sua edição de um milhão de exemplares no dia em que publicou ‘A Cicatriz’ (Yang, 2012: 111).

Em segundo lugar, apesar do discurso de vitimização, os autores da cicatriz não se escusam a mostrar as vítimas simultaneamente como agressoras, fugindo do paradigma politicamente correto de atribuir apenas o papel de perpetradores de violência e sofrimento ao Bando dos Quatro e a Lin Biao. A perseguição das personagens aos seus familiares e amigos foi um dos temas abordados pela *shanghen wenxue*, bem como a brutalidade dos GV e do Terror Vermelho dos inícios da RC. Desta forma, estas obras literárias foram também uma primeira abordagem ao trauma dos perpetradores, tema que vai ressurgir em algumas das memórias de trauma escritas na década seguinte sobre a RC (desde logo, em *RA* e *SE*) e, sobretudo, nos pedidos públicos de perdão pelos ex-GV da atualidade.

Um terceiro ponto é o regresso à subjetividade e ao individual que traz a *shanghen wenxue*. Os autores afastam-se dos temas políticos para se debruçarem sobre a esfera do privado e do individual. As desventuras pessoais provocadas pelas RC são o tema central da literatura dos feridos, bem como os efeitos perniciosos que aquela década havia tido nas relações entre pais e filhos e outros familiares, amigos, professores e alunos. Adota até, como refere Wang (2004), um discurso humanista, algo que Mao Zedong combatia; e contém uma moral. Além de uma questão estilística, é, assim, também um corte com o domínio do coletivo que imperou e era compulsório durante a RC. É, por isso, uma recusa dos ideais maoistas e da ideologia da RC. E, ainda, como refere Yang (2012), uma contestação à rigidez do dirigismo criativo da política cultural do PCC durante a RC.

De facto, não pode haver maior contraste do que entre as histórias espontâneas e profundamente enraizadas na subjetividade dos autores da *shanghen wenxue* e os espetáculos-modelo da RC. Por muito tecnicamente perfeitos e esteticamente apurados que estes fossem, eram obras coletivas, escritas, reescritas, passando por numerosas mãos até Jiang Qing considerar que representavam exemplarmente as classes e os modelos revolucionários. Eram expressão de uma ideologia mas não continham vestígio de expressão de individualidade, de interpelação do autor ao mundo ou de visão particular e subjetiva da realidade. Sobre outra área artística, Hernandez (2014: 68) sintomaticamente

descreve o desabafo do pintor Dong Xiwen, a quem foi atribuída a realização de posters de propaganda, dando conta que nunca havia criado uma obra que tivesse sido criada de facto pela sua mente. À ausência de relações pessoais e familiares relevantes dos protagonistas dos espetáculos-modelo – substituídas pela lealdade e pelo amor ao PCC e ao comunismo, que consumiam todo o tempo e energia destas personagens – opõe-se a centralidade das relações humanas na *shanghen wenxue*, o seu caráter introspetivo e a fidelidade à consciência individual. Aos temas militares e ideológicos dos espetáculos-modelo, contrapõem-se as agruras individuais sofridas durante a RC. A *shanghen wenxue*, desta forma reativa e oposta à arte produzida entre 1966 e 1976, indicia que a repressão criativa desta década – tal como a repressão política e a repressão sexual – foi também ela traumática.

Um quarto e último aspeto deve ser considerado: a *shanghen wenxue* é também produto de um período politicamente mais aberto, em que, segundo Yang (2012), inclusive a censura chinesa foi aligeirada. Decorreu entre o fim da RC e os incidentes em Tian'anmen em 1989. Fokkema (1991) refere que a reversão de veredictos e a reabilitação de escritores e intelectuais que haviam sido perseguidos, presos e criticados durante a RC foi o sinal de que o PCC pretendia alterar a sua política para a cultura e artes. Lee (1979) considera mesmo que se fez reviver o espírito de liberdade inicial da Campanha das Cem Flores e os escritores eram encorajados a abordar temas e realidades que até aí proibidos.

A relação entre a *shanghen wenxue* e a política do pós-maoísmo foi biunívoca. Os escritores aproveitaram o ambiente político mais ligeiro e tolerante com as expressões artísticas, mas os políticos também se serviram da produção literária. Não por acaso, as histórias que fundaram a *shanghen wenxue* publicaram-se em jornais estatais que implementavam a política do PCC. É certo que vários altos quadros do PCC mostraram reservas sobre a permissão de se retratar tão cruamente o caos e a calamidade da RC²², e que Deng Xiaoping considerava tanta comiseração uma lamechice. Contudo, a *scar*

²² Entre eles, por exemplo, estavam Peng Zhen (um dos primeiros altos quadros purgados durante a RC) e Chen Yun, que promoveram entre 1983 e 1986 uma campanha contra a 'poluição espiritual' (Fokkema, 1991: 615) que a literatura sobre a RC representava.

literature contribuiu para legitimar a política de reformas do próprio Deng, que viria a referir-se desta forma a este género literário:

“Através de um repúdio total e denúncia da linha ultra-esquerdista de Lin Biao e do Bando dos Quatro, muitas excelentes novelas, poemas, peças, filmes, exemplos de arte popular, reportagem, bem como de música, dança, fotografias e outras obras de arte tem sido produzidas nos últimos anos. Estes trabalhos tem desempenhado um papel ativo em esmagar os elos espirituais de Lin Biao e do Bando dos Quatro e erradicando a sua perniciosa influência; também ajudaram a emancipar o pensamento das pessoas” (cit. em Huang, s.d.: 19).

De forma evidente, o corte com o esplendor do maoísmo que fora a RC, expresso na *shanghen wenxue*, reforçava simbolicamente o corte político implementado por Deng. Por outro lado, ao reafirmar o individualismo, a literatura dos feridos também ia no mesmo sentido do capitalismo e da recusa do coletivismo da política pós-maoista. Desta forma, curiosamente, a *shanghen wenxue* foi instrumental na prossecução de um dos objetivos de Mao: usar o passado para servir o presente²³. Usou-se, assim, o passado maoista, repudiando-o, para apoiar as reformas capitalistas presentes.

A *shanghen wenxue* não ficou, no entanto, aprisionada no passado e no trauma da RC. Como qualquer processo na cura do trauma, este corpo literário “reflete um desejo forte de enxotar o pesadelo da história recente, particularmente o trauma da Revolução Cultural, e de vislumbrar a possibilidade de um futuro mais esperançoso e com significado” (Wang, 2004: 143). Como nota Knight (2003), as obras da cicatriz dos anos 1980 foram as precursoras de toda a literatura testemunhal sobre a RC, incluindo as memórias já escritas em inglês – como são *SE*, *RA* e *LBW*. Já Wang (idem: 162) refere que “[c]onfrontar as feridas é uma forma sóbria de lembrar a Revolução Cultural e outros eventos históricos, e a partir daí uma forma de melhor nos percebermos a nós próprios”. Neste sentido lato, podemos considerar que toda a literatura traumática sobre a RC, incluindo as memórias de Anchee Min, Rae Yang e Ting-xing Ye, e não apenas a produzida no final dos anos 1970 e nos anos 1980, é *shanghen wenxue*.

²³ A expressão ‘gu wei jin yong’ – ‘usar o passado para servir o presente’ – foi proferida por Mao em 1956 numa conferência perante músicos e usou-se amplamente durante a RC (Chen, 2011: 206).

3.1.2. Nostalgia dos anos 1990

Nos anos 90 do século XX, na China, quando já se sentiam os efeitos económicos e sociais das reformas de Deng Xiaoping e das mudanças que o capitalismo havia trazido, surgiu uma nova forma de tornar presente a RC: a nostalgia dos antigos *zhiqing* e a mercantilização da *memorabilia* da RC e, sobretudo, de Mao. Como explica Guobin Yang (2003: 267), esta “onda de nostalgia” foi espoletada pela exposição inaugurada em 25 de novembro de 1990, em Beijing, intitulada “A Nossa Ligação Espiritual ao Solo Negro – uma Exposição Retrospectiva sobre os Jovens Educados de Beidahuang” e que foi visitada por 150.000 pessoas, maioritariamente antigos *zhiqing*. Exposições semelhantes repetiram-se por todo o país durante essa década.

Mas não só. Restaurantes decorados ao estilo dos anos 1960 e 1970 foram abertos e serviam pratos que emulavam a alimentação dos *zhiqing* durante o *xia xiang*. Lançaram-se discos de músicas e canções alusivas ao tempo da revolução cultural. Publicaram-se diários, cartas e poemas escritos pelos jovens “rustificados”, bem como os conjuntos de fotografias que tinham tirado aos seus amigos. As agências turísticas organizavam viagens para grupos que queriam regressar por uns dias às quintas e às aldeias onde haviam sido colocados durante o *xia xiang*.

Yang caracteriza em quatro pontos esta vaga nostálgica que percorreu alguns chineses nos anos 1990:

- 1) Foi um fenómeno que afetou apenas os que eram jovens durante a RC e, dentro destes, os abrangidos pelo *xia xiang*. Experiências como pertencer aos GV não provocaram sentimentos nostálgicos.
- 2) Foi um fenómeno cultural de massas e da generalidade das classes sociais, ao contrário da *shanghen wenxue* que, considera Yang, fora um fenómeno de elites.

- 3) Foi um fenómeno espontâneo, sem organização formal, assente em associações cívicas.
- 4) Tinha uma elevada intensidade emocional, com numerosos abraços dos antigos amigos que se reencontravam, com lágrimas abundantes com as histórias partilhadas que se contavam, com trocas de fotografias antigas e repetidas expressões nas pequenas obras publicadas como “«amor profundo», «alegria inesquecível», «anos de sofrimento e alegria», «sentir falta do passado», «reminiscências em lágrimas» e por aí” (*idem*: 271).

A estas quatro características poderíamos acrescentar o elemento identitário da nostalgia, através, como refere Bryant (2005) da lembrança de experiências partilhadas: “Os eventos dramáticos da Revolução Cultural são sem dúvida um ponto para os indivíduos se identificarem entre si e descobrirem um sentimento de solidariedade numa história pessoal comum” (Bryant, 2005: 162).

A nostalgia é, por fim, uma reação ao *status quo* da década de 1990 na China. É, portanto, tanto uma forma de lidar com o presente de então como de valorizar o passado. A reforma capitalista de Deng Xiaoping já se fazia sentir e os antigos *zhiqing* situaram-se nos extremos opostos quanto aos benefícios que conseguiram retirar da China capitalista. Uma minoria de antigos *zhiqing* parece ter encontrado na experiência a tenacidade para tentar melhorar a sua situação, e os recursos para mais tarde lidar com as adversidades da vida e vencer. Davies (2005) aponta-lhes o espírito resistente e resiliente que lhes permitiu adotar o capitalismo, e Zhou e Hou (1999) notam a maior propensão para o risco dos que viveram o *xia xiang*. No entanto, muitos outros nunca se recompuseram dos anos que perderam nas quintas e nas aldeias. Alguns *zhiqing* tornaram-se os exemplos de sucesso económico das reformas capitalistas e muitos mais tornaram-se os deserdados da era da reforma.

A nostalgia está estreitamente ligada ao insucesso desta geração de *zhiqing* nos anos 1990. Como esta é também a geração a que pertencem Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min, é conveniente fazer o ponto da situação da vida desta geração, nesta década e dentro da

China. Porque foi também para escapar a este destino que Rae, Anchee e Ting-xing emigraram.

Privados de uma educação formal nas décadas de 1960 e 1970, que terminava antes de tempo para que os jovens fossem enviados para o campo, na década de 1990 os antigos *zhiqing* estavam particularmente mal equipados para competirem pelos postos de trabalho das fábricas capitalistas. Assim, esta geração de *zhiqing* foi a grande afetada pelo desemprego na última década do século XX²⁴. Um antigo *zhiqing* descreve desta forma a vida da sua geração:

“Crescemos durante os três anos de dificuldades [GSF] e perdemos a oportunidade de uma educação quando fomos enviados para o campo durante a Revolução Cultural. A maioria dos *zhiqing* casou tarde, e quando quisemos filhos, o governo começou o planeamento familiar e pudemos ter apenas um. Agora somos de meia idade, o nosso filho está na escola, e nós estamos desempregados e não temos dinheiro.” (crf. Davies, 2007: 181).

Zhou e Hou (1999), no seu estudo das consequências do *xia xiang* no curso de vida dos jovens educados, encontraram as seguintes conclusões:

- 1) Os *zhiqing* casaram mais tarde e tiveram o filho único mais tarde do que os jovens que ficaram na cidade.
- 2) Quanto maior a estadia nas quintas e aldeias, mais negativamente o *xia xiang* influenciou a vida dos *zhiqing*. No entanto, os jovens que estiveram menos de seis anos nos campos mostraram, depois de em 1977 serem reintroduzidos os exames para admissão às universidades, taxas mais elevadas de frequência do ensino superior do que as dos jovens que permaneceram nas cidades.
- 3) Em 1993, os homens que haviam sido *zhiqing* tinham rendimentos médios mais baixos do que os homens que sempre permaneceram nas cidades. Contudo, no caso das mulheres

²⁴ Yang (2003: 274) apresenta números para 1998: 40% a 60% dos que perderem o emprego nesse ano foram antigos *zhiqing*.

a situação invertia-se: as antigas *zhiqing* ganhavam mais do que as raparigas não afetadas pelo *xia xiang*.

Numa leitura superficial, somos tentados a considerar que após a denúncia da RC ocorrida com a *shanghen wenxue*, a sociedade chinesa estaria já disposta, com esta vaga nostálgica, a valorizar pontos positivos que a última campanha maoista lhes trouxera e pacificar-se com a história recente. Segundo o estudo de Bryant (2005), escutar músicas populares durante o *xia xiang* era uma poderosa forma de os indivíduos evocarem as lembranças positivas, e apenas as positivas, dos tempos de *zhiqing*. E não custa notar em Yang a convicção de que esta nostalgia, com as suas saudades das experiências positivas que o *xia xiang* permitiu aos jovens que o viveram, era mais genuína, mais espontânea, mais generalizada, menos elitista e, em consequência, mais verdadeira na representação da forma como a RC era vista nos anos 1990 do que a *shanghen wenxue*. Em certa medida, como se o trauma expresso na cicatriz literária fosse apenas o trauma de poucos, enquanto a nostalgia refletia a boa experiência revolucionária da grande maioria. Esta argumentação vai no mesmo sentido de outras críticas que são feitas às memórias de trauma durante a RC, reforçando o caráter elitista e minoritário.

Davies (2005 e 2007), nos seus trabalhos sobre a nostalgia, partindo das exposições de fotografias de *zhiqing* e da publicação do livro *Velhas Fotografias de Zhiqing*, não fica apenas pela descrição do fenómeno nostálgico e das suas expressões culturais, mas apresenta-nos também (ao contrário de Yang) a crítica a esta nostalgia existente na própria sociedade chinesa. Esta corrente recusa

“qualquer tentativa de ver aspetos positivos no passado, especialmente apresentando exemplos da vida corrente, estudo e trabalho duro no campo. Afirmar estes aspetos do passado é afirmar o valor de uma experiência que foi inteiramente desastrosa para os *zhiqing*” (Davies, 2007: 187).

Já o escritor Feng Jicai diz da nostalgia “que não tem nenhum elemento de reflexão crítica. [...] Não é algo da razão, mas um tipo de emoção. A nostalgia é capaz de pagar em coisas más e vê-las como belas.” (Davies, 2005: 101).

E, na verdade, este é o grande paradoxo da nostalgia. A geração que foi enviada para as aldeias e para as montanhas porque nas cidades não havia empregos estatais onde a colocar, que perdeu a possibilidade de ter uma educação, que sem educação não tinha a formação de base necessária numa economia capitalista e que, por isso, ficou desempregada, dedica-se a embelezar o passado e a criticar o presente. A frieza das decisões capitalistas, a procura do lucro e o sucesso económico como principal parâmetro de sucesso individual chocam certamente aqueles que foram educados nos valores maoistas. O alargamento das desigualdades sociais embate contra um sistema de valores assente na mais radical igualização promovida pelas sucessivas campanhas maoistas²⁵

Consideramos, assim, que a nostalgia não pode ser apenas apresentada como uma recusa do presente capitalista e um anseio (pelo menos emocional) pelos tempos maoistas. Desde logo porque há a crítica à nostalgia proveniente dos próprios *zhiqing* que referimos acima. E também porque a aceitação da nostalgia como uma crítica ao presente capitalista dos anos 1990 merece ser temperada. Como nota Bonnin (2007), a nostalgia pelo período da RC é oficialmente encorajada pelo PCC e usada para contrabalançar os eventos de Tian'anmen a 4 de junho de 1989. Como refere o historiador, “não é certamente por acidente que a primeira grande exposição sobre o movimento *xiexiang* foi aberta com grande fanfarra em 1990, pouco depois dos eventos de junho de 1989, e para mais no Museu de História de Beijing, ou seja, em Tian'anmen.” (Bonnin, 2007: 63).

Por outro lado, a nostalgia trata-se de um embelezamento consciente do passado – e que contraria a genuinidade com que Yang, por exemplo, a apresenta. Davies (2005) descreve como no livro *Velhas Fotografias de Zhiqing* os editores não quiseram incluir histórias de antigos *zhiqing* desempregados, para não tirar a imagem positiva que se pretendia associar a este grupo de pessoas e para não desencorajar os leitores. Em outro trabalho, Davies

²⁵ Ainda que se deva ressaltar que as desigualdades sociais sempre foram acentuadas na China, incluindo no período entre 1949 e as reformas de Deng Xiaoping em 1982. Como vimos, durante a RC o discurso de classe foi central na retórica e na prática. Os filhos das famílias dos quadros do PCC foram consistentemente beneficiados durante a RC e usufruíram de inúmeras vantagens materiais.

refere a reação de um antigo *zhiqing* à exposição de fotografias que visitava: “Não havia assim tantos sorrisos naquele tempo” (crf. Davies, 2007: 173), confessa. O autor Wang Shuo ilustra bem a forma como a lembrança deste passado do *xia xiang* está longe da vivência verdadeira:

“Nas minhas impressões desses tempos, nós éramos bonitos, puros e saudáveis. Um amigo manteve algumas fotografias desses tempos, a preto e branco, daquelas tiradas com uma câmara de 135mm. Eu percebi que as minhas impressões estavam erradas apenas depois de ver as fotografias. Naquele tempo nenhum de nós era bonito, éramos escuros e magricelas, os nossos olhos sem brilho, teimosos, talvez até estúpidos. Pensava que éramos puros, mas de facto como poderíamos ser puros?” (cit. em Larson, 2009: 179).

Se é certo que a nostalgia é uma recusa da frieza capitalista, também nos parece este falsear do passado pode ser uma necessidade para lidar com o presente tanto quanto para lidar com o passado, que precisa de ser embelezado para ser integrado. Larson (2009) nota a necessidade de retirar algo de bom dos anos de sofrimento, medo e insegurança da RC, e mostra a nostalgia como uma escolha dos *zhiqing*, que estão decididos a convencerem-se que viveram um tempo de paixões juvenis e políticas em vez de um tempo que foi uma calamidade histórica. Ganito (2012), no seu estudo sobre o trabalho do artista contemporâneo Zhang Xiaogang, concretiza, a propósito das instalações de Zhang: “muitos dos objetos expostos apresentam distorções. Este exercício sugere que a distorção é um elemento central no processo de reconfigurações de identidade e de memória a seguir ao trauma coletivo” (Ganito, 2012: 176).

A distorção benigna do passado, a “estetização da fealdade do passado”, como lhe chamou o escritor Wang Xiaobo (cit. em Qin, 2006: 262), é, então, mais uma forma de lidar com o trauma da RC. Berry (2008) é ainda mais contundente, questionando se a nostalgia não será tão somente a criação de mais uma narrativa pós-traumática do *xia xiang*.

3.1.3. Memórias da Revolução Cultural

Em simultâneo com a vaga nostálgica da RC que percorria a geração dos *zhiqing* na China, outro fenómeno ocorreu: a publicação de memórias que contêm as experiências pessoais dos seus autores durante a RC. E, dentro destas, as numerosas memórias cujo tema central é a RC e que foram escritas e publicadas em língua inglesa, por autores que se expatriaram no mundo anglo-saxónico. Além das três memórias analisadas nesta dissertação, caem também nesta descrição o famoso *Wild Swans*, de Jung Chang (1991), *Life and Death in Shanghai*, de Nien Cheng (1987), *Red Sorrow*, de Nanchu (2001), *Morning Breeze*, de Fulang Ho (1989), *To the Edge of the Sky*, de Anhua Gao (2000), *Born Red*, de Gao Yuan (1987), *Red Scarf Girl*, de Ji-li Jiang (1997), *Vermilion Gate* de Aiping Mu (2000) e outras. A publicação de memórias de chineses expatriados (com a maioria dessas memórias abordando o período da RC) é um nicho de mercado florescente no mundo editorial em língua inglesa. Como nota Yang (2007: 291), “há uma indústria cultural internacional relacionada com a RC, sendo o mais notável exemplo as numerosas memórias em inglês”. Apesar dos percursos de vida dos vários autores serem muito diferentes entre si, a maioria dos memorialistas provém da geração de jovens que viveu o *xiaxiang*, o que mais uma vez revela o caráter marcante desta experiência.

Mas não só em inglês são publicadas memórias. Como Yang (2007) também refere, apesar das proibições oficiais de escrever sobre a RC, na China este tema constitui também um nicho de mercado e centenas de memórias, desde políticos e familiares de políticos até aos chineses comuns, foram publicadas. Peng (2009) descreve três tipologias gerais de memórias sobre a RC que se agrupam segundo o seu local de publicação:

- 1) As memórias publicadas na China, que não ousam confrontar a história oficial do PCC sobre a RC e a culpa exclusiva do Bando dos Quatro e de Lin Biao; que não repudiam assumidamente o maoísmo mas também não o absolvem; e que não nomeiam os perpetradores de violência, preferindo uma mais segura designação genérica.

2) As memórias da diáspora no mundo anglo-saxónico, em língua inglesa, que confrontam claramente a história oficial da RC.

3) Memórias publicadas em Hong Kong, em mandarim, provenientes dos agressores da RC (os antigos GV ou agentes políticos relevantes, como Nie Yuanzi²⁶), com objetivo principal de serem lidas no continente e, desta forma, limpem a reputação do autor. São também obras que contestam a versão oficial sobre a RC.

Esta proliferação de memórias sobre a RC a partir dos anos 1990 não se deve apenas a circunstâncias da história chinesa e da vida dos seus autores. De facto, estas obras inserem-se no *memory boom* que caracterizou esta década e que é uma forma de *life-writing* predominantemente feminina de contar o trauma – tal como referiu Luckhurst (2008). No entanto, esta não é uma tarefa fácil e a vítima enfrenta o dilema descrito por Laub (1992: p. 78-79): “o imperativo para contar” o trauma coexiste com “a impossibilidade de contar”. Enquanto se vivencia o evento traumático, a vítima adquire uma enorme necessidade de contar as perseguições, as injustiças, as violências por que passou, de fazer saber aos outros a sua história, de não deixar permanecer impune e silenciado o trauma que lhe impuseram. Enquanto vive o trauma, a vítima precisa de sobreviver para, um dia, poder contá-lo e prestar testemunho. Passado o evento traumático, no entanto, a vítima precisa de contar a sua história para poder sobreviver (1992: p. 78).

Contudo, Laub (*idem*) descreve também a “impossibilidade de contar”: “Nunca há palavras suficientes ou as palavras certas, nunca há tempo suficiente ou o tempo certo, e nunca há ouvidos suficientes ou ouvidos certos para articular a história que não pode ser totalmente captada em pensamento, memória e discurso”. Assim, as memórias de trauma da RC não são necessariamente memórias factuais da RC, uma vez que não são relatos jornalísticos ou de crónica histórica, mas são relatos verdadeiros, contendo a verdade subjetiva dos autores, como Laub também refere. De facto, RA, por exemplo, está na fronteira entre a memória e a autoficção, eventualmente distorcendo algum facto, ou iluminando

²⁶ Autora do primeiro *dazibao* da RC, colocado na Beijing Daxue.

disproporcionadamente outro, para contar a sua vivência particular e subjetiva do trauma da RC por Anchee Min.

As memórias de trauma da RC escritas em inglês e já fora da China têm alguma particularidades que as diferenciam das restantes, para além do já apresentado por Peng (2009). Desde logo porque são escritas fora da esfera de influência do PCC, num espaço com um grau de liberdade substancialmente superior ao da China, onde as autoras têm a possibilidade de se expressarem livremente, de exporem todos os resultados da sua introspeção e de acusarem e culparem explicitamente os seus agressores. Gerwurtz (2008) argumenta até que o processo de recordar sobre a China só pode ser feito da periferia e, preferencialmente, de fora da China. Eventualmente porque sendo a RC um tema tão emocionalmente carregado, a distância apesar de tudo permita um esfriar de paixões e uma mais coerente reconstrução da história, essencial para curar o trauma.

E também, como Gilbert (1998) afirma sobre *SE*, estas memórias da RC são memórias políticas. Por um lado, porque, como refere Tal (1996: 7), o ato de contar o trauma é em si mesmo um ato político que “ameaça o status quo, poderosas forças políticas, económicas e sociais irão pressionar os sobreviventes para ou manterem o seu silêncio ou reverem as suas histórias”. Herman (1997: 210) classifica-o como “um desafio à tentativa do perpetrador de silenciar e isolar [a vítima]”. Denunciar o trauma é sempre, portanto, um ato político.

No caso das memórias sobre a RC escritas em inglês, e concretamente em *SE*, *RA* e *LBW*, a carga política acentua-se, visto que as três obras são *statements* políticos contra o maoísmo. Não tem uma ênfase política tão marcada como, por exemplo, *Life and Death in Shanghai*, que continuamente critica as manobras políticas de Mao e da facção rebelde, e permanentemente lhe contrapõe a moderação de Zhou Enlai e o pragmatismo pouco dramático de Deng Xiaoping. No entanto, apesar de Anchee Min, Rae Yang e Ting-xing Ye se mostrarem totalmente desinteressadas da política institucional, as suas três obras são

de profunda desilusão com o maoísmo e com o que, afinal, revelou ser a RC. Ting-xing Ye, porventura por ser filha de um capitalista e, logo, provir de uma classe negra (mau grado a pobreza em que vivia a família depois da nacionalização da fábrica do pai), nunca demonstrou grande fervor comunista. Mas Rae Yang e Anchee Min começaram a adolescência prenhes de fervor revolucionário para se desiludirem amargamente.

Rae Yang relata as dúvidas sobre a RC depois da morte de Lin Biao, questionando-se pela primeira vez se a RC não seria só afinal uma luta pelo poder no PCC que alastrou a toda a sociedade. E como poderia acreditar nas palavras e slogans que lhe eram transmitidos, se havia a possibilidade de todos serem traidores oportunistas como Lin? Para Anchee, o corte de confiança com o PCC foi a morte de Little Green. Depois disso, conta, “we asked ourselves why we are getting poorer and poorer when we had been working so hard on the land. [...] I had never been able to buy any new clothes for myself. Were we going to spend the rest of our lives this way?” (Min, 1994: 122). As três memórias são histórias de perda da fé na “santíssima trindade”: em Mao, no PCC e no comunismo.

As memórias escritas em inglês têm outra característica diferenciadora: podemos assumir que foram escritas pela parte minoritária da geração de *zhiqing* que singrou depois da RC. O ato de publicar um livro num mercado editorial concorrencial como são os do mundo anglo-saxónico é desde logo um marcador de sucesso. Que esse livro seja bem aceite pelo público de leitores e pela crítica é outro. No caso de Anchee Min e de Ting-xing Ye, que se tornaram autoras de sucesso nos Estados Unidos e Canada, respetivamente, e de Rae Yang, que tem uma longa carreira académica no Dickinson College nos Estados Unidos, este sucesso é ainda mais evidente. Já as memórias escritas em chinês não são necessariamente dos vencedores da era da reforma de Deng Xiaoping, e os que adotaram uma evocação (traumática) nostálgica da RC são sobretudo, como vimos, os *outsiders* do sucesso económico da China reformada e capitalista.

Por último, as memórias em inglês são já o resultado de um encontro entre a *chineseness* das autoras e o mundo livre e democrático da América do Norte, Grã-Bretanha ou Austrália. Tal como a nostalgia é uma reação ao presente da reforma capitalista da China, as memórias de trauma em inglês são também resultado deste encontro, porventura embate, entre os valores de uma geração doutrinada no maoísmo, e depois desiludida com o maoísmo, e os valores liberais anglo-saxónicos. Se o trauma das experiências da RC não ocorreu devido ao expatriamento – pelo contrário, argumentamos que o trauma causou a partida da China –, o discurso que se elabora sobre o trauma pode adquirir determinadas características pela circunstância de ser proferido já no mundo anglo-saxónico. No fundo, a escritoterapia específica das autoras chinesas expatriadas pode, precisamente pela experiência no país de acolhimento, revestir-se de uma forma diferente da escritoterapia das autoras de memórias de trauma em chinês. A forma como se conta o trauma para dele se tirar sentido é já produto, não só do trauma e das raízes chinesas, mas do encontro entre a *chineseness* das autoras e o mundo desenvolvido inglês. Como refere Wenying Xu (cit. em Grice, 2009) a propósito de Anchee Min, as memórias são escritas também para construir a identidade ocidental das autoras.

3.1.4. Pedidos de Perdão dos Guardas Vermelhos

Na presente década têm ocorrido algumas curiosas evocações da RC que mostram como, quase cinquenta anos depois do seu início, os eventos traumáticos desta década ainda estão vivos na sociedade chinesa e como o trabalho de *working through* do trauma coletivo está por fazer. Tratam-se dos pedidos de perdão públicos pelos antigos GV, que podemos classificar de manifestações do trauma dos agressores. Tal como as memórias de trauma da RC e como a *shanghen wenxue*, e ao contrário da nostalgia, estes pedidos de perdão mais uma vez iluminam sobretudo a violência e os aspetos negativos traumáticos da RC.

Os primeiros casos ocorreram em 2010. Em maio, um ex GV sexagenário publicitou a sua culpa e o seu pedido de perdão na revista cultural *Yanhuang Chunqiu*, por, com 16 anos,

ter assassinado um GV de uma facção rival (Zhang, 2013). Em junho, nove antigos GV enviaram uma carta aberta com um pedido de desculpas a um professor da Escola de Línguas Estrangeiras de Beijing pelos maus-tratos que lhe causaram durante a RC. Anos depois, em junho de 2013, outro ex GV comprou parte de uma página publicitária da mesma *Yanhuang Chunqiu* e, sob o título “Solene Pedido de Perdão” (“*Zhengzhong daoqian*”; *Tupian Baike*, 2013), apresentava o seu pedido de desculpas a nove pessoas, entre professores e colegas, que havia agredido no início da RC. Um mês depois, através de uma carta ao editor do jornal liberal *Southern Weekly*, um antigo professor exigiu que os seus atacantes durante os 10 anos da RC lhe pedissem desculpa, visto que apenas lhes tinham pedido, aquando da sua reabilitação, que não se vingasse (Luo, 2013). Em outubro de 2013, ainda um outro ex GV participou num *reality show* para pedir desculpas ao seu professor de matemática, que foi torturado e despedido depois de este GV lhe ter feito acusações falsas num *dazibao* (Li, 2013a).

Mas nem só os antigos GV anónimos pediram perdão. A 18 de agosto de 2013, no aniversário do primeiro grande comício de GV com Mao, em Tian’anmen, um aluno da escola Secundária nº 8 de Beijing postou na internet várias fotografias de estudantes torturando professores na escola. Queria, afirmou, lembrar que ele e os seus pares haviam sido cúmplices do desastre da RC (Li, 2013b). Depois disso, Chen Xiaolu, o filho do general Chen Yi, antigo aluno da escola e antigo GV, publicou no blogue da escola um pedido de perdão pela sua participação na violência contra professores, trabalhadores da escola e colegas. Meses mais tarde, Chen reuniu-se na sua velha escola com os seus velhos professores e pediu perdão presencialmente. Outra aristocrata do PCC pediu recentemente perdão: Song Binbin, a GV que colocou a braçadeira dos GV a Mao no comício de 18 de agosto de 1966. Foi em janeiro de 2014, numa reunião de professores e alunos da Escola Secundária da Universidade Normal de Beijing. Nesta escola ocorreu o primeiro assassinato da RC²⁷ e Song lamenta agora não ter agido para evitar esta morte (Luo, 2014).

²⁷ A professora Bian Zhongyun.

Os objetivos declarados destes ex GV são o exorcismo da culpa e a assunção da responsabilidade própria pela violência perpetrada durante a RC, em primeiro lugar. Mas Chen Xiaolu refere também o repúdio pela glorificação atual da RC por alguma parte da sociedade chinesa, bem como a preocupação de que algo semelhante torne a acontecer.

É cedo ainda para se avaliar se esta tendência de pedidos de perdão de ex GV se manterá. As assunções de culpa tiveram grande impacto nos internautas da China e houve até um site liberal que promoveu no verão de 2013 um concurso de confissões de ex GV. Contudo, o PCC pressionou e o concurso foi retirado. No mesmo sentido, alguns editais em jornais oficiais têm argumentado que o tempo para refletir e processar o luto da RC já passou. No entanto, vários sites chineses têm aplaudido estas iniciativas e pedido mais atos de contrição pública para que os que participaram na RC assumam a responsabilidade individual pelas suas ações. Zhang (2013), do site que tentou realizar o concurso de confissões, deu voz à perplexidade por ainda se pretender que toda uma nação de centenas de milhão de pessoas tenha sido vitimizada apenas por Lin Biao e o Bando dos Quatro. Em todo o caso, estes debates e pedidos de perdão, numa comunidade com tão pouca tradição no assumir publicamente os pecados, mostram como a sociedade chinesa não se pacificou face à RC nos nostálgicos anos 90. O trauma ainda não foi purgado.

3.2. Debates sobre as memórias

As memórias da RC – e, dentro destas, as memórias escritas em inglês, pela forma mais desabrida como confrontam a história oficial do período – têm sido objeto de alguma polémicas. Tal ocorre porque a carga política destas memórias torna-as parte do debate que decorre dentro e fora da China sobre o período maoista e, até, os comunismos do século XX em todo o mundo.

Uma primeira polémica revolve à volta da oposição entre a história oficial do PCC sobre a RC e as memórias (chinesas e anglo-saxónicas). Não está dentro do âmbito desta dissertação refletirmos mais uma vez sobre a complementaridade entre História e memória, nem é o nosso objeto de estudo confrontar a historiografia que se tem produzido sobre a RC, dentro e fora da China, e os factos constantes das memórias de Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min.

No entanto, é um reconhecimento implícito do poder subversivo das memórias sobre a RC que a publicação destas, tal como de todos os outros escritos sobre a RC, estejam sob controlo estrito do PCC. Oficiosamente, permite-se a publicação de livros – memórias, dicionários, ficção – que reafirmem a culpa do Bando dos Quatro e de Lin Biao, mas que não belisquem a reputação de Mao. Sintomaticamente, apenas a obra de Ting-xing Ye – que foi “rustificada” numa quinta militar e conta como a maioria das perseguições ocorreram antes da morte de Lin Biao – foi publicada também na China. As memórias de Rae Yang e Anchee Min não tiveram igual sorte. A primeira conta um assassinio pelos GV e a segunda os meandros das altas figuras da política cultural ligada a Jiang Qing, que é vista sob uma perspetiva suave e justificativa. E ambas, como já referimos, elaboram a desilusão com o maoísmo e a RC.

No final da década de 1980 o grande número de publicações sobre a RC – inicialmente encorajadas pelo PCC como legitimação do corte político ocorrido com as reformas de Deng Xiaoping – começava a tornar-se incómodo pelas questões que levantavam sobre o PCC, a atuação dos seus quadros durante a RC e o facto de não ter impedido a tal década de catástrofes. Assim, em dezembro de 1988, o Departamento de Propaganda ordenou restrições estritas às publicações sobre a RC, alegando que estas violavam “a política de solidariedade e de passar à frente” (Venkatesan, 2005: 50). Contudo, as memórias eram afinal difíceis de reprimir. Como descreve Yang (2007), tanto em 1992 como em 1997 o PCC teve de renovar as diretrizes que controlavam as publicações sobre a RC.

Uma vez que a história oficial da RC é controlada e manipulada e o PCC sanciona a amnésia sobre este período, as memórias dos indivíduos que contam as suas experiências adquirem importância acrescida. Além de se constituírem (com as suas vicissitudes e limitações) como fonte da História, são também a “memória “do povo” [...] que se ergue contra a amnésia oficial”, que se arvora em “história oral” da RC (Bonnin, 2007: 59). Por outro lado, como sucede sempre em campanhas políticas violentas, uma forma comunitária de ultrapassar o trauma é nomear e honrar as vítimas. Youqin Wang lançou em 2000 um site, entretanto bloqueado na RPC, onde pretendia introduzir o nome de todas as vítimas mortais da RC, para que servisse de memorial. As memórias da RC cumprem também essa função, ao darem conta da história de vitimização das suas autoras. Mas também por prestarem testemunho da violência sobre terceiros e da morte de outros: os professores, em *SE*, *RA* e *LBW*, as famílias de classe negras em *SE* e *LBW*, a estudante de família capitalista espancada na escola em *SE*, Little Green destruída pela repressão sexual maoísta em *RA*, a *zhiqing* violada e o exibicionista assassinado em *SE*.

Uma segunda polémica centra-se nas críticas que académicos fazem às memórias em língua inglesa, considerando que estas são apenas relatos de vitimização e que as autoras não assumem qualquer parte de responsabilidade na violência. Grice (2009: 23), referindo Xu, afirma que “as memorialistas da Revolução Cultural fogem a qualquer sentido de responsabilidade política ou social ou até repreensão pelas suas ações passadas [...] assumindo sem problemas uma perspectiva de vitimização”. E dá como exemplos *Wild Swans* e *Life and Death in Shanghai* – ainda que não se perceba, no caso desta última obra, que responsabilidade se esperaria que assumisse alguém que passou a RC quase na totalidade na prisão, que foi torturada, que perdeu a filha num assassinato político, que não vitimizou terceiros e que nunca apoiou a RC.

Também Kong (1999) contrapõe a proclamação de inocência e de vitimização de Jung Chang à candura de Rae Yang relatando os atos de violência de que fez parte. Mas se, de facto, algumas memórias poderão apresentar apenas uma perspectiva vitimizadora e adotar um “tom moral sobranceiro” (*idem*), tal não pode ser usado para caracterizar as memórias

escritas em inglês. Rae Yang, como Kong reconhece, é bastante crua nas descrições da violência em que participou contra os professores de que se queria vingar, contra a colega de escola de família negra e contra o exibicionista que o seu grupo de GV acabou por assassinar em Guangzhou. Sobre ele, Rae questiona-se: “Was he really a rapist? [...] [H]e certainly had not raped any of us. Even a convicted rapist might not get a death sentence. So what right to take the law into our own hands and beat him to death?” (Yang, 1997: 228). Anchee Min não descarta a sua cumplicidade na emboscada à colega de quinta Little Green e ao seu namorado, que conduziu à morte de ambos, e assume que aceitou repetir acusações falsas sobre a sua professora Autumn Leaves numa sessão de denúncia. E Ting-xing Ye é mais ambígua. Apesar de pertencer a uma família de origem capitalista e, conseqüentemente, ter sido geralmente vítima da RC e não agressora, também assume que escreveu uma confissão falsa após ter sido objeto de tortura do sono. E reconhece: “to my everlasting shame, I filled two pages with untruths and exaggerations” (Ye, 2000: 237). No entanto, há atos de cumplicidade na agressão a outros, bem como o abandono da filha de Ting-xing, cujas culpas ficam por assumir por esta autora.

A não assunção de responsabilidade individual por atos que prejudicaram terceiros durante a RC não é, assim, algo que se possa aplicar ao subgénero literário das memórias da RC. Contudo, mesmo nos casos em que existe branqueamento da violência das autoras das memórias, tal facto só pode ser criticado de um ponto de vista político e é feito por académicos enviesados em favor do maoísmo, como de resto sucede para toda a historiografia sobre a RC. Pye (1986) lembrou a tendência de alguns sinólogos de desprezarem os relatos sobre as violações de direitos humanos durante a RC feitos pelos chineses que escapavam da China, para que estes testemunhos não apagassem a imagem positiva da campanha de Mao. E Guo (1999: 368) critica os académicos da “Nova Esquerda” chinesa que “abandonaram a realidade pela ficção e convenceram-se que a teoria é mais fiável do que a experiência vivida”. De qualquer forma, literariamente não retira qualidade e oportunidade a uma memória que a história que conte não esteja completa. No âmbito da memória de trauma, a ausência de atos de agressão próprios numa memória pode expressar somente uma resposta traumática por trauma de agressor e ser tão

sintomática como outro caso em que a perpetração de violência é desassombadamente relatada na primeira pessoa.

O terceiro debate envolve os objetivos das autoras ao escreverem as memórias sobre o período traumático da RC quando já fora da China. Segundo Wang (2004: 114), “obras lembrando o período da Revolução Cultural pretendem preservar as feridas e manter vigilância contra repetição de calamidades do passado”. Esta constatação vai no sentido do que as próprias autoras declararam. Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min contam as suas histórias porque o passado permanece com elas; como constata Rae Yang, “I could not leave my past behind” (Yang, 1997: 1) Por isso, quiseram vertê-lo em obras literárias na forma de memórias para dele de certa forma se distanciarem, para construir do passado uma narrativa coerente e da qual possam tirar algum sentido daquilo que viveram. Para dominarem os eventos traumáticos do passado em vez de serem por eles dominadas através de repetições traumáticas sob forma de pesadelos (como no caso de Rae Yang), de persistentes sentimentos de culpa (como em Rae Yang e Anchee Min) e de vergonha (como, também, de Ting-xing Ye). No fundo, para usarem as memórias como uma forma de escritoterapia.

Se Rae e Anchee pretendem libertar-se da culpa, já Ting-xing quer afastar-se da amargura que a sua vitimização durante a RC como filha de uma família de classe negra lhe provocou. A autora não declara explicitamente as suas intenções para a escrita das memórias. Mas podemos questionar-nos se, além de contar o trauma, Ting-xing não procurará também desta forma²⁸ alcançar a sua filha que ficou na China e com quem não contacta desde então.

Mas já Rae Yang e Anchee Min declaram querer, também, manter vivos nas memórias os eventos da RC e, se possível, dá-los a conhecer às gerações chinesas mais novas, de forma que possam avaliar o maoísmo com tanta informação relevante quanto possível. Rae

²⁸ Uma versão das memórias de Ting-xing Ye foi publicada na China intitulada *O meu nome é Número Quatro*.

concluiu do seguinte modo a sua obra: “I have responsibilities beyond ones to make a living for my son and myself. Part of these is to make the lessons e learned with such tremendous sacrifice known and remembered by people in the world, including the younger generations in China” (Yang, 1997: 285). Anchee é mais contundente no prefácio das suas memórias. Afirma que o “communist government of China continues to deny its past” (Min, 1994: i) e que os historiadores fazem apenas eco das diretrizes partidárias. Também que Mao Zedong é conhecido como um herói em vez do responsável pela RC, “que trouxe destruição a cada família na nação e tomou milhões de vidas” (*idem*). Comenta “while I credit the Communist government for China’s economic success, I despise its attitude towards the past” (*ibidem*: ii) e conclui que o esquecimento da RC que o PCC preconiza é “an act of betrayal against humanity” (*idem*).

Como referimos acima, o ato de contar o trauma é sempre um ato político e, tratando-se do trauma proveniente de uma campanha maoista, essa componente política reforça-se. Assim, um padrão existente nos académicos que defendem a bondade da RC, ou de alguns aspetos parciais da RC, é o do ataque que fazem às memórias sobre este período. Clark (2008), faz o elogio técnico e artístico dos espetáculos-modelo produzidos durante a RC de forma a criticar a visão geralmente aceite de que, paradoxalmente, o período da RC foi um tempo sem produção cultural. Fá-lo assumindo que as manobras políticas de topo durante a RC relatadas por Macfarquhar e Schoenhals (2006) são reais, que a RC foi sobretudo uma jogada de Mao para destroçar a burocracia do PCC e substituí-la pelos radicais que respeitassem o seu legado revolucionário. No entanto, apesar de não contrariar esta visão perniciosa da política maoista entre 1966 e 1976, e de a sua obra não se debruçar sobre a vida quotidiana das pessoas perseguidas durante a RC, Clark não se escusa a criticar os autores das memórias sobre a RC. Sem disputar a veracidade do que é relatado nas memórias escritas em inglês, atribui-as a interesses escondidos:

“Os leitores ocidentais não podem deixar de se emocionarem por estas histórias, ainda que poucos leitores sejam capazes de avaliar os interesses por trás de muitos destes contadores de histórias familiares. Muitas destas memórias têm sido trabalho de chineses cuja posição de relativa influência política e social foram contestadas pelos Guardas Vermelhos [...]. A escrita e publicação destas memórias têm sido frequentemente parte de uma reafirmação de estatuto social”. (Clark, 2008: 3)

Esta crítica é, a nosso ver, infundada. Desde logo porque, estando os autores no mundo anglo-saxónico e tendo feito um corte deliberado com a vida na China, dificilmente o estatuto social relativo na sociedade chinesa seria um objetivo. Por outro lado, se há memórias escritas em inglês que contam histórias de famílias chinesas prestigiadas antes da RC, não se lê nestas obras esta preocupação com estatuto social. E, como vimos no caso de Rae Yang e Anchee Min, foram elas próprias GV, vitimizaram outros e nunca se revelam como vítimas dos GV. Na verdade, esta opinião de Clark é mais a preto e branco do que as memórias que critica. Clark pretende afirmar que a RC também produziu algo de bom, concretamente os espetáculos-modelo. Contudo as próprias autoras de memórias relatam episódios ocorridos nas suas vidas durante a RC que lhes foram benéficos. E apesar de todos os sacrifícios e traumas, a RC propiciou às raparigas chinesas oportunidades nas suas vidas que provavelmente não teriam sem esta campanha.

Ainda mais virulento contra todas as obras que apresentem a RC em tons negativos é Gao, na obra que apropriadamente chamou *The Battle for China's Past*. Gao critica fortemente as memórias que apresentam relatos de vitimização durante a RC, sobretudo as escritas em língua inglesa, bem como a obra de Jung Chang e Jon Halliday, *Mao, the Unknown Story*, e o livro de memórias de Li Zhisui, o médico pessoal de Mao. Em sentido contrário, apresenta a RC como um período pleno de avanços, sobretudo entre 1969 e os primeiros anos da década de 1970: “um programa massivo de infraestruturas, reformas educativas radicais, inovação experimental na literatura e nas artes, expansão dos cuidados de saúde e da educação nas áreas rurais” (Gao, 2008: 5). A confiança de Gao nos sucessos económicos do maoísmo é tal que chega a apresentar como número fiável de mortes durante o GSF o de 200.000 chineses (*idem*: 4) e desacredita os 38 milhões de mortos estimados por Chang e Halliday²⁹.

Quanto às memórias de expatriados chineses no mundo anglo-saxónico, reverbera-as por notar nelas um excesso de identificação dos autores com o Ocidente, argumento que repete exaustivamente. Engloba-as até num conspiração informal para impor uma visão negativa

²⁹ Dikotter (2011) estima o número de mortes em, pelo menos, 45 milhões de chineses.

sobre a RC que, afinal, parte da elite política mas não é partilhada pela generalidade dos chineses, que teriam uma visão complacente com a última década de governo liderado por Mao.

Torna-se difícil apontar todas as contradições dos argumentos de Gao, cuja obra pode ser apenas interpretada como uma legitimação académica da “Nova Esquerda”, de Bo Xilai, antes da ascensão de Xi Jinping e da queda de Bo em 2012. Desde logo, os sucessos da governação durante a RC que Gao apresenta têm de ser contrapostos às dramáticas consequências económicas da RC; por outro lado, ocorreram durante os períodos de influência dos políticos moderados da facção de Zhou Enlai e Deng Xiaoping, cujas políticas pragmáticas e capitalistas Gao tão efusivamente recusa no presente. Por fim, como vimos o PCC não tem qualquer estratégia atual de denúncia da RC (antes, de amnésia), sancionou a positiva visão nostálgica e aplica até um estrito controlo, pelo menos oficialmente, das publicações sobre este período por temor de que relatos demasiado chocantes possam colocar em causa a liderança do PCC nessa época. E também não se vislumbra como os autores de memórias da RC em língua inglesa possam ser de facto aliados do PCC para a apresentar em tom de negrume, quando estas memórias são bastante críticas do PCC e nem tiveram, na maioria dos casos, autorização para publicação na China.

Sobretudo, Gao recusa a autoridade moral das memórias como local em que se conta o trauma. A visão do *xia xiang* como uma violação dos direitos humanos – que reconhece existir nas democracias liberais – é negada e o autor defende que os *zhijing* tinham uma muito boa vida quando comparada com a dos camponeses. Podiam até, informa, gastar dinheiro em roupas modernas. Já a violência dos GV e dos militares até 1971 é ignorada por Gao. E também não pondera a razão de os camponeses, essa classe eleita do maoísmo, terem afinal uma vida tão cheia de pobreza e dificuldades quando apresenta o maoísmo como uma época de justiça e progresso económico. Como Gao (2008: 26) refere, os eventos apenas se tornam eventos porque são contados. E é precisamente por este poder de tornar o trauma que ocorreu em eventos, que Gao tenta refutar e silenciar as memórias.

Simetricamente, é também por esta razão que os traumas contados nas memórias são relevantes. Como afirmou Grice (2009: 13), “calhou a um grupo de mulheres expatriadas serem as porta-voz da história da emergência do comunismo no seu país.”

4. Ting-xing Ye, Rae Yang e Anchee Min: três jovens cidadinas em crise

4.1. Perseguições políticas

O trauma é uma resposta a um evento que põe em causa a integridade física ou a vida de um indivíduo, que carrega sempre (porventura pela dimensão) algum grau de susto, que ameaça o aniquilamento da pessoa, entendida como ser físico, relacional e moral. Um dos traumas primordiais das memórias de Ting-xing Ye, Rae Yang e Anchee Min são, assim, os atos de violência e os perigos de prisão (e até morte) que correram devido às perseguições políticas que lhes moveram.

Rae Yang, Anchee Min e Ting-xing Ye vieram de famílias de classe social diferentes entre si e isso ditou uma experiência diferente da RC. Rae era descendente de uma aristocrática família manchu, com pais que haviam aderido ao PCC antes de 1949 e que foram, depois, diplomatas na Suíça. Apesar de não estar ligada ao topo do PCC, fazia parte da aristocracia partidária comunista, usufruindo dos benefícios sociais e materiais (os pais acumularam consideráveis poupanças enquanto no estrangeiro) que advinham desta pertença à elite do PCC. Não só era de uma classe sociopolítica vermelha, de pedigree revolucionário, como era também de uma classe socioeconómica elevada³⁰. Anchee nasceu numa família de intelectuais: o pai era professor num instituto universitário e a mãe era professora numa

³⁰ Segundo Chan, Rosen e Unger (1980: 402), as classes vermelhas eram compostas pelas famílias de membros do PCC e do ELP revolucionários (i.e., que haviam aderido antes de 1949), dos mártires revolucionários (os que morreram na guerra contra o KMT ou na guerra sino-japonesa), de operários e de camponeses pobres. As classes médias eram compostas pelas famílias dos intelectuais, profissionais letrados, camponeses de classe média, escriturários, pequenos comerciantes. Das classes negras constavam as famílias dos capitalistas, direitistas, camponeses ricos, senhorios e contrarrevolucionários. A classe era determinada segundo o estatuto profissional e social do patriarca da família em 1949.

escola secundária. Faziam parte da classe média – tanto no seu estatuto político, como social como económico. Já Ting-xing Ye tinha uma origem de classe mais desafortunada: a família paterna era capitalista e o pai era dono de uma fábrica nacionalizada em 1956. Apesar da pobreza resultante da nacionalização – Ting-xing relata passar fome enquanto a mãe media cuidadosamente a porção de arroz para cada filho; conta ainda a vergonha sentida ao ver afixada na escola o valor da prestação social que iria receber devido à pobreza familiar – continuou a ser considerada de classe capitalista até ao fim da RC. Fazendo parte de uma das classes negras, foi objeto preferencial de perseguição durante a RC. Mas, na verdade, a classe de origem também não protegeu Rae Yang e Anchee Min de serem elas próprias e as suas famílias perseguidas. Apesar das histórias familiares e das posições sociais diversas, as três autoras foram alvo de perseguições, o que foi para todas fonte de trauma.

Oriunda de uma família capitalista e contrarrevolucionária, Ting-xing foi alvo dos GV nos meses iniciais da RC na sua escola secundária. Tudo ocorreu porque nos estágios iniciais da RC os chineses ainda eram ingénuos e ainda não haviam aprendido a mentir para se protegerem. Assim, quando na escola uma GV lhe perguntou a que classe pertencia, Ting-xing respondeu que era de classe capitalista. De imediato lhe negaram a possibilidade de ter um Livrinho Vermelho e, dias mais tarde, obrigaram-na a participar num ajuntamento de estudantes de classes negras e a ler os *dazibao* da escola.

Estes embates com os GV não foram violentos e provocaram sobretudo em Ting-xing humilhação e indignação pela injustiça: porque era publicamente proscrita pelos novos senhores da escola (os GV) e porque era pobre; o seu pai capitalista já havia morrido e não havia qualquer necessidade de a fazerem pagar por uma situação de que não tirava quaisquer benefícios materiais ou sociais. O resultado do ataque dos GV foi a decisão de passar a maior parte dos seus dias em casa em vez de na escola.

A revista à casa da família Ye pelos GV foi mais séria e mais assustadora. Conhecedores do que se passava nas revistas às casas das famílias de classes negras, Ting-xing conta como decidiu, com os seus irmãos, destruir as cinco aguarelas Ming da família Ye, os únicos bens valiosos que haviam herdado dos seus pais. Sabendo que poderiam ser punidos pelos GV se estes exemplares dos “quatro velhos” fossem encontrados em sua casa, nenhum dos irmãos Ye hesitou nessa decisão de destruir objetos que, se vendidos, lhes poderiam aliviar a apertada situação financeira e que eram a única herança recebida. Como o irmão mais velho de Ting-xing lhe fez notar, “[p]eople have been beaten to death for less” (Ye, 2000: 115).

Só em Shanghai, cidade em que residia a família Ye, em setembro de 1966 ocorreram 704 suicídios relacionados com a RC e foram assassinadas 534 pessoas (Macfarquhar, 2006: 124). No entanto, a expectativa do ataque dos GV parece ter sido mais traumática do que a própria experiência. Quando finalmente veio a revista da casa pelos GV (informada antecipadamente por um amigo do falecido pai Ye), foram protegidos de males maiores pela evidente pobreza familiar.

A experiência como alvo dos GV não se comparou com a perseguição política sofrida por Ting-xing na quinta onde foi colocada como *zhiqing*. As perseguições políticas aos *zhiqing* eram uma característica do programa, mais notória nas quintas do que nas aldeias e, dentro daquelas, nas quintas militares. A vigilância aos jovens nas quintas era constante e “uma palavra de descontentamento podia facilmente ser considerada contrarrevolucionária, e um fracasso no trabalho um ato de sabotagem” (Bonnin, 2013: 332). “As confissões eram obtidas através de tratamento severo que podia ir até à tortura, levando a uma extremamente tensa atmosfera em algumas unidades, já que qualquer pessoa podia quebrar sobre pressão e denunciar um amigo” (*idem*: 333).

Esta descrição aplica-se bem à vivência de Ting-xing. Depois de pedir a um oficial do ELP para ir a Shanghai visitar a família e receber uma recusa devido à sua classe de origem,

Ting-xing vai com a amiga Yu Hua fazer o mesmo pedido ao secretário do PCC, que acede. Durante uma sessão de crítica aos oficiais do ELP, a amiga de Ting-xing refere a injustiça da primeira recusa, o que levou à vingança persecutória do oficial denunciado. Para obterem de Ting-xing uma confissão que incriminasse a amiga, submeterem-na à tortura do sono durante catorze dias, esbofetearam-na, interrogaram-na pela noite dentro, colocaram-na em prisão domiciliária, apresentaram-na para ser criticada pelos outros *zhiqing* em sessões de luta:

“The next stage of the struggle meeting was an open invitation for people to stand up and report on “crimes” committed by the five of us. [...] When it came my turn, from behind me I heard “Ye Ting-xing has no respect for the motherland! She makes fun of everything” “Ye Ting-xing looks down on the PLA” a second woman blurted out, referring to my mimicking of Zhao’s Sichuan accent in the dorm at night. My joke about the new road, charged another, proved my “hatred of our beloved PLA was rooted in my bad blood, which had been growing since the day I was born.” [...] The imprecations, curses and insults went on and on, and my humiliation deepened with every cruel lie or false accusation. How could all of them hate me so? These were the women with whom I worked, ate and shared a dorm. If I could, I would have ended my life there and then.” (Ye, 2000: 232)

Curiosamente Ting-xing não se questiona se os que a denunciaram na sessão de luta não estariam apenas a reagir como o PLA esperava deles (e como a autora fazia quando se denunciavam outras pessoas). Ou se temeriam por perseguição própria se não se mostrassem colaborantes na denúncia da colega de quinta. Ting-xing resume a experiência:

“Two weeks without rest. I was not allowed to change my clothes. My body stank; my hair was matted with mud; my pantlegs rotted off from the alkaline water that soaked into them in the paddies. Sometimes I did not know in which room I was, or what time it was. I was profoundly disoriented.” (Ye, 2000: 236)

Até que Ting-xing cedeu e inventou falsidades para incriminar a amiga Yu Hua. Mas isso também não lhe permitiu escapar a um processo próprio, que terminou com a sentença de que deveria cumprir dois anos na quinta-prisão. Pouco depois ocorreu a deserção de Lin Biao e Ting-xing foi reabilitada, pelo que a sentença não teve qualquer alteração na sua vida. Contudo, as várias fases do processo em que foi presa, interrogada e torturada levaram a que a autora tivesse fortes tentações de se suicidar no rio da quinta.

Rae Yang foi também alvo de perseguição na sua quinta por um oficial do PCC por ter escrito uma informação errada numa ficha que havia preenchido e, mais tarde, pelos desabafos que havia escrito no seu diário. O sentimento de perigo por parte da jovem era agudo:

“Now it seemed my turn had come. Cow shed, interrogation, lice... Of course I was worried. Proletarian dictatorship was not something one would want to meddle with. [...] What can you do to me? Make me a counterrevolutionary and have me executed? So what? Save me the trouble of committing suicide.” (Yang, 1997: 243)

Para ajudar Rae, os GV de Beijing que estavam na mesma quinta contra-atacaram e o referido oficial recuou. Em todo o caso, Rae percebeu que tinha inimigos e que necessitava de estar em permanente vigilância, algo que lhe tirou o sono e lhe ofereceu pesadelos: “For suddenly I realized I had enemies who were trying to destroy me, and my instinctive reaction was to defend myself” (*idem*).

No entanto as perseguições não ocorriam só nos contextos do *xia xiang*. A atriz Soviet Wong, que ensinava as candidatas ao papel principal do filme Red Azalea, constantemente vigiava e prejudicava Anchee Min, sem razão aparente, chegando a afastá-la das lições de representação para que não tivesse possibilidades de conseguir o papel principal:

“Soviet Wong gradually dropped my lessons. She arranged for me to work in the cafeteria to help shell peas. She made me wait at the bottom of the list to receive acting lessons. Sound of Rain did not seem to object to what Soviet Wong was doing to me. [...] They both begin to say that they did not want to ever produce capitalist sprouts. I knew what was happening as did everyone else in the studio. But no one said anything. No one dared oppose Soviet Wong.” (Min, 2006: 180)

As autoridades partidárias do estúdio foram até a casa dos pais de Anchee procurar histórias incriminatórias, acusando a filha perante os pais de ser uma individualista burguesa, de atuar sempre sozinha, ser egoísta, não ter sentido de grupo. Estas acusações a Anchee despoletaram a desintegração final da mãe da autora, que já havia sido ela própria perseguida e despromovida de professora a operária:

“The instructors came before my mother gathered her guts to go and confront them. Once again it was Soviet Wong and Sound of Rain who came. [...] They wanted me to acknowledge a crime I didn't commit. They wanted me to say, Yes, I deserve to be kicked out because I am bad. My mother asked, What did my daughter do wrong? [...]

She fought to the end. She fought to the last step of the staircase. She said, Tell me what's wrong with my daughter. They said, Everything. Everything's wrong with your daughter. She said, Give me an example. They said, We don't need to. [...] My mother followed them out of the lane. She yelled before falling on the cement. She yelled, You can't make a criminal of my daughter." (*idem*: 233-234)

Herman (1997), sobre o trauma do cativo – situação que se pode aplicar às três autoras, visto que a sua liberdade de circulação e de determinação do próprio destino, durante a RC, estava fortemente constrangida pelas autoridades – escreveu:

“Não é necessário [ao perpetrador] usar violência frequente para manter a vítima com medo constante. A ameaça de morte ou dano grave é muito mais frequente [...] O medo também aumenta [...] com a imposição caprichosa de regras mesquinhas. O efeito último destas técnicas é convencer a vítima de que o perpetrador é onipotente, que a resistência é inútil e que a sua vida depende de ganhar a indulgência através de absoluto cumprimento. O objetivo é o perpetrador causar na sua vítima [...] gratidão por lhe ser permitido viver.” (Herman, 1997: 77)

As perseguições aplicadas a Rae, Anchee e Ting-xing eram não só perigosas em si mesmas (podiam resultar em pena de prisão e em tortura), mas provocavam um constante medo e, também, uma sensação de subjugação, de incapacidade de decidirem o seu destino, de estarem nas mãos de uma autoridade que lhes era hostil, que disferia golpes imprevistos e pelas costas. Durante largos períodos de tempo e sem que pudessem apresentar uma defesa honesta e direta. Acresce a isto o sentimento de traição que acompanhava os atos dos perseguidores e dos seus cúmplices. Traição das autoridades do PCC, que se esperaria que defendessem os chineses em vez de os atacarem, mas também dos seus cúmplices, que na maioria das vezes eram os pares de Anchee, Rae e Ting-xing. De quem se esperava compreensão e ajuda, nunca traição gratuita. Herman (1997: 55) aponta a existência de traição como um dos fatores que potenciam o trauma: “O dano à fé e sentido de comunidade do sobrevivente é particularmente severo quando os eventos traumáticos envolvem a traição de relações importantes”. Sendo que nas relações importantes se deve incluir a que as autoras tinham com o partido liderado por Mao.

Quando a violência do estado se abateu sobre as autoras, por vezes reprimida e apenas como sugestão de possibilidade assustadora e potencialmente mortífera, outras vezes mais

evidente e direta, foi desestruturante para as suas identidades. Não só tiveram de aprender a conviver com a falsidade, com as más intenções de outros e com medo permanente, como implicou o fim de amizades (de Ting-xing com Yu Hua), o desgaste familiar (o esgotamento da mãe de Anchee), alterações nos ritmos biológicos (as insónias de Rae) e a descrença na bondade do PCC. A vulnerabilidade aos humores da hierarquia partidária era total e, com ela, a suscetibilidade ao trauma.

4.2. No papel dos agressores

A RC não teve inocentes. Com frequência os perseguidos foram anteriormente os perseguidores. As vítimas, procurando salvar-se, denunciavam amigos ou familiares – tentando tanto provar que eram verdadeiros revolucionários como desviar de si próprias as atenções vorazes dos agressores. A violentação dos supostos contrarrevolucionários era de tal forma intrínseca à revolução que ou se participava nesta violência de grupo contra os alvos escolhidos ou se arriscava perseguição. Assim, as vítimas da RC com grande frequência foram também perpetradores de violência. E o trauma resultante da RC é tanto trauma pelas perseguições de que foram alvo, da falta de autonomia que colocava o estado decidindo todos os aspetos das suas vidas, da repressão intelectual e sexual, da falta de liberdade num estado totalitário, e de serem indivíduos descartáveis num país que apenas valorizava o coletivo, quanto trauma dos agressores. Esta é uma especificidade da RC que a diferencia das outras grandes campanhas políticas geradoras de trauma, onde maioritariamente os intervenientes se alinham ou do lado dos agressores ou do lado das vítimas.

Esta mistura entre relatos de agressão a outros com as histórias de vitimização própria são sobretudo evidentes em *SE* e *RA*. Anchee participou na expedição, liderada por Yan, para apanhar em flagrante a sua amiga Little Green e o seu amante. O que teve consequências mortais para ambos, vitimizados pela repressiva e punitiva moral sexual maoista. A ligação entre os amantes foi descoberta pela militante Lu, que violou a correspondência de Little

Green e do seu namorado. Anchee conta os resultados do encontro sexual (consentido) entre os dois jovens.

“A public trial was held in the dining hall. Little Green had undergone four days of “intensive mind rebrushing”. On a makeshift stage Little Green declared in a high, strained voice that she had been raped. The paper from which she read slipped out of her hands twice. Her bookish lover was convicted. I will never forget His expression when the death sentence was announced. [...] I thought about talking to Little Green but felt too guilty to face her. [...]

Little Green stopped washing. Months passed. Still she had not washed.. There were complaints about her smell. [...] She chopped off her long braids and stopped combing her hair. Mucus dripped from her lips. [...] She would not quit singing after midnight. She sang old operas. [...] Little Green was going mad.” (Min, 2006: 60-61)

Depois de um tempo de tratamento psiquiátrico num hospital de Shanghai, Little Green regressou à quinta, mas continuou deprimida e ausente da realidade: “I missed Little Green terribly. I would comb her hair and wash her clothes, but although her body was getting back to its original shape – she was once again slim like a willow – her mind seemed to have gone forever. Nothing I tried made her respond to me” (*idem*: 85). Finalmente, Little Green suicidou-se no rio. Min conta como o suicídio e a sua participação nesta destruição da sua amiga e do namorado ainda a assombram: “In America I have tried to bury my own memories. Yet I see Little Green’s drowned face in the fireworks on the Fourth of July” (*ibidem*: prefácio).

Outra vítima de Anchee foi a sua professora preferida, Autumn Leaves, no início da RC. Sendo esta filha de um emigrante chinês nos Estados Unidos, persuadiram Anchee de que a professora era uma espia americana que havia tentado tornar a aluna numa agente capitalista. O método: o fornecimento de livros estrangeiros de Hans Christian Andersen. Indignada, Anchee aceita denunciar publicamente a professora.

“Two strong men escorted Autumn Leaves onto the stage facing the crowd of two thousand people. [...] Her arms were twisted behind her. [...] Her hair had suddenly turned gray. Her face was colorless. A rectangular board reading “Down with American Spy” hung from her neck. Two men forced her to bow to Mao’s portrait three times. One of the men bent her left arm very hard and said, Beg Chairman Mao for forgiveness now! [...]

Don't be afraid, we are all with you, Secretary Chain said in my ear as he came to adjust the microphone. [...]

I read to the crowd that Autumn Leaves was the wolf in sheep's skin. I took out the books she loaned me and showed them to the crowd. [...] I said, now I understand why Autumn Leaves was so kind to me. She was trying to turn me into an enemy of our country, and a running dog of the imperialists!" (Min, 2006: 32-34).

Tal como os antigos GV que pediram perdão publicamente, também Anchee tentou que a professora lhe perdoasse, em vão:

"I was never forgiven. Even after twenty-some years. After the Revolution was over. It was after my begging for forgiveness, I heard the familiar hoarse voice say, I am very sorry, I don't remember you. I don't think I ever had you as my student.

It was at that meeting that I learned the meaning of the word "betrayal" as well as "punishment". [...] When my parents learned about the meeting from Blooming, Coral and Space Conqueror, they were terrified. They talked about disowning me. My mother said, I am a teacher too. How would you like to have my student do the same to me? She shut me out of the house for hours. She said being my mother made her ashamed." (*idem*: 38)

Também Rae vitimiza uma sua professora no período inicial da RC. A professora Lin havia criticado Rae publicamente por uma afirmação feita num momento de cansaço e, com a RC, chegara o momento para a vingança:

"I took up a brush pen, dipped it in black ink and wrote a long dazibao [...]. I accused her of lacking proletarian feelings toward her students, of treating them as her enemies, of being high-handed, and suppressing different opinions. [...] This, of course, was not personal revenge. It was answering Chairman Mao's call to combat the revisionist educational line." (Yang, 1997: 117).

Mas a atividade de GV de Rae tornar-se-ia ainda mais perigosa – para os outros e para a sua própria consciência. No verão de 1966, Rae participou no espancamento de uma colega de uma família de classe negra com uma doença mental:

"[W]e were interrogating a suspect who had been "arrested" by her classmates the day before. The suspect was a rather pale and thin girl of medium stature. [...] She was talking nonstop in a shrill voice.

"I am Zhang Heihe! [...] I am the dog child of a capitalist! My father, my mother, me and my younger brother. We are all dogs! We are all black!" [...]

Hearing her words, a Red Guard slowly unbuckled her belt. [...]

So we all unbuckled our belts. [...] We had to beat her into submission! We had no mercy. She had no mercy. [...] After a while we were all drenched in sweat and Zhang Heihei was soaked in blood. Her face, arms, and shoulders were covered with wounds. [...] Actually she was no heroine. She was schizophrenic. A doctor told us this the next day.” (*idem*: 229-230).

Pior viria na sua viagem com outros GV a Guangzhou. Ali duas colegas GV prenderam um homem que as tinha enredado e que suspeitavam ser um violador. O grupo inteiro interrogou o preso, que confessou todos os crimes que os GV lhe sugeriam. No meio do interrogatório, revelou ser também um exibicionista e terminou espancado até à morte pelos rapazes do grupo:

“As the interrogation went on, the man confessed that he had committed all the crimes we could think of. [...] The next thing he did was a real shock to all of us. In a shower of fists, kicks, curses and trashes, he suddenly straighted up and pulled his white cotton shorts down. He had no underwear on. So there was his thing, his penis. Large and black. [...] I was dumbfounded. I was embarrassed. I was furious. [...] All the female Red Guards ran out of the classroom. We stayed in the corridor. The male Red Guards charged forward. On their way they picked up long bamboo sticks to hit him. [...] [W]e streamed back into the classroom. We looked. He did not move. He did not breathe. This man was dead!” (*ibidem*: 138)

O arrependimento destes três casos veio ainda durante o tempo da RC, quando Rae estava no Heilongjiang e já desiludida com a revolução: “Teacher’s Lin life was not easy and I made it even harder. So perhaps I deserved what I got and it had nothing to do with deities? After some time, even that disgusting “rapist” whom we beat to death in Guangzhou came back to haunt me” (Yang, 1997: 228). Rae recomeçou a sofrer de insónia e ouvia a voz da colega Zhang Heihei durante a noite.

Este trauma dos agressores não é uma parte de somenos no trauma da RC. Como refere Herman (1997: 54),

“A violação da ligação humana, e conseqüentemente o risco de uma desordem pós traumática, está no ponto mais alto quando o sobrevivente não foi meramente uma testemunha passiva mas também um participante ativo na morte violenta ou na atrocidade. [...] Nestas circunstâncias, não foi meramente a exposição à morte mas

antes a participação em atos sem significado de destruição maliciosa que tornavam os homens mais vulneráveis ao dano psicológico permanente.”

O facto de Rae e Anchee contarem tão permenorizadamente este seu papel de agressoras, descrevendo os sentimentos que as habitaram no momento e os remorsos posteriores, é evidência de que foram eventos traumáticos e, também, de que as suas memórias são uma forma de escritoterapia. O contar deste trauma dos agressores por Anchee e Rae é, como na escritoterapia, uma forma de reencenar o evento traumático, de expelir de forma escrita o trauma e colocá-lo fora delas mesmas, de construir a história do trauma para que, já que o viveram e não têm absolvição, possam pelo menos possuir a sua história, determiná-la, integrá-la. Mas mais do que isso. Rae, no prefácio à reedição do décimo quinto aniversário de *SE*, onde faz não só a reflexão da sua vivência na RC como também do livro que resultou das suas memórias, sugere mesmo que o ato de contar o trauma pela escrita pode ser em alguns casos a única forma de contar o trauma dos agressores:

“The stories I told them and Tom, however, were quite selective. [...] The tragic ones, I was reluctant to touch. I only told a few to Tom, after he gained my trust. The truly hideous stories, I could never bring up. It was not that I wished to deceive Tom. [...] But those stories, how could I tell them to him? I did not know how to explain why we did what we did. And I really did not want Tom to think that I was an evil person, a lunatic or a fascist.

It was then that the idea of writing this book germinated in my mind. Maybe I could reveal the dark secrets to him in a book? [...] Slowly I could build a case for myself and the others Red Guards.” (Yang, 2012: xiv-xv).

Ting-xing, exceto no caso da confissão falsa sobre a sua amiga Yu Hua, depois de ser interrogada, presa e torturada, não assume mais culpas. Nem dos eventos que vitimizaram outros, em que a autora participou no meio de um coletivo (ainda que se queixasse dos indivíduos que coletivamente a atacaram nas sessões de luta) nem, sequer, do seu abandono da sua filha. Este abandono ocorreu já após a RC, mas foi mais uma das suas consequências, uma vez que foram as ocorrências da RC que impeliram Ting-xing a estudar, singrar na vida e, mais tarde, sair da China. Ting-xing inscreveu a filha, Qi-meng, num jardim de infância interno para ir estudar na Universidade de Negócios Estrangeiros em Beijing. E implicitamente culpa o marido por não a ter convencido a ficar em Shanghai com a filha – como se a decisão última não lhe cabesse a ela própria. E quando se apaixonou

por William Bell, o professor americano que a ajudou a sair da China, e decide ir estudar para o Canadá, abandonou Qi-meng definitivamente. Em nenhuma das ocasiões Ting-xing pondera como poderão as suas ações ter vitimizado a sua filha. Pela recusa de Qi-meng em ver a mãe, nas suas visitas posteriores à China de Ting-xing, esta culpa o ex-marido sem ponderar quais as consequências de atos próprios. Não revela empatia pela mágoa que a filha possa sentir por a mãe ter escolhido a liberdade no Canadá em vez de permanecer com ela.

Será que esta aparente falta de culpa em Ting-xing se deve à tal escolha deliberada pelo papel de vítima, e de apenas de vítima, de que Jung Chang também é acusada? Será que se deve à dificuldade na assunção das culpas e responsabilidades individuais que levaram a que só agora surjam publicamente os pedidos de perdão pelos antigos GV? Será falta de empatia pelo sofrimento alheio? Será uma resposta traumática de adormecimento dos sentimentos provocados pelas agressões que sofreu? Não nos é possível responder a estas dúvidas. Em todo o caso, este comportamento de Ting-xing evoca o dos *zhiqing* que se casaram enquanto no *xia xiang*, que tiveram filhos e os abandonaram nas aldeias no fim da RC para poderem regressar às cidades. Filhos que, como nos conta Berry (2008), viajaram para as cidades décadas mais tarde em busca dos seus pais. Neste sentido, ainda mais se torna a RC uma ferida que não se cura na sociedade chinesa: não só pela ferida dos que a viveram, como pela ferida dos que foram abandonados, cresceram e viveram as consequências das escolhas dos seus pais influenciadas pela experiência da RC.

4.3. O totalitarismo que esmaga o indivíduo

Outra fonte de trauma muito presente nas três memórias estudadas é a relação do estado totalitário com o indivíduo (no caso, as três autoras) e a forma como este invadia – ou pretendia invadir – todos os recantos da vivência humana, não deixando espaço a qualquer centelha de liberdade ou individualidade. No fundo, tratavam-se das consequências práticas da ideologia maoísta, que reclamava para a esfera do coletivo todas as energias,

pensamentos e sentimentos humanos, enquanto via como pecado burguês e contrarrevolucionário todos os desejos e indulgências individuais.

Um dos fatores traumatizantes da RC relacionou-se com a especificidade da experiência feminina do *xia xiang*. As raparigas que foram enviadas para os campos viviam dificuldades acrescidas. Viviam constante sobressalto pela necessidade de tentar evitar os perigos que lhes eram reservados. Ao perigo de violação de jovens educadas por camponeses, juntava-se o muito maior perigo de violações pelos oficiais do PCC, que, pelo grande poder que tinham sobre a vida dos jovens, podiam contar com a grande probabilidade de as raparigas violadas não reportarem o sucedido³¹. Depois da reforma do *xia xiang* em 1973, vários quadros do PCC acusados de violação foram presos e até executados; contudo, como a causa do problema persistiu (o poder arbitrário que os membros do PCC tinham sobre os *zhiqing*), as violações mantiveram-se numerosas. Os problemas ginecológicos também eram frequentes. Uma vez que era dado às raparigas tratamento igual ao dos rapazes, e o mesmo tipo e carga de trabalho, muitas vezes estas tinham de trabalhar dentro de água mesmo quando estavam a menstruar³². Também quando tentavam regressar às cidades as raparigas enfrentavam mais problemas, sendo comum os quadros partidários – ou os médicos que lhes passavam a recomendação de regresso à cidade por motivos de saúde (por vezes inexistentes) – exigirem em troca favores sexuais para emitirem a autorização de regresso.

Nenhuma das três autoras relata ter sofrido de violência sexual, mas era um perigo que todas sabiam correr. Ting-xing conta como foi abordada por um dos presos da sua quinta enquanto estava na latrina e como teve de fugir. Rae refere a violação de Laozimi, sua colega da quinta de porcos, pelo camponês Chen, e como este não teve punição além da alteração da sua unidade de trabalho.

³¹ Segundo números do Departamento dos Jovens Educados, só em 1976 foram reportados 10.000 casos de maus tratos a *zhiqing*, a maioria de violações (Bonnin, 2013: 97).

³² Em 1972, um levantamento numa comuna da província de Jilin mostrava que 70% das *zhiqing* raparigas tinha problemas ginecológicos (Bonnin, 2013: 258).

A esta vulnerabilidade feminina juntava-se a percepção de que os indivíduos eram descartáveis para o PCC. Depois de um acidente na quinta de Rae no Heilongjiang, o transporte do ferido para o hospital ocorreu a pé e de trator, tudo porque o oficial do ELP não autorizou que se usasse o jipe para que o ferido chegasse rapidamente ao hospital. Rae conclui então que os *zhiqing* nada valiam para o PCC: “the truth is we are turned into peasants. Peasants are never in short supply in China. [...] As peasants, our limbs are worth nothing. Our lives are worth nothing.” (Yang, 1997: 222). Para iluminar o valor relativo de cada pessoa para o PCC, a autora conta como foi descoberta um “gigantic counterrevolutionary incident”:

“Overnight, almost every house in the region was searched and who knows how many poor peasants were implicated. In our village, some fifteen were arrested. My friend Huar and her mother, Ji Daniang, were among them. Their crime was sticking needles into Chairman Mao’s face and body. In fact they did this unintentionally, for in those days Chairman Mao’s pictures were all over the newspaper the villages had used for wallpaper. So after the women sewed, if they stick the needles in the wall at the wrong places, poor peasants became active counterrevolutionaries” (*idem*: 242).

Como resultado dos excessos do culto de Mao, Rae percebia que para o PCC uma imagem de jornal de Mao tinha maior valor do que a liberdade e vida dos camponeses pobres. Esta sensação de que as autoridades que devem proteger os indivíduos e trabalhar para o bem comum afinal os viam como peças sem valor – no fundo, o sentimento de terem sido traídos pelo seu país – é ela própria traumatizante. Como nota Herman (1997: 55) sobre um naufrago da marinha americana resgatado durante a SGM,

“o paciente estava horrorizado com a compreensão de que era descartável para a sua própria gente. O desapego dos salvadores para a vida deste homem foi mais traumática para ele do que o ataque do inimigo, a dor da submersão em água fria, o terror da morte e a perda de outros homens que partilharam a aflição.”

De facto, em todos os aspetos da RC era o indivíduo que devia servir o estado e nunca o contrário. Tal levava a que o PCC interviesse também na vida amorosa dos *zhiqing*, que devia ser gerida pelos jovens de acordo com as diretivas do PCC e não com as suas próprias necessidades afetivas ou os seus sentimentos. Como descreve Anchee, de uma forma que lembra as protagonistas femininas dos espetáculos-modelo produzidos durante a RC, “A good female comrade was supposed to devote all her energy, her youth to the

revolution; she was not permitted even to think about a man until her late twenties, when marriage would be considered.” (Min, 2006: 58). E a punição do PCC caso fossem infringidas as suas regras para a vida afetiva dos *zhiqing* – como ocorreu com Little Green – não deixava de ser revoltante para os jovens educados. No caso de Anchee, foi o fator que a fez perder a fé na RC e no PCC.

Outra das queixas repetidas de Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min é a da vigilância constante a que eram submetidas em todos os ambientes na China, com a consequente diminuição de liberdade de ação e de reação. Já referimos a vigilância a que eram submetidos os *zhiqing*, tanto nos seus comportamentos como nas suas palavras, leituras e até namoros. Contudo, depois do *xia xiang* a vigilância manteve-se. Ting-xing conta como o seu estudo, na quinta e também já na universidade, foi anotado e a repreenderam por passar tempo excessivo a estudar. Também lhe fizeram saber que era suspeita de ouvir rádios estrangeiras como a Voice of America ou a BBC. Anchee Min, no estúdio onde iria ser filmado *Red Azalea*, relata que apenas era permitido falar em Mandarim: nada de dialetos locais inentendíveis para outras pessoas. A sua vontade de escrever cartas a Yan, que permanecera na quinta, também foi vista com suspeita:

“What about letters? I asked. What’s so urgent about writing letters? Soviet Wong suddenly turned to me; suspicion rose in her voice. [...] I reacted quickly to this sign of danger. I said, Oh, nothing, I was just asking.

She did not believe me. I could tell that she went on with her own thinking. You have dark circles under your eyes, which shows that you don’t sleep well. What’s your problem? We hope your promise to the Party was not a fake one. [...] She asked, Why don’t you tell us the name of the person you would like to write to so we could check to make sure that it is good for you to keep correspondence?” (Min, 2006: 164-165)

Rae Yang descreve também como no seu tempo de GV a vigilância era mútua. Todos vigiavam se os demais eram capazes de provar o seu fervor revolucionário usando a violência contra os alegados maus elementos. Enquanto espancava a sua colega de família de classe negra, diz Rae: “Other Red Guards were watching me. I was watching others. We were witnesses and judges for one another. I could not afford to let others see my weaknesses. Thus, the more uncomfortable and scared I felt, the harder I trashed Zhang Heihei” (Yang, 1997: 230-231). O mesmo ocorreu quando saiu da quinta no Heilongjiang,

foi viver em casa dos pais e encontrou um ambiente que eficazmente espiava o casal caído em desgraça: “At home they did not dare to [talk]. Even with windows closed and doors shut, the walls had ears. That is, they thought the neighbors were eavesdropping on them. [...] Espionage was these people’s speciality anyway. World class espionage.” (*idem*: 263).

A vigilância constante não tinha apenas como consequência uma diminuição da liberdade de ação das três autoras. Com esta vigilância vinha com o medo constante de denúncias por algum comportamento ou frase tirados do contexto, se não mesmo falsos, que pudessem gerar nova perseguição política e punição pelas autoridades. Vinha também a necessidade de estarem sempre de sobreaviso, com cautelas, medindo escrupulosamente os seus atos e palavras, tanto em público como em privado, uma vez que não se respeitava qualquer reserva de privacidade dos indivíduos.

A vigilância estatal – mas feita através dos concidadãos – tomava também por vezes a forma de devassa e de controlo da intimidade das autoras, tornando-se desta forma ainda mais invasiva e traumática. Anchee foi submetida a um teste de virgindade que determinava se podia continuar como candidata ao papel de protagonista no filme *Red Azalea*. E Rae viu o seu diário divulgado e usado para iniciar a perseguição política de que foi alvo durante o *xia xiang*:

“I’d never had thought that Gao, a girl who grew up in the same big yard, went to the same elementary schools and middle schools, would read my diary while I was working in the pig farm. And she reported me to the political instructor, so Yan read it too. After he read it, he asked Gao to copy parts of it. These parts Yan read to all the platoon and squad leaders. [...] After I heard this, my mind was in turmoil too. Of course I was alarmed, knowing that I was in trouble again. But I was even angrier at Gao. Not only did she read my diary without my permission, she sold me out to look good in the eyes of the political instructor. [...] Stab me in the back. Why? As far as I know, I never offended her... And Yan, the political instructor, how could he encourage a educated youth to do such a thing?” (Yang, 1997: 241-242)

Herman (1997) refere o domínio psicológico das vítimas pelos agressores como uma forma de trauma, obtido pela vigilância e controlo incessantes: “The perpetrator supervises what the victim eats, when she sleeps, when she goes to the toilet, what she wears” (Herman,

1997: 77). O agressor, no caso dos totalitarismos, vasculha também o que a vítima tem dentro da sua mente. Esta devassa era, no entanto, mais fácil em se tratando de exames ginecológicos. Apesar do potencial persecutório que as palavras de um diário tinham, Rae não se expos totalmente nos seus escritos:

“There was nothing really counterrevolutionary in my diary. In fact, it started as a revolutionary hero’s diary and toward the end all I said was I felt there was no future for us here and I wished I could leave. Even these feelings I did not spell out – I used a bunch of metaphors to suggest them. The truth was, out of the unorthodox thoughts that swarmed my head [...] about 10 percent of the least dangerous ones I picked to deal with in my diary” (Yang, 1997: 242).

Mas se havia rebelião e cautelas na hora de registrar pensamentos e sentimentos sobre o *xia xiang*, Mao, o PCC ou a RC (assim impossibilitando o desejo das autoridades de policiarem os pensamentos e sentimentos dos indivíduos), também é verdade que o único lugar a salvo do PCC, de onde este podia ser repellido e os indivíduos usufruírem de um reduto de liberdade, era a mente de cada um.

Uma outra forma de controlo totalitário presente nas memórias de Rae, Ting-xing e Anchee é a repressão exercida sobre as manifestações românticas e as experiências sexuais dos chineses. Esta repressão sexual era evidentemente herdeira do puritanismo sexual dos tempos pré-libertação de 1949, mas o maoísmo refinou este puritanismo e tornou as prevaricações mais suscetíveis de punição pública. Liu Xiaomeng compara a moral sexual maoísta à moral sexual islâmica: “A Revolução Cultural advogou uma proibição quase islâmica no desejo; o “erótico” e o “sexual” tornaram-se o maior tabu na linguagem e no discurso” (cit. em Berry, 2008: 264).

A ideologia maoísta e o seu endeusamento do coletivo entendiam que todas as energias e sentimentos dos chineses deveriam ser devotados ao PCC e à luta de classes. O casamento e a constituição de família deveriam ocorrer não só quando tal conviesse ao partido como ser também, em si mesmos, um serviço ao PCC. Daí que os jovens em idade de casar escolhessem preferencialmente parceiros de uma classe social revolucionária ou, quando

muito, das classes letradas. Desta forma mostravam a sua lealdade ao PCC e produziam filhos também revolucionários de boa cepa. Pela mesma razão as políticas do PCC determinavam que os jovens adiassem o casamento (e o início da vida sexual). Por outro lado, a realização dos anseios românticos e dos desejos sexuais eram prazeres privados, que se situavam fora da esfera do coletivo e do bem do PCC, pelo que eram repudiados por se tratarem de amor burguês.

Rae dá voz a esta convicção (que partilhou nos seus tempos de GV) no capítulo do seu livro sintomaticamente intitulado “Red Guards Had No Sex”, para no fim descobrir que a visão maoísta da sexualidade feminina era, afinal, bastante tradicional:

“Sex was bourgeois. No doubt about it! In my mind, it was something very dirty and ugly. It was also extremely dangerous. In the books I read and the movies I saw, only the bad guys were interested in sex. Revolutionaries had nothing to do with it. When revolutionaries fell in love, they loved with their hearts. They didn’t even touch hands. [...] The subject had never been taught at school. Nor was it ever discussed at home. So I did not know what the word “sex” really meant. But I knew from Aunty’s stories, the books I read, and the news that it had caused women to commit suicide and men to be locked up in prison for ten, fifteen, twenty years. Recently it had also caused many officials to fall from people’s esteem. [...] At that time I thought my conviction accorded with Chairman Mao’s teaching that a revolutionary should be a “pure person, a noble person, a virtuous, a person who is free of vulgar desires, a person who is valuable to the people.” [...] Only years later did I realize that such an attitude toward sex in a woman had another name, an ancient one. It was chastity, my dear Aunty’s name. [...] This notion undoubtedly belonged to the “four olds”. Yet somehow instead of breaking it, my fellow Red Guards and I had defended it as if it were a sacred teaching of Chairman Mao.” (Yang, 1997: 136).

Honig (2003) refere que o PCC, durante a RC, silenciou a sexualidade. Não só os protagonistas dos espetáculos-modelo eram assexuados, como o tema desapareceu de todas as publicações da época, fossem literatura ou manuais escolares. Até Jiang Qing, ao ser apresentada finalmente aos chineses como a mulher de Mao, foi-o como a “mais próxima camarada de armas do Presidente Mao” (Honig, 2003: 147). Este silenciamento foi acompanhado de violentas punições públicas para quem ousasse quebrar a moral sexual vigente: “à medida que a Revolução Cultural se desenvolvia e inimigos de classe eram identificados, a imoralidade sexual tornou-se um dos “erros” mais comuns invocados para os atacar” (*idem*: 148). Sexo pré-marital, casos extra-conjugais ou outras transgressões

eram fonte de forte censura social e punidos pelos oficiais partidários. Sem surpresa, estes ataques de imoralidade sexual eram frequentemente usados contra as mulheres e a “etiqueta prostituta tornou-se uma das mais usadas contra mulheres” (*ibidem*: 149).

Ting-xing conta como a relação sexual de dois *zhiqing* foi exposta numa sessão de luta na sua quinta:

“At one special criticism meeting, Cui read out a letter from Zhen Bao to her boyfriend, Wang Hua-shan [...] The letter had been stolen from Wang and handed over to Cui, who read Zhen Bao’s words out loud in a falsetto voice, leering and mimicking, drawing sneers and laughter from some of the crowd. “Thank god my period came yesterday”, he read. The women near me shied away from this embarrassing declaration, but soon all of us, as expected and required, were shouting in unison “Down with the hooligan Wang Hua-shan!” The next day, Wang was transferred to another sub-farm” (Ye, 2000: 247).

Vale a pena notar que Ting-xing, apesar de afirmar fazer aquilo que é esperado, não expressa qualquer remorso por ter participado nesta devassa da intimidade de outras pessoas, nem refere relutância em aceder às expectativas dos oficiais do PCC. É mais um caso de ambivalência dos papéis da RC, em que as vítimas também com frequência adotavam papéis de agressores, sem que haja qualquer responsabilização própria ou culpa pelos atos, como se o facto de terem sido atos coletivos, inseridos num grupo agindo da mesma maneira, de alguma forma os desresponsabilizasse e desculpasse.

No entanto, apesar desta moral sexual oficiosa mas férrea, a RC deu numerosas oportunidades aos jovens para iludirem a vigilância familiar e se aventurarem com experiências sexuais. Tanto nas viagens do turismo revolucionário dos GV no início da RC como nas quintas e aldeias, a proximidade e o convívio entre jovens dos dois sexos propiciava namoros e experiências sexuais. Contudo, estas tinham sempre um elemento de ilicitude e carregavam o perigo de serem descobertas, expostas publicamente e punidas, como sucedeu com Little Green e o seu amante em RA. Honig (2003) refere, neste contexto, que, sobretudo nos anos finais da RC, eram frequentes e numerosos os casos de jovens que coabitavam sem estarem casados (porque o casamento comprometia a

possibilidade de regressarem às cidades) e a gravidez de jovens educadas fora de um casamento.

A repressão sexual durante a RC não parece ter afetado Ting-xing. Rae Yang conta que a sua relação com Zhou era também sexual e que a própria autora se recusou a casar e selar o destino de ficar para sempre no Heilongjiang. Não foi perseguida nem molestada com esta sua relação romântica e sexual. Apenas a hipocrisia da moral sexual maoista, tanto pela castidade feminina imposta pelo PCC como pelos suaves castigos aos oficiais partidários que violavam as raparigas cidadinas deslocadas pelo *xia xiang*, lhe repugnava. O mesmo se passava com Ting-xing, que assistia com cinismo compreensível à angariação de amantes para Lin Liguó³³ entre as raparigas mais bonitas da quinta militar. Também nenhuma das duas autoras relata terem-lhe sido exigidos favores sexuais para que autorizassem a sua saída das quintas.

No entanto, a história de Anchee Min é toda ela uma história da sexualidade reprimida e punida durante a RC. A atração entre Yan e Leopard é ilícita e permanentemente escondida. O namoro de Little Green com outro *zhiqing* é fatídico para ambos, por ação do puritanismo militante do PCC. Nos seus encontros finais com o Supervisor, Anchee dá-nos conta de uma miríade de expressões sexuais que seriam punidas se descobertas pelos oficiais partidários, como os masturbadores e os amantes que se refugiavam no parque em que Anchee e o Supervisor se encontraram. Ou os homens que espreitavam as mulheres que faziam a sua higiene nos banhos públicos e os travestis que se disfarçavam para entrar na zona dos banhos destinada ao sexo oposto. Sobretudo, conta-nos a história da sua relação homossexual, e proibida, com Yan.

A homossexualidade era inteiramente repudiada pela moral maoista, e quem era descoberto em atos homossexuais era multado, disciplinado e até exilado para um campo de trabalho. Assim, a relação de Anchee com Yan, que era tanto afetiva como sexual, tinha de ser

³³ O filho de Lin Biao.

escrupulosamente escondida. A vigilância e as desconfianças de Lu, a rival de Yan, centravam-se acima de tudo no tipo de relação que Anchee e Yan mantinham. Pelo que a relação lésbica com Yan, que sustentou emocionalmente Anchee nos seus anos na quinta, era também fonte de medo de perseguição política e punição se fosse descoberta. Anchee relata:

“One afternoon I found my bed had been checked. [...] The next day Lu came and said she would like to have a talk with me. She asked me what I did with Yan at the brick factory. [...] You know I’ve been receiving reports from the masses on you two. She always used “the masses” to state what she wanted to say. I said, I’m sorry, I don’t understand you. She said I’m sure you understand me perfectly. She smiled. I’ve noticed you two have been wearing each other’s clothes.[...]”

The next dawn I was awakened by an unfamiliar breath in my face. I cracked open my eyes. [...] I was horrified: it was Lu. She was in our net watching us.

My heart screamed. I tried to stay in control. [...] If Lu lifted the blankets, Yan and I would be exposed naked. Lu could have arrested us immediately.” (Min, 2006: 131-132).

Anchee conclui: “She became addicted to watching us” (*idem*: 135). E, através de Lu, o PCC estava também viciado em vigiá-las. Bem como a Ting-xing e Rae, em todos os atos, até os mais íntimos.

4.4. Partida da China

“Os eventos traumáticos destroem os elos que sustentam a ligação entre o indivíduo e a comunidade”, refere Herman (1997: 214). No caso de Anchee, Ting-xing e Rae, tal destruição ocorreu nas suas ligações à China. Não só porque foram vividos neste país os eventos traumáticos, como porque a RC foi sentida e percecionada como uma traição pelas autoridades chinesas do PCC.

Caruth (1996) apresenta o ato de partir como uma parte integrante do trauma. Refere a partida de Freud para a Grã-Bretanha como uma vontade de morrer em liberdade. Na

verdade, Caruth faz mesmo equivaler partida com liberdade: “Partir, para Freud, é também uma espécie de liberdade, a liberdade de trazer o seu livro para Inglaterra, ou seja, a liberdade de trazer a sua voz para outro lugar” (Caruth, 1996: 23). Algo semelhante, de procura de liberdade, se observa nas partidas das nossas três autoras.

Para Rae Yang, Ting-xing Ye e Anchee Min, a RC determinou a sua partida da China. A visão idílica do comunismo, do PCC e de Mao por Rae e Anchee tinha-se esboroadado. A injustiça intrínseca do regime comunista fora confirmada por Ting-xing. O PCC havia-lhes tirado a liberdade de movimentos durante anos, obrigara-as a viver como camponesas, sujeitara-as a perigos como abusos sexuais e arbitrariedade e hostilidade dos oficiais do PCC, perseguira-as politicamente, abusara da sua boa-fé como GV (no caso de Rae e Anchee), incentivara-as a violentarem terceiros, revelara-lhes que eram descartáveis, apropriara-se dos seus sentimentos, afetos e, até, desejos sexuais. Partir da China representava a libertação de todas estas traições do PCC. Representava também a oficialização do corte entre Anchee, Rae e Ting-xing e a China que ocorrera com a RC.

Ting-xing teve tal vontade de sair da China que esteve disposta a pagar o preço de perder a ligação à sua filha. Rae usou todos os *guanxi* e todas as portas traseiras à sua disposição para obter a licença de partir para frequentar a Universidade do Massachussets. E Anchee encarava a partida como a sua única possibilidade de sobrevivência: “I knew that escaping China would be the only solution” (Min, 2006: 306).

A partida para os Estados Unidos e Canadá foi, assim, a escolha da liberdade para Ting-xing, Rae e Anchee. Mas também foi o último ato dos eventos traumáticos vividos na China. As autoras escolheram também levar a sua voz para o Ocidente. Para reclamarem a sua situação de sobreviventes da RC. Para poderem contar a sua história e a história daqueles que haviam morrido. Incluindo aqueles em cuja morte participaram. No fundo, para procurarem a sua cura do trauma, através da liberdade e do processo de contar a sua história e a história da RC como a conheceram. E, de caminho, para se redimirem das

próprias culpas. Para poderem prestar testemunho. Porque, como refere Rae no prefácio da edição de 2012 de *SE*, ninguém se pode dar ao luxo de esquecer o passado. Sobretudo porque o passado – complexo, ambíguo, terrífico, violento, mas também uma ode à capacidade de resistência e de sobrevivência dos seres humanos – da RC não é só parte da história chinesa ou só parte da história do comunismo ou só parte da história da humanidade. O passado da RC é uma exposição vibrante do que é capaz a natureza humana.

Conclusão

A análise das manifestações do trauma causado pela RC que estão expressas nas memórias de Rae Yang, Anchee Min e Ting-xing Ye permitem-nos retirar algumas conclusões sobre estas obras, que elenco de seguida.

1. Os livros de memórias *SE*, *RA* e *LBW*, sobre as experiências das suas autoras durante a RC, são, apesar terem sido escritos há cerca de vinte anos, objetos ainda plenos de atualidade – como de resto atesta o facto de continuarem a ser reeditados e vendidos. Esta atualidade provém da centralidade que o maoísmo e o seu expoente máximo, a RC, tem para a compreensão da China do presente. Por outro lado, a atualidade destes livros de memórias decorre do facto de o trauma da RC ser a ferida que não sarou ainda, cujas recordações levam ainda a espontâneos pedidos de perdão por antigos GV, que entusiasmam a comunicação social, que aconselha uma assunção de culpas pelos agressores da RC. E que incomodam o PCC, que pretendeu encerrar o capítulo da RC na sociedade chinesa com a resolução de 1981. Mas, imune à vontade dos oficiais do PCC, o trauma da RC perdura entre os chineses.

2. As memórias sobre a RC inserem-se no contexto mais amplo das expressões do trauma da RC, que ocorreram logo após o fim da RC e perduram até à atualidade. Estas memórias têm pontos de contacto e pontos de divergência com outras manifestações do trauma da RC.

Com a nostalgia da RC que viveu a sociedade chinesa nos anos 1990, as memórias da RC têm apenas em comum a simultaneidade temporal. A nostalgia, que pode ser considerada uma repetição traumática, é um fenómeno dos chineses mais negativamente afetados pelas reformas capitalistas da China, enquanto as memórias são produtos de mulheres expatriadas bem sucedidas no mundo anglo-saxónico. A primeira é uma evocação acrílica e embelezada da RC, enquanto as segundas confrontam cruamente os piores demónios da RC – e das autoras.

Apesar da forma diferente, as memórias da RC têm maior convergência com outras formas de evocação traumática da RC: a *shanghen wenxue* e os pedidos de perdão pelos antigos GV. Com a *shanghen wenxue*, as memórias partilham a linguagem literária, o facto de permitirem a construção de narrativas sobre a RC que enquadram tanto os eventos traumáticos – e permitem a sua integração na vida das vítimas no pós trauma – como culpas próprias dos agressores. São também, tal como as obras da *shanghen wenxue* fruto da profícua *zhiqing wenxue*. Com os pedidos de perdão dos ex GV, as memórias têm em comum o facto de serem expressão do trauma dos agressores e, por isso, de serem também uma forma de confissão de maus atos passados e uma procura de redenção.

3. As memórias de Anchee Min, Rae Yang e Ting-xing Ye são obras que contêm simultaneamente o trauma das vítimas e o trauma dos agressores. Esta é uma especificidade desta expressão do trauma que são as memórias escritas daqueles que viveram a RC enquanto adolescentes e jovens adultos. É uma característica específica dentro da literatura de trauma, que geralmente conta o trauma das vítimas. Como se viu pelas polémicas que rodeiam estas memórias, notavelmente através dos argumentos de Gao (2008) e Kong (1999) sobre a escolha da vitimização nas memórias sobre a RC, e em alguma medida também pela obra de Ting-xing Ye, também nas memórias sobre os eventos traumáticos da RC se espera encontrar uma história das vítimas. Contudo, nas três obras destas três autoras, estas colocam-se também no papel de quem agiu para vitimizar um terceiro inocente. Não sendo casos únicos dentro das memórias da RC, é contudo uma característica muito particular de *RA*, *SE* e *LBW*, dentro tanto da literatura de trauma como das memórias da RC, a coexistência do trauma dos agressores e do trauma das vítimas.

Esta característica específica de as nossas autoras terem sofrido simultaneamente de trauma dos agressores e do trauma das vítimas resulta de igual especificidade da RC, cujos agentes não raras vezes vitimizaram outros e foram posteriormente eles próprios vítimas. No entanto, mesmo nas evocações traumáticas da RC geralmente os dois traumas não coexistem na mesma personagem. Os intelectuais sentem-se apenas vítimas da RC. Os

antigos GV que pedem perdão veem-se apenas como agressores. Na *shanghen wenxue* as personagens geralmente dividem-se em vítimas e perpetradores, cada um com o seu trauma. Assim, também no âmbito das manifestações do trauma da RC estas memórias são objetos distintos por provirem de autoras que foram sem dúvida vítimas da RC mas que simultaneamente, com as suas ações, perseguiram ou ajudaram à perseguição de outros.

4. As memórias da RC escritas pelas três expatriadas Anchee Min, Rae Yang e Ting-xing Ye são formas de escritoterapia. Como recomenda Herman (1997), demonstram as emoções que as habitaram no momento da vivência do trauma. Na linha de Laub (1992), evidenciam a culpa do sobrevivente. E, como Henke (2000) nota sobre as obras de escritoterapia que estudou, as nossas três autoras pretendem atribuir um sentido à história traumática que viveram através da construção de uma narrativa que lhes permita de certa forma possuir o evento traumático, em vez de serem possuídas pelo trauma. As três autoras procuram estabelecer a sua própria identidade através da sua narrativa e pretendem de alguma forma retirar ao evento traumático a capacidade que teve de determinar a vida das autoras sem qualquer contemplação pela sua vontade. Se não puderam determinar nada no evento traumático, pelo menos as nossas autoras determinam como revelam esse evento ao mundo, e estabelecem os termos de como contam a sua história.

Estas memórias da RC são sobretudo interessantes por serem formas de escritoterapia do trauma dos agressores. Como reconhece Rae Yang na reedição de 2012 de *SE*, os pecados que não se podem contar verbalmente (por vergonha ou medo das reações adversas dos ouvintes) podem ser contados por escrito. Contar o trauma envolve sempre dificuldades e a escritoterapia pode mitigar de alguma forma a ‘impossibilidade de contar’ o trauma que tão bem descreve Laub (1992). Os tempos são os do autor, as palavras podem ser afinadas e medidas de uma maneira que numa palestra, numa conversa ou numa consulta é mais difícil, a reação dos interlocutores (que são leitores em vez de ouvintes) é mais distante, o que se conta e o que se deixa de contar é pesado com mais ponderação, o processo de contar é feito nos termos do autor (em vez de se sujeitar à disponibilidade e até à limitação temporal dos ouvintes). Uma folha branca, no papel ou no computador, é sempre um

interlocutor mais dócil do que um ouvinte. É, também, um interlocutor que não julga. Desta forma, seria um caminho interessante para o estudo da teoria do trauma analisar de que forma a escritoterapia pode ser uma forma preferencial do processo de contar – e, conseqüentemente, de curar – o trauma dos agressores.

Fontes

Min, Anchee (2006; 1ª edição 1994), *Red Azalea*, London: Bloomsbury Publishing.

Yang, Rae (1997), *Spider Eaters*, Berkeley: University of California Press.

--- (2012), *Spider Eaters, 15th Anniversary Edition*, Berkeley: University of California Press.

Ye, Ting-xing (2000; 1ª edição 1997), *A Leaf in the Bitter Wind*, London: Bantam Books.

Bibliografia

Andreas, Joel (2002), «Battling over Political and Cultural Power during the Chinese Cultural Revolution», *Theory and Society*, nº 31, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 463-519.

--- (2007), «The Structure of Charismatic Mobilization: A Case Study of Rebellion During the Chinese Cultural Revolution». *American Sociological Review*, vol. 72, nº 3 Junho 2007, Washington, D. C.: American Sociological Association, pp. 434-458.

Andrews, Julia F. (2010), «The Art of the Cultural Revolution», King, Richard, *Art in Turmoil, The Chinese Cultural Revolution, 1966-76*, Vancouver: UBC Press, pp. 27-57.

Bai, Limin (1998), «Review of Spider Eaters by Rae Yang», *The China Journal*, nº 39, January 1998, pp. 118-120, www.jstor.org/stable/2667707.

Baike.com (2013), «Zhengzhong Daoqian», http://tupian.baike.com/a4_78_13_01300001248577137154134675433_jpg.html?prd=zhen gwenye_left_neirong_tupian.

Berry, Michael (2008), *A History of Pain, Trauma in Modern Chinese Literature and Film*, New York: Columbia University Press.

Bonnin, Michel (2007), «The Threatened History and Collective Memory of the Cultural Revolution's Lost Generation», *China Perspectives*, nº 2007/4, Hong Kong: French Center for Research on Contemporary China, pp. 52-64.

--- (2013; 1ª edição 2004), *The Lost Generation, The Rustification of China's Educated Youth (1968-1980)*, Hong Kong: The Chinese University Press.

Brown, Jeremy (2006), «Staging Xiaojinzhuang: The City in the Countryside, 1974-1976», Esherick, Joseph W., Pickowicz, Paul G. e Walder, Andrew G. (ed.), *The Chinese Cultural Revolution as History*, Stanford: Stanford University Press, pp. 153-184.

Bryant, Lei Ouyang (2005), «Music, Memory, and Nostalgia: Collective Memories of Cultural Revolution Songs in Contemporary China», *The China Review*, vol. 5, nº 2, Fall 2005, pp. 151-175,

www.academia.edu/9199883/_Music_Memory_and_Nostalgia_Collective_Memories_of_Cultural_Revolution_Songs_in_Contemporary_China._The_China_Review_5_2_151-175.

Caruth, Cathy (1996), *Unclaimed Experience, Trauma, Narrative and History*, Baltimore: John Hopkins University Press.

--- (2013), *Literature in the Ashes of History*, Baltimore: John Hopkins University Press.

Chan, Anita, Rosen, Stanley e Unger, Jonathan (1980), "Students and Class Warfare: The Social Roots of the Red Guard Conflict in Canton", *The China Quarterly*, No. 83 (Autumn, 1980), Londres: School of Oriental and African Studies, pp. 397-446.

Chan Ching Yee (1997), *From Docile Students to Ferocious Red Guards, A Study of the Mentality and Behaviour of Politicized Youths in Guangzhou, 1963-1968*, The HKU Scholars Hub, The University of Hong Kong,
<http://hub.hku.hk/bitstream/10722/39403/1/FullText.pdf>.

Cheek, Timothy (2002), *Mao Zedong and China's Revolution, A Brief History with Documents*, Boston: Bedford/St. Martin's.

Chen, Tina Mai (2011), «Use the Past to Serve the Present; The Foreign to Serve China», Wang, Ban, *Words and Their Stories, Essays on the Language of the Chinese Revolution*, Leiden: Brill, pp. 206-225.

--- (2011), «They Love Battle Array, Not Silks and Satins», Wang, Ban, *Words and Their Stories, Essays on the Language of the Chinese Revolution*, Leiden: Brill, pp. 263-281.

Cheng, Nien (1995; 1ª edição 1986), *Life and Death in Shanghai*, London: Flamingo.

Clark, Paul (2008), *The Chinese Cultural Revolution, A History*, Cambridge: Cambridge University Press.

--- (2010), «Model Theatrical Works and the Remodelling of the Cultural Revolution», King, Richard, *Art in Turmoil, The Chinese Cultural Revolution, 1966-76*, Vancouver: UBC Press, pp. 167-187.

--- (2012), *Youth Culture in China, From Red Guards to Netizens*, Cambridge: Cambridge University Press.

China Daily (2013), «Former Red Guard Issues Public Apology»,

http://www.chinadaily.com.cn/china/2013-08/15/content_16895040.htm.

Davies, David J. (2005), «Old Zhiqing Photos: Nostalgia and the Spirit of the Cultural Revolution», *China Review*, vol. 5, n° 2, Special Issue on: Collective Memories of the Cultural Revolution, Fall 2005, Chinese University Press, pp. 97-123,

<http://www.jstor.org/stable/23462032> (accedido a 22/3/2015).

--- (2007), «Visible Zhiqing: The Visual Culture of Nostalgia among China's Zhiqing Generation», Lee, Ching Kwan e Yang, Guobin, *Re-envisioning the Chinese Revolution, The Politics and Poetics of Collective Memories in Reform China*, Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press, pp. 166-192.

Davin, Delia (2010), «Gendered Mao: Mao, Maoism and Women», Cheek, Timothy, *A Critical Introduction to Mao*, Nova Iorque: Cambridge University Press, pp. 196-218.

Denton, Kirk A. (2003), «Literature and Politics: Mao Zedong's "Talks at the Yan'an Forum on Art and Literature"», Mostow, Joshua S. *et al*, *The Columbia Companion to Modern East Asian Literature*, Nova Iorque: Columbia University Press, pp. 463- 469.

Di, Bai (2003), «The Cultural Revolution Model Theatre», Mostow, Joshua S. *et al*, *The Columbia Companion to Modern East Asian Literature*, Nova Iorque: Columbia University Press, pp. 496-501.

--- (2010), «Feminism in the Revolutionary Model Ballets: The White-haired Girl and The Red Detachment of Women», King, Richard, *Art in Turmoil, The Chinese Cultural Revolution, 1966-76*, Vancouver: UBC Press, pp. 188-202.

Dikotter, Frank (2011; 1ª edição 2010), *Mao's Great Famine, The History of China's Most Devastating Catastrophe, 1958-1962*, London: Bloomsbury Publishing.

Dittmer, Lowell (1988), «Mao Zedong and the dilemma of revolutionary gerontocracy», McIntyre, Angus, *Aging and Political Leadership*, Melbourne: Oxford University Press Australia, pp. 151-180.

Elliott, Mark (1998), «Review of Spider Eaters: A Memoir by Rae Yang», *Journal of Asian Studies*, vol. 57, nº 3 (August 1998), pp. 844-846, www.jstor.org/stable/2658774.

Fallaci, Oriana (2011), *Interviews with History and Conversations with Power*, New York: Rizzoli International Publications.

Felman, Shoshana e Laub, Dori (1992), *Testimony, Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*, New York: Routledge.

Fokkema, Douwe (1991), «Creativity and Politics/1976 and the Emergence of “scar literature”», Macfarquhar, Roderick e Fairbank, John K., *The Cambridge History of China*, Cambridge: Cambridge University Press.

Freud, Sigmund (2009, 1ª ed. 1909), *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, Lisboa: Relógio D'Água.

--- (1961, 1ª ed. 1920), *Beyond the Pleasure Principle*, New York: Norton & Company.

--- (2001; 1ª edição 1962), ‘The Aetiology of Hysteria’, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, London: Vintage Books.

--- (s/ ed.; 1ª edição 1939), *Moses and Monotheism*, Letchworth: The Garden City Press.

--- e Breuer, Josef (2001; 1ª edição 1955), ‘Studies on Hysteria’, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume II*, London: Vintage Books.

Fu, Hualing (2005), «Re-education through Labour in Historical Perspective», *The China Quarterly*, nº 184, December 2005, Londres: School of Oriental and African Studies, pp. 811-830.

Ganito, Tânia (2012), «Evocations of the Unspeakable: Trauma, Silence and Mourning in Contemporary Chinese Art», Agostinho, Daniela, Antz, Eliza e Ferreira, Cátia, *Panic and Mourning, The Cultural Work of Trauma*, Berlim/Boston: Walter de Gruyter, pp. 161-179.

Gao, Mobo (2008), *The Battle For China's Past, Mao & the Cultural Revolution*, London: Pluto Books.

- Gewurtz, Margo (2008), «The Afterlife of Memory in China: Yang Jiang's Cultural Revolution Memoir», *ARIEL: A Review of International English Literature*, vol. 39, issue 1-2, Calgary: University of Calgary Press, pp. 29-45.
- Gilbert, Kate (1998), «Children of the Revolution», *The Women's Review of Books*, vol. 15, n° 8, May 1998, pp. 1+3-4, www.jstor.org/stable/4022960.
- Gold, Thomas B. (1991), «Youth and the State», *The China Quarterly*, n° 127, Special Issue: The Individual and the State in China, September 1991, Londres: School of Oriental and African Studies, pp. 594-612.
- Grice, Helena (2009), *Asian American Fiction, History and Life Writing, International Encounters*, Nova Iorque: Routledge.
- Guan Chajia (2013), «Hongweibin Daoqian, Geti Fansi Mizu Zhengui», *Xin Jing Bao/The Beijing News*, http://epaper.bjnews.com.cn/html/2013-06/19/content_441376.htm?div=-1.
- Haaken, Janice (1996), «The Recovery of Memory, Fantasy and Desire: Feminist Approaches to Sexual Abuse and Psychic Trauma», *Signs*, vol. 21, n° 4, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 1069-1094.
- Henke, Suzette A. (2000), *Shattered Subjects, Trauma and Testimony in Women's Life-Writing*, New York: St. Martin's Press.
- Herman, Judith (1997, 1ª ed. 1992), *Trauma and Recovery, The Aftermath of Violence – from Domestic Abuse to Political Terror*, New York: Basic Books.
- Hernandez, Beatriz (2012), *Recordar na China: Duelo entre o silêncio, a nostalgia e a utopia*, ensaio não publicado.
- (2014), *Mao, China Y Los "Otros"*, Lisboa: Instituto Internacional de Macau.
- Hershatter, Gail (2007), *Women in China's Long Twentieth Century*, Berkeley: University of California Press.
- Ho, Dahpon David (2006), «To Protect and Preserve: Resisting the Destroy the Four Olds Campaign, 1966-1967», Esherick, Joseph W., Pickowicz, Paul G. e Walder, Andrew G.

(ed.), *The Chinese Cultural Revolution as History*, Stanford: Stanford University Press, pp. 64-95.

Honig, Emily (2003), «Socialist Sex, The Cultural Revolution Revisited», *Modern China*, vol. 29, n° 2, April 2003, London: Sage Publications, pp.143-175.

Hua, Yu (2011), *China in Ten Words*, Nova Iorque: Pantheon Books.

Huang, Cary (2013), «Chen Xiaolu apologises for torture of teachers at Beijing alma mater», *South China Morning Post*,
<http://www.scmp.com/news/china/article/1332588/chen-xiaolu-apologises-torture-teachers-beijing-alma-mater>.

Huang, Yibing (2007), *Contemporary Chinese Literature, From the Cultural Revolution to the Future*, Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

Huang, Yiju (s.d.), *Tapestry of Light, Aesthetic Afterlife of the Cultural Revolution*, tese não publicada.

Hughes, Christopher (2006), «Rewriting the Cultural Revolution: From Centre to Periphery», *The China Quarterly*, vol 188, December 2006, Londres: School of Oriental and African Studies, pp.1098-1108.

Hunt, Nigel C. (2011, 1ª ed. 2010), *Memory, War and Trauma*, Cambridge: Cambridge University Press.

Ip, Hung-Yok (2003), «Fashioning Appearances, Feminine Beauty in Chinese Communist Revolutionary Culture», *Modern China*, London: Sage Publications, pp. 329-361.

Isbister, Dong Li (2009), *The “Sent-Down” Body Remembers: Contemporary Chinese Immigrant Women’s Visual and Literary Narratives*, The Ohio State University,
https://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=osu1259594428&disposition=inline.

Jian, Guo (1999), «Resisting Modernity in Contemporary China, The Cultural Revolution and Postmodernism», *Modern China*, vol. 25, n° 3, July 1999, Londres: Sage Periodicals Press, pp. 343-375.

Jian, Guo, Song, Yongyi e Zhou, Yuan (2006), *Historical Dictionary of the Chinese Cultural Revolution*, Lanham: Scarecrow Press.

Jiang, Yarong e Ashley, David, *Mao's Children in the New China*, New York: Routledge.

Joseph, Jeremy S. e Gray, Matt J. (2008), 'Therapeutic Writing', Reyes, Gilbert, Elhai, Jon D. e Ford, Julian D. (eds.), *The Encyclopedia of Psychological Trauma*, New Jersey: John Wiley and Sons.

Kaplan, E. Ann (2005), *Trauma Culture, The Politics of Terror and Loss in Media and Literature*, New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

King, Richard and Walls, Jan (2010), «Introduction: Vibrant Images of a Turbulent Decade», King, Richard, *Art in Turmoil, The Chinese Cultural Revolution, 1966-76*, Vancouver: UBC Press, pp. 3-24.

Knight, Deirdre Sabina (2003), «Scar Literature and the Memory of Trauma», Mostow, Joshua S. et al, *The Columbia Companion to Modern East Asian Literature*, Nova Iorque: Columbia University Press, pp. 527-532.

Kong, Shuyu (1999), «Swan and Spider Eater in Problematic Memoirs of Cultural Revolution», *Positions*, nº 7:1, Durham: Duke University Press, pp. 239-252.

Kwong, Julia (1988), *China Revolution in China's Schools, May 1966 – April 1969*, Stanford: Hoover Institution Press.

LaCapra, Dominick (2001), *Writing History, Writing Trauma*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Lacan, Jacques (1998, 1ª ed. 1973), *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis, The Seminar of Jacques Lacan, Book XI*, New York: Norton & Company.

--- (2001), *Écrits, a Selection*, New York: Routledge.

Larson, Wendy (1999), «Never This Wild, Sexing the Cultural Revolution», *Modern China*, vol. 25, nº 4, October 1999, Londres: Sage Publications, pp. 423-446.

--- (2009), *From Ah Q to Lei Feng, Freud and the Revolutionary Spirit in 20th Century China*, Stanford: Stanford University Press.

Lee, Bennett (1979), «Introduction», *The Wounded, New Stories of the Cultural Revolution*, 77-78, Lu Xinhua e outros, Hong Kong: Joint Publishing, pp. 1-7.

Lee, Ching Kwan e Yang, Guobin (2007), «Introduction: Memory, Power and Culture», Lee, Ching Kwan e Yang, Guobin, *Re-envisioning the Chinese Revolution, The Politics and Poetics of Collective Memories in Reform China*, Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press, pp. 1-20.

Leenhouts, Mark (2003), «Culture Against Politics: Roots Seeking Literature», Mostow, Joshua S. et al, *The Columbia Companion to Modern East Asian Literature*, Nova Iorque: Columbia University Press, pp. 533- 540.

Leese, Daniel (2010), «Mao the Man and Mao the Icon», Cheek, Timothy, *A Critical Introduction to Mao*, Nova Iorque: Cambridge University Press, pp. 219-239.

--- (2011), *Mao Cult, Rhetoric and Ritual in China's Cultural Revolution*, Nova Iorque, Cambridge University Press.

Leys, Ruth (2000), *Trauma, a Genealogy*, Chicago: The University of Chicago Press.

Li, Amy (2013), «Liberal website pulls 'Cultural Revolution confession' writing contest», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/news/china-insider/article/1298787/liberal-website-pulls-cultural-revolution-confession-writing>.

--- (2013 – a), «Shandong man apologises on TV for attacking teacher during Cultural Revolution», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/news/china-insider/article/1328553/shandong-man-apologises-tv-attacking-teacher-during-cultural>.

--- (2013 – b), «Son of China's war hero apologises for attacking teachers during Cultural Revolution», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/news/china-insider/article/1298306/son-chinas-war-hero-apologises-attacking-teachers-during-cultural>.

Li, Raymond (2013), «Remorse over Cultural revolution sparks media debate», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/comment/insight-opinion/article/1297429/remorse-over-cultural-revolution-sparks-media-debate>.

--- (2014), «Song Binbin's Cultural Revolution apology sparks national remorse call», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/comment/insight-opinion/article/1408595/song-binbins-cultural-revolution-apology-sparks-national>.

Lu, Xinhua (1979), «The Wounded», *The Wounded, New Stories of the Cultural Revolution*, 77-78, Lu Xinhua e outros, Hong Kong: Joint Publishing, pp. 9-24.

Lu Xinyuan (1994), «A Step Towards Understanding Popular Violence in China's Cultural Revolution», *Pacific Affairs*, vol. 67, n° 4, Winter 1994-1995, pp. 533-563, Vancouver: University of British Columbia.

Luckhurst, Roger (2008), *The Trauma Question*, New York: Routledge.

Lu, Xiuyan (1994), «A Step Toward Understanding Popular Violence in China's Cultural Revolution», *Pacific Affairs*, n°4, Winter 1994-1995, Vancouver: University of British Columbia, pp. 533-563.

Luo, Chris (2013), «Red Guard remorse stirs ex-offical to seek apology from his attackers», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/news/china/article/1274550/red-guard-remorse-stirs-ex-offical-see-apology-his-attackers>.

--- (2014), «Another Communist Party princeling apologises for Cultural Revolution Atrocities», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/news/china-insider/article/1404484/another-war-hero-descendant-apologises-conduct-during-cultural>.

Luz, Camila Borges (Jul./Dez. 2009), «Trauma: a ferida que fica», *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, n° 08, Porto Alegre: Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, pp. 127-147.

Macfarquhar, Roderick e Schoenhals, Michael (2006), *Mao's Last Revolution*, Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.

Meisner, Maurice (1982), *Marxism, Maoism and Utopianism, Eight Essays*, Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.

McIsaac, Heather K. and Eich, Eric (Apr., 2004), «Vantage Point in Traumatic Memory», *Psychological Science*, vol. 15, nº 4, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, pp. 248-253.

Moran, Patricia (2007), *Virginia Woolf, Jean Rhys, and the Aesthetics of Trauma*, New York: Palgrave Macmillan.

Nance, Kimberly A. (2006), *Can Literature Promote Justice? Trauma Narrative and Social Action in Latin American Testimonio*, Nashville: Vanderbilt University Press.

Nanchu (2001), *Red Sorrow*, New York: Arcade Publishing.

Peng, Chunhui (2009), *The Geopolitics of memory production in China, Hong Kong, and Anglo-America: reading memoirs of the Chinese Cultural Revolution from 1980 to 2006*, EScholarship, University of California, <https://escholarship.org/uc/item/0k26n30b>.

Porter, Stephen and Peace, Kristine A. (May, 2007), «The Scars of Memory: A Prospective, Longitudinal Investigation of the Consistency of Traumatic and Positive Emotional Memories in Adulthood», *Psychological Science*, vol. 18, nº 5, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, pp. 435-441.

Pye, Lucian (1986), «Reassessing the Cultural Revolution», *The China Quarterly*, nº 108, Dezembro 1986, Londres: School of Oriental and African Studies, pp. 597-612.

--- (2000), «The Thin Line Between Loyalty and Treachery in Mao's China», *The China Journal*, nº 44, Julho 2000, Camberra: University Printing Service, pp. 145-152.

Qin, Liyan (2006), «The Sublime and the Profane: A Comparative Analysis of Two Fictional Narratives about Sent-down Youth», Esherick, Joseph W., Pickowicz, Paul G. e Walder, Andrew G. (ed.), *The Chinese Cultural Revolution as History*, Stanford: Stanford University Press, pp. 240-263.

- Rene, Helena K. (2013), *China's Sent-Down Generation, Public Administration and the Legacies of Mao's Rustification Program*, Washington D.C.: Georgetown University Press.
- Ricoeur, Paul (2006, 1ª edição 2000), *Memory, History, Forgetting*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Roth, Michael S. (2012), *Memory, Trauma, and History*, New York, Columbia University Press.
- Salvador, Mario C. (s/ data), «El Trauma Psicológico: Un Proceso Neurofisiológico con Consecuencias Psicológicas», *Revista de Psicoterapia*, vol. XX, nº 80, Barcelona: Revista de Psiquiatría y Psicología Humanista, pp. 5-16.
- Schoenhals, Michael, ed. (1996), *China's Cultural Revolution, 1966-1969, Not a Dinner Party*, Londres: M. E. Sharpe.
- Shobe, Katherine Krause and Kihlstrom, John F. (Jun., 1997), «Is Traumatic Memory Special?», *Current Directions in Psychological Science*, vol. 6, nº 3, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, pp. 70-74.
- Snyder, Richard (s/ data), «Chongqing», *Dicks Travel and Production*, <http://www.dicksdoings.com/dicksadventures/CHONQING.HTML>.
- Spence, Jonathan (1999), *Mao Zedong*, Nova Iorque: Viking.
- Su, Yang (2006), «Mass Killings in the Cultural Revolution: A Study of Three Provinces», Esherick, Joseph W., Pickowicz, Paul G. e Walder, Andrew G. (ed.), *The Chinese Cultural Revolution as History*, Stanford: Stanford University Press, pp. 96-123.
- Tal, Kali (1996), *Worlds of Hurt, Reading the Literatures of Trauma*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Taschen, Benedickt, ed. (2011), *Chinese Propaganda Posters*, Koln: Taschen.
- Teiwes, Frederick (2010), «Mao and His Followers», Cheek, Timothy, *A Critical Introduction to Mao*, Nova Iorque: Cambridge University Press, pp. 129-168.

Thurston, Anne F. (1996), «The Politics of Survival: Li Zhisui and the Inner Court», *The China Journal*, n° 35, Janeiro 1996, Camberra: ANU Printing Service, pp. 97-105.

Unger, Jonathan (1979), "China's Troubled Down-to-the-Countryside Campaign", *Contemporary China*, Vol. 3, No. 2 (Summer 1979), pp. 79-92,
https://www.academia.edu/7224439/Jonathan_Unger_Chinas_Troubled_Down-to-the-Countryside_Campaign_Contemporary_China_Vol._3_No._2_Summer_1979_pp._79-92.

U. S. Department of Veterans Affairs, «DSM-5 Criteria for PTSD»,
http://www.ptsd.va.gov/professional/PTSD-overview/dsm5_criteria_ptsd.asp.

Venkatesan, Hari (2005), *Cultural Revolution And Collective Memory: The Case of the Five Intellectuals*, Scholarbank NUS, National University of Singapore,
<https://escholarship.org/uc/item/0k26n30b>.

Volkan, Vamik D. (2000), «Traumatized Societies and Psychological Care: Expanding the Concept of Preventive Medicine», *Mind and Human Interaction*, n° 11, Charlottesville, Va. : Center for the Study of Mind and Human Interaction, pp.177-194.

Walder, Andrew G. (2009), *Fractured Rebellion, The Beijing Red Guard Movement*, Cambridge: Harvard University Press.

--- (2015), *China Under Mao, A Revolution Derailed*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Walder, Andrew G. e Su, Yang, «The Cultural Revolution in the Countryside: Scope, Timing and Human Impact», *The China Quarterly*, n° 173, March 2003, pp. 74-99,
www.jstor.org/stable/20058959.

Wang Ban (2004), *Illuminations from the Past, Trauma, Memory and History in Modern China*, Stanford: Stanford University Press.

--- (2013), «Conclusion, In the beginning is the word: popular democracy and Mao's Little Red Book», *Academia*,
https://www.academia.edu/8257913/Popular_Democracy_and_Maos_Redbook.

Wang Gungwu (2005), «Within and Without: Chinese Writers Overseas», *Journal of Chinese Overseas*, vol. 1, n° 1, May 2005, Manila: International Society for the Study of Chinese Overseas, pp. 1-13.

Wang, Youqin (2007), «Finding a Place for the Victims, The Problem in Writing the History of the Cultural Revolution», *China Perspectives*, n° 2007/4, Hong Kong: French Center for Research on Contemporary China, pp. 65-74.

Wang Zheng (2005), «"State Feminism"? Gender and Socialist State Formation in Maoist China», *Feminist Studies*, vol. 31, n° 3, Fall 2005, pp. 519-551, www.jstor.org/stable/20459044.

Weathers, Frank W. e Keane, Terence M. (2008), 'Trauma, Definition', Reyes, Gilbert, Elhai, Jon D. e Ford, Julian D. (eds.), *The Encyclopedia of Psychological Trauma*, New Jersey: John Wiley and Sons.

Wiel, Reina van der (2014), *Literary Aesthetics of Trauma, Virginia Woolf and Jeanette Winterson*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Wu Nan (2013), «Former Red Guard apologises to his victims of Cultural Revolution», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/news/china/article/1256747/former-red-guard-apologises-his-victims-cultural-revolution>.

Xiong, Gu (2010), «When We Were Young: Up to the Mountains, Down to the Villages», King, Richard, *Art in Turmoil, The Chinese Cultural Revolution, 1966-76*, Vancouver: UBC Press, pp. 107-118.

Yang, Guobin (2003), «China's Zhiqing Generation, Nostalgia, Identity, and Cultural Resistance in the 1990s», *Modern China*, vol. 29, n° 3, July 2003, Nova Iorque: Sage Publications, pp. 267-296.

--- (2005), «Introduction: Gilded-Age Memories of the Cultural Revolution», *The China Review*, vol.5, n° 2, Fall 2005, Hong Kong: Chinese University Press, pp.1-11.

--- (2007), «"A Portrait of Martyr Jiang Qing": The Chinese Cultural Revolution on the Internet», Lee, Ching Kwan e Yang, Guobin, *Re-envisioning the Chinese Revolution, The Politics and Poetics of Collective Memories in Reform China*, Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press, pp. 287-316.

Yang, Min (2012), *Revolutionary Trauma and Reconfigured Identities: Representing the Chinese Cultural Revolution in Scar Literature*, Education & Research Archive, University of Alberta, <https://era.library.ualberta.ca/public/view/item/uuid:ed9caea8-a7a5-4deb-a00a-c0eaa3068cf1/>.

Zhang Lijia (2013), «Soul-searching needed to avoid repeat of the Cultural Revolution crimes», *South China Morning Post*, <http://www.scmp.com/comment/insight-opinion/article/1342077/soul-searching-needed-avoid-repeat-cultural-revolution>.

Zhang Ming (2013), «Zai Bu Daoqian Jiu Chi Le», *21 Century Com*, http://www.21ccom.net/articles/ljsd/ljj/article_2013082390439.html?bsh_bid=276756131

Zhang Rui (2013), «Former Red Guard issues apology», *China.Org.Cn*, http://www.china.org.cn/china/2013-06/18/content_29156308.htm.

Zheng, Xiaowei (2006), «Passion, Reflection, and Survival: Political Choices of Red Guards at Qinghua University, June 1966-July 1968», Esherick, Joseph W., Pickowicz, Paul G. e Walder, Andrew G. (ed.), *The Chinese Cultural Revolution as History*, Stanford: Stanford University Press, pp. 29-63.

Zhong, Xueping (2011), «Women Can Hold Half the Sky», Wang, Ban, *Words and Their Stories, Essays on the Language of the Chinese Revolution*, Leiden: Brill, pp. 227-247.

Zhou, Xueguang e Hou, Liren, «Children of the Cultural Revolution: The State and the Life Course in the People's Republic of China», *American Sociological Review*, vol. 64, n° 1, February 1999, pp. 12-36, <http://www.jstor.org/stable/2657275>.

Anexo A

Cronologia da Revolução Cultural Chinesa

10 de novembro de 1965 – Yao Wenyuan publica no Diário Wenhui, de Shanghai, uma crítica à peça histórica *Hai Rui Despedido do Seu Cargo*, de Wu Han, sob uma encomenda de Mao Zedong e Jiang Qing. Foi o primeiro movimento de ataque de Mao à burocracia partidária.

16 de maio de 1966 – Distribuição da zhongfa [1966] 267, que inicia a RC e declara a perseguição a ‘representantes da burguesia que se infiltraram no partido, no governo, no exército e nas várias esferas da cultura’ (Jian et al, 2006: xix).

25 de maio de 1966 – Afixação do primeiro *dazibao* da RC, por Nie Yuanzi, na Universidade de Beijing.

29 de maio de 1966 – Estudantes formam o primeiro grupo de GV na Escola Secundária da Universidade Qinghua.

3 de junho de 1966 – A Comissão Permanente do Politburo, sob Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, aprova o envio de grupos de trabalho para as escolas e universidades para liderar a RC.

13 de junho de 1966 – As aulas são suspensas nas escolas e universidades.

18 de julho de 1966 – Mao regressa a Beijing e retira o seu apoio aos grupos de trabalho.

29 de julho de 1966 – Os GV da Escola Secundária do Instituto de Aeronáutica de Beijing afixam um *dazibao* que institui a teoria da linha de sangue e sanciona ataques aos filhos das famílias politicamente problemáticas.

1 de agosto de 1966 – Mao escreve aos GV da Escola da Universidade de Qinghua manifestando o seu apoio.

5 de agosto de 1966 – Mao escreve o *dazibao* “Bombardeiem os Quarteis-Generais” atacando Liu Shaoqi e Deng Xiaoping. Ocorre o primeiro assassinato da RC, de Bian Zhongyun na Escola Secundária da Universidade Normal de Beijing.

12 de agosto de 1966 – Lin Biao substitui Liu Shaoqi como número dois de Mao e torna-se o seu herdeiro aparente.

18 de agosto de 1966 – Mao participa no primeiro megacomício de GV em Tian’anmen e declara guerra aos “quatro velhos”.

5 de setembro de 1966 – É garantida acomodação e transporte gratuitos aos jovens que viajarem para trocarem experiências revolucionárias.

26 de novembro de 1966 – Ocorre o último megacomício de GV em Tian’anmen.

16 de janeiro de 1967 – O editorial do jornal Bandeira Vermelha incita à tomada de poder dos organismos da burocracia chinesa e ao estabelecimento de Comitês Revolucionários que assegurem a administração pública.

5 de fevereiro de 1967 – É fundada a Comuna Popular de Shanghai.

27 de julho de 1968 – Mao envia grupos de propaganda do ELP para terminar a violência entre as facções na Universidade Qinghua.

28 de julho de 1968 – Mao recebe os líderes dos GV de Beijing de forma a terminar o conflito entre facções de GV.

Agosto de 1968 – É estabelecido o poder militar em todos os comitês revolucionários e as universidades são encerradas.

22 de Dezembro de 1968 – É publicada a diretiva que impõe a generalização do “shang shan xia xiang”.

27 de junho de 1970 – A Universidade de Beijing e a Universidade Qinghua recomeçam a admitir estudantes, escolhidos segundo critérios políticos.

12 de setembro de 1971 – O alegado plano de Lin Ligu para assassinar Mao é abortado. Lin Biao e a família morrem num acidente de avião numa tentativa de deserção para a União Soviética.

10 de março de 1973 – Mao reabilita Deng Xiaoping e nomeia-o vice-primeiro-ministro.

Abril de 1973 – Reintrodução, promovida por Deng Xiaoping, dos exames como parte dos critérios de admissão às universidades.

18 de janeiro de 1974 – Mao inicia a campanha ‘Denunciar Lin, Denunciar Confúcio’, destinada a atacar Zhou Enlai.

8 de janeiro de 1976 – Zhou Enlai morre.

28 de janeiro de 1976 – Mao propõe Hua Guofeng para substituir Zhou Enlai.

26 de março de 1976 – Ocorrem demonstrações de luto pela morte de Zhou Enlai em Nanjing.

4 de abril de 1976 – Festival Qingming. Milhões visitam Tian’anmen para prestar tributo ao falecido Zhou Enlai.

5 de abril de 1976 – Mao autoriza a polícia e os militares a usarem a violência para dispersarem os que protestavam contra os excessos da RC em Tian’anmen.

9 de setembro de 1976 – Mao morre.

6 de outubro de 1976 – Hua Guofeng manda prender o Bando dos Quatro, terminando assim a RC.

Anexo B

Breve biografia das Autoras depois da partida da China

Rae Yang

Rae Yang partiu da China para os Estados Unidos, onde tirou um mestrado em 1985, na Universidade do Massachussets, e, em 1991, um doutoramento na mesma universidade sobre histórias sobrenaturais durante a Dinastia Qing. É atualmente, e desde 1990, professora de Língua e Literatura Chinesa no Dickinson College, no estado da Pensilvânia. Como conta em *Spider Eaters*, casou, teve um filho, e divorciou-se. A sua área de especialização académica é a ficção chinesa moderna e pré-moderna. Os seus interesses de investigação são a crítica literária psicanalítica, língua chinesa, folclore chinês, literatura comparativa e escrita autobiográfica.

Visita a China duas vezes por ano, para visitar o seu pai e os alunos do Dickinson College que estudam, durante o seu primeiro ano, na Beijing Daxue.

Ting-xing Ye

Ting-xing chegou ao Canadá em 1987, país onde casou com William Bell, académico e autor de vários livros de ficção, e onde tem residido desde então. Atualmente vive em Orillia, junto ao Lago Ontário. Trabalhou como auxiliar de educação de crianças, bancária e secretária. Publicou o seu livro de memórias *A Leaf in the Bitter Wind* em 1997 e tem

publicado regularmente desde então, entre livros infantis e ficção e não-ficção para jovens adultos. É também autora das obras *Three Monks, No Water* (1997), *Weighing The Elephant* (1998), *Share The Sky* (1999), *White Lily* (2000), *Throwaway Daughter* (2003), *My Name is Number Four* (2007), *Mountain Girl, River Girl* (2008), *The Chinese Thought of It* (2009), *Permission to Work* (2010).

Um dos seus livros de ficção, *The Throwaway Daughter*, publicado em 2003, conta a história de uma jovem rapariga chinesa, abandonada em criança, que é adotada por uma família canadiana e que viaja para a China à procura de encontrar a sua família biológica. A separação e o reencontro entre uma filha perdida com a sua família é um tema de alguma forma também autobiográfico para Ting-xing Ye, que continua a tentar, nas suas viagens a Shanghai, recuperar a sua relação com a sua filha que ficou na China. O seu objetivo é levar Qi-meng para o Canadá, de forma que a filha viva num país com maior liberdade.

Anchee Min

Anchee, com a ajuda da atriz Joan Chen, partiu para os Estados Unidos em 1984 para frequentar um curso no Art Institute of Chicago. Trabalhou em vários empregos mal pagos, como empregada de restaurante, enquanto frequentava a universidade. Foi violada e quase assassinada por um companheiro de apartamento durante este período, e casou com um artista também de origem chinesa, de quem teve uma filha, Lauryann. O casamento falhou pela apatia e preguiça do marido e, após o divórcio, Anchee mudou-se para a Califórnia. Com Lauryann, Anchee descreve-se como uma “mãe tigre”, muito exigente e empenhada na educação da filha. Atualmente vive em San Francisco com o seu segundo marido, Lloyd Lofthouse, um veterano do Vietname que é também autor de vários livros.

Anchee publicou *Red Azalea* em 1994 e, desde então, tornou-se uma escritora de sucesso e uma celebridade literária. Escreve sobretudo ficção e novelas históricas, mas em 2013 publicou um novo livro de memórias da sua experiência como imigrante nos Estados

Unidos: *The Cooked Seed*. É também autora de *Katherine* (1995), *Becoming Madame Mao* (2000), *Wild Ginger* (2002), *Empress Orchid* (2004), *The Last Empress* (2007) e *Pearl of China* (2010).